



O Algodão *Sem Veneno* do Assentamento Queimadas, na Paraíba:
Agentes Sociais, alinhamento em rede, produção e comercialização



Isabel Martins Moreira
PPGAS - UFRN
Dezembro de 2012

O Algodão *Sem Veneno* do Assentamento Queimadas, na Paraíba:

Agentes sociais, alinhamento em “rede”, produção e comercialização.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Natal, 19/ 12/ 2012

Aluna: Isabel Martins Moreira

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elisete Schwade UFRN

Presidente - PPGAS - UFRN

Prof. Dr. Edmundo Pereira

Examinador Interno - PPGAS - UFRN

Prof. Dr. Fernando Rabossi

Examinador Externo - IFCS - UFRJ

Profa. Dra. Francisca Miller

Examinador Interno – PPGAS - UFRN

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa. Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha mãe, Maria Helena, e à minha irmã, Anamaria, sem cujo apoio dificilmente teria concluído esta dissertação.

À minha Orientadora, Professora Elisete Schwade, devo a condução do processo de construção que me levou ao presente texto, assegurando-me a liberdade para encontrar um caminho próprio, sem descuidar do rigor da disciplina antropológica, orientando-me com paciência, compreensão e sabedoria.

Aos membros desta Banca Examinadora, agradeço. Inicialmente, ao Professor Edmundo Pereira, que acompanhou este trabalho desde sua formulação inicial, quando ingressei pela primeira vez no Programa, em 2008; suas leituras cuidadosas e a percepção dos objetivos que eu almejava me apontaram muitos caminhos para que pudesse chegar até aqui. Agradeço ao Professor Fernando Rabossi, a quem procurei no Rio de Janeiro - quando quase desisti de concluir o mestrado - por ter-me recebido e incentivado a dar continuidade, inclusive me apresentando ao Núcleo de Economia e Cultura (NUCEC), cujos seminários e debates enriqueceram meu processo de aprendizado. Sua presença nesta banca examinadora muito me honra. Agradeço ainda à Professora Francisca Miller pela leitura deste trabalho e por me ajudar a construir uma bibliografia sobre questões do meio ambiente.

Ao Professor Carlos Guilherme Valle agradeço pelas sugestões de leituras que pude realizar no período de um mês em que fiz pesquisas na Biblioteca do PPGAS-Museu Nacional, durante o programa de intercâmbio PROCAD UFRJ/UFRN. Meu agradecimento e respeito também vai para os demais professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN, especialmente à Professora Eliane Tania Freitas, que muito contribuiu nas primeiras formulações do trabalho e à Professora Lisabete Coradine, pelo apoio e amizade.

À Natasha, na Secretaria, agradeço por ter sido sempre prestativa no atendimento das minhas necessidades como aluna da instituição, assim como Diego que a antecedeu.

Em campo, a lista de pessoas a quem tenho de agradecer é extensa. Primeiramente devo mencionar Maysa Gadelha por ter me apresentado a Seu Zé Sinésio iniciando a rede de interlocutores que construí em mais de 4 anos; ela mesma, assim como Marina, Carol, Pablo e Alan, que trabalham na Coopnatural, se inserindo nessa rede e me ajudando a compor um dos

eixos deste trabalho.

Com respeito ao assentamento eu gostaria de, antes de mais nada, declarar minha admiração por essas pessoas que foram de uma enorme gentileza e amizade na forma de me receber e às quais eu jamais poderei retribuir. As histórias de vidas e lutas desses que se transformaram em amigos para uma vida toda me emocionam e me inspiram. Com medo de esquecer alguém, agradeço primeiramente a Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete; Vânia e Alexandre; Dona Zete e Seu Pequeno, que me fizeram sentir como se estivesse em casa. Além desses, agradeço a Susana, Patrícia, Pedrinho, Leandro, Léo, Neidinha, Elias, Andre, Jacó, Graça, Adeilma, João Batista de Dona Nenê, Dinho, Amaral e Tita, Antônio de Pedro e Nitinha, Peixoto, Mario Pereira, Careca, e o presidente da associação João Batista. Em Lagoa de Jogo, Maria José e Seu Chico; Seu Paulo e esposa; e Seu Nivaldo. Em Campina Grande, Magda, Thais e a querida Dona Alice que vai ser sempre lembrada com carinho.

Na Arribaça a lista também é extensa: Marenildo, Melchior, Marenilson, Ranyfábio, Junior, Fabiana, Carliandro, João Carlos, Walmir, Nilson, Seu Heleno, Antônio Junio, Ana Cristina, e ainda as amigas Izabel Cristina, Amália e Eliane foram fundamentais na articulação da pesquisa no assentamento, além de serem valiosos informantes dos estilos de vida agrestinos. Também deles tenho muito orgulho e torço para o sucesso do projeto político e individual deste grupo.

Duas contribuições práticas foram bastantes valiosas: devo agradecer a Virgilio Roma pelo uso do apartamento em Natal; e a David Deharbe pelo empréstimo do carro que, por duas vezes, me levou ao assentamento.

Por último gostaria de agradecer a Gretel Echazú, Elisa Almeida, Jorge Melo, Susana Rocha e Stéphanie Campos, meus colegas de mestrado. Nosso grupo de estudos foi fundamental para a consolidação do conhecimento que trazíamos das leituras e debates em sala de aula, além de fazer dos dois anos em que convivemos intensamente dois dos anos mais divertidos que vivi até hoje. A vocês dedico este trabalho.

**O Algodão *Sem Veneno* do Assentamento Queimadas, na Paraíba:
Agentes sociais, alinhamento em rede, produção e comercialização.**

RESUMO:

Este trabalho busca analisar as relações sociais em torno do Algodão *Sem Veneno* do Assentamento Queimadas e os significados, para um grupo de agricultores no agreste paraibano, da necessidade de se produzir uma agricultura *sem veneno*. No município de Remígio, PB, a experiência de um agricultor em plantar algodão sem o uso de agrotóxicos é o ponto de partida para um alinhamento de agentes sociais em “rede” para a produção e comercialização do algodão *sem veneno*. Composta por empresários que transformam a matéria prima em bem de consumo, mediadores associados a ONG Arribaça e os próprios agricultores, o que vem sendo reconhecido com Rede Paraíba de Algodão Agroecológico é o contexto que liga a mercadoria aos mercados consumidores de produtos “verdes” influenciado pelo que é aqui definido como “ethos ecológico”.

Palavras-chave: Algodão, Agroecologia, Ethos Ecológico, Rede, Paraíba.

ABSTRACT:

This work aim on analyzing the social relationships around the “cotton without poison” produced at a rural settlement named Queimadas, in Paraíba, Brazil, and the meanings to a group of producers at this barren land area, of the need to have an agriculture without the use of toxic products. In Remígio, Paraíba, one man's experience in cultivating cotton without poison is the starting point to the alignment of “social agents” on a network to cultivate, e commercialize “cotton without poison”. Formed by businessmen, mediators associated to the NGO Arribaça and the producers themselves, what has been known as “Paraíba Agroecologic Cotton Network” is the context that connects the commodity to “green” products consumer markets under the influence of what's here defined by "ecologic ethos”.

Keywords: Cotton, Agroecology, Ecologic Ethos, Network, Paraíba.

INTRODUÇÃO	02
1. O Algodão <i>Sem Veneno</i> do Assentamento Queimadas.	19
1.1. O Ouro Branco e o Semiárido Paraibano - Cana de açúcar x Algodão.	20
1.2. Lagoa de Remígio	27
1.3. A Luta pelas Terras da Fazenda Queimadas.	32
1.4. “O tempo, Deus é quem manobra, a gente faz só os planos”: Seu Zé Sinésio e as pesquisas do algodão <i>sem veneno</i> .	45
2. "Ethos Ecológico" e o Espírito do Ambientalismo?	67
2.1. Apontando para uma "Economia Verde".	72
2.2. O "Verde" do Mercado e da Coopnatural.	79
2.3. O "Verde" da Agroecologia e da Arribaça.	86
2.4. A Rede Paraíba de Algodão Agroecológico	94
2.4.1.V Seminário da rede Semiárido de Algodão Agroecológico.	105
2.4.2. III Festa da Colheita do Algodão Agroecológico	109
3. A argumentação sobre a necessidade de se produzir <i>sem veneno</i> no assentamento Queimadas	114
3.1. É <i>sem veneno</i> porque “meu pai” plantava assim.	115
3.2. É <i>sem veneno</i> porque veneno custa caro.	131
3.3. É <i>sem veneno</i> porque veneno mata a gente.	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
BIBLIOGRAFIA	142
QUADROS DE FOTOS	146

INTRODUÇÃO

Meu objetivo neste trabalho é descrever os processos sociais que levam a formação do que vem sendo reconhecido como Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, identificar os atores sociais e as diferentes interações na produção e argumentação da necessidade de se produzir *sem veneno* e identificar reflexos destes processos na construção da visão de mundo de um grupo de agricultores no assentamento Queimadas.

Desde o início da elaboração deste trabalho, com a entrada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN, eu tinha a idéia de que para atingir meus objetivos este trabalho deveria relacionar de alguma forma o consumo de produtos orgânicos, resultado de uma agricultura sem agrotóxicos, à produção do algodão *sem veneno* no assentamento Queimadas. Minha curiosidade ia além do cotidiano de meus anfitriões no assentamento, e uma das questões que se colocava é como a vida destes homens e mulheres no semiárido paraibano estava relacionada ao mercado internacional de moda e confecções. Com o trabalho de campo mais avançado percebi que esta conexão se dava justamente no alinhamento de agentes sociais em rede para incentivar a produção e fazer a ponte com o mercado de consumo.

A Antropologia social desenvolveu conceitos para analisar a metáfora de redes sociais, como forma de entender a influência dessas ramificações de vínculos entre pessoas e grupos no comportamento humano¹. Esta metáfora foi depois apropriada por setores da sociedade para orientar formas de organização onde uma pluralidade de atores que mantém alguma relação entre si compartilham um objetivo comum, enquanto mantém objetivos pessoais específicos. A Rede Paraíba de Algodão Agroecológico é um exemplo de como uma pluralidade de atores de características heterogêneas se relacionam diretamente, em maior ou menor intensidade, com o objetivo de manter a produção de algodão *sem veneno* na Paraíba comercialmente "sustentável".

Embora tenha dedicado um tópico a análises morfológica, interacional e do conteúdo da rede, a rede social não foi o sistema analítico escolhido para conduzir a narrativa dos dados construídos a partir das pesquisas de campo e bibliográfica. A importância econômica e simbólica do algodão para história do Brasil, e para os agricultores no agreste paraibano, me fez acreditar que esta substância deveria ser colocada como o elemento de

¹ MITCHELL (1974)

conexão entre os agentes sociais e em volta dela construída uma análise sobre as relações sociais decorrentes da comercialização do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas no ambiente da Rede Paraíba de Algodão Agroecológico. A antropologia contemporânea tem desenvolvido estratégias para estudar as relações sociais criadas em torno da circulação de "coisas". Em "Sweetness and Power: The Place of Sugar in Modern History", Sidney Mintz relaciona o aumento do consumo do açúcar na Europa à implementação de um sistema de produção conhecido como "Plantation" no "novo mundo" das conquistas do século XVI. Baseado na monocultura e mão de obra escrava, a alta produtividade dos canaviais geridos no sistema conhecido como "Plantation" levou ao desenvolvimento na Inglaterra de um "gosto" pelo açúcar que ganhou até apelido, "sweet tooth", que pode ser traduzido com "dente doce"; apesar da expressão não ser usada na língua portuguesa, é bastante difundida, ao menos nos Estados Unidos, para classificar aqueles que consomem muito açúcar. Antes considerado uma especiaria com propriedades medicinais, foi necessária uma política abrangente de setores da sociedade para criar um mercado consumidor para o a produção abundante de açúcar que se fazia nas colônias. Ao descrever a trajetória do açúcar Mintz disse esperar explicar "*o que o açúcar revela sobre um mundo mais amplo, promovendo como faz, uma longa história de relações mutáveis entre pessoas, sociedades e substâncias*"². Arjun Appadurai, na Introdução da coletânea de artigos publicados com o título de "A Vida Social das Coisas"³, traça diretrizes em direção ao que ele chama de "uma antropologia das coisas", na minha opinião, reforçando as idéias de Mintz ao propor que: "*Focando nas coisas que são trocadas, ao invés de simplesmente nas formas ou funções de troca, é possível argumentar que o que cria o link entre troca e valor é uma política construída abrangentemente.*"⁴ Seguindo este raciocínio, pretendo argumentar que o conceito de valor embutido no algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, ao contrário do algodão convencional negociado nos mercados de valores, com cotações de preço resultantes de uma equação financeira que equilibra oferta e demanda, é resultado de uma política desterritorializada, identificada por mim como "ethos ecológico" ou "ética ecológica", difundida por setores da sociedade civil e encampados por governos e pelo sistema financeiro mundial, sujeita a interpretações e com reflexos na construção de visões de mundo locais.

Visando criar um modelo para análise antropológica, Appadurai sugere que toda

² MINTZ (1986: xxiv e xxv). Tradução livre

³ "The Social Life of Things: Commodities in cultural perspective"

⁴ APPADURAI (1996: 3). Tradução livre

coisa, assim como as pessoas, tem uma vida social, e que observar a totalidade de sua trajetória pode revelar as relações sociais que se estabelecem ao seu redor. Para o autor, no decorrer desta trajetória uma coisa pode entrar e sair de uma fase em que pode ser considerada uma mercadoria, quando um valor atribuído a ela por alguém que não esteja envolvido no seu processo de produção, vai fazer com que este alguém esteja disposto a sacrificar outra coisa para obtê-la, “*uma situação em que seu potencial para troca (passado, presente ou futuro) por outra coisa é sua característica socialmente relevante*”⁵, tornando-se objeto de análise sociológica. Para sistematizar a análise, Appadurai sugere que a situação mercantil, em que uma coisa é tida como mercadoria pode ser desmembrada em 3 eixos: (1) a fase mercantil na vida social de qualquer coisa; (2) a candidatura de qualquer coisa ao estado de mercadoria; e (3) o contexto no qual a mercadoria vai circular até chegar ao consumidor.⁶

Seguindo o sistema proposto para identificar as relações em torno de uma coisa, no primeiro capítulo desta dissertação eu vou descrever a trajetória do algodão *sem veneno* produzido no assentamento Queimadas, dos dias de glória em que era considerado o Ouro Branco, passando por uma fase de retração na produção até quase desaparecer, e o ressurgimento na forma de algodão *sem veneno*, “agroecológico” ou “orgânico”⁷. O algodão é um produto silvestre do agreste no nordeste do Brasil e desde os primeiros anos da colonização portuguesa fez parte da balança comercial. Com o desenvolvimento de uma agricultura baseada em tecnologias de difícil acesso pela agricultura familiar, que historicamente produzia o algodão, a produtividade local sofreu uma redução em relação a de outras regiões, gradativamente perdendo valor. A década de 1980 viu uma praga chamada Bicudo atacar as lavouras de algodão que perdem o status de mercadoria, deixando praticamente de ser comercializado. Um agricultor, Seu Zé Sinésio, inconformado com a perda na fonte de renda, e depois de ter testemunhado por acaso um pé de algodão florescer sem ser atacado pelos Bicudos, passou a fazer observações e experiências até conseguir um arranjo no roçado onde conseguia produzir algodão sem o uso de veneno. Este movimento inicia a "escalada" do algodão *sem veneno* da Paraíba a uma nova fase em que pode ser considerado uma mercadoria. No decorrer do processo descritivo evidenciam-se as relações formadas historicamente entre trabalhadores rurais na cana de açúcar, pequenos agricultores e os grandes

⁵ APPADURAI (1996: 13)

⁶ Idem

⁷ Enquanto *sem veneno* é a categoria a qual os agricultores se referem ao descrever o algodão que plantam, os agentes ligados ao desenvolvimento o classificam como “agroecológico” e o mercado de consumo internacional como “orgânico”. As duas últimas categorias, a partir de agora, estarei grafando sem aspas.

proprietários de terra. Relações de caráter cultural, econômico e político que se estabelecem na região do agreste alto da Paraíba e são formadoras do cotidiano local que em parte resiste até hoje.

Mas para que fosse atribuído valor econômico ao algodão do assentamento era necessário o que Appadurai classifica como “Commodity Candidacy”, *"padrões e critérios (simbólicos, classificatórios e morais) que definem o potencial de troca de coisas em qualquer contexto social e histórico particular"*⁸, e eu acredito pode ser melhor interpretado como um comportamento social favorável ao consumo daquela "coisa".

O século XX foi marcado pela emergência de uma preocupação com o meio ambiente em que vivemos, os recursos naturais que alimentam a reprodução das sociedades humanas no planeta e, em última instância, a sustentabilidade da vida das espécies em um planeta desgastado pela exploração que vem sendo apontada como insustentável dos recursos naturais e do trabalho humano. A percepção destes problemas deu origem a um movimento identificado como “Ambientalismo” que estabelece princípios que devem orientar o comportamento das sociedades humanas, rurais e urbanas, na utilização de recursos naturais como os solos e a água, e as opções de consumo, reduzindo a propagada degradação do ambiente em que vivemos, e estendendo a noção de pertencimento a este grupo para além de fronteiras territoriais. Para Geertz, os elementos que compõe a moral e a estética estabelecidas por uma cultura fazem parte do "ethos" de um povo, a minha perspectiva é de que, apesar de não estar associado a um povo no sentido dos vínculos territoriais e de família, os parâmetros do ambientalismo podem ser considerados formadores de um grupo de pessoas que compartilham uma mesma ética, ou “ethos ecológico”. No segundo capítulo eu vou analisar os processos que permitem a elaboração e difusão deste "ethos ecológico" que vai, no que se mostra mais relevante para esta pesquisa, permitir uma nova segmentação no mercado de vestuário, que acomoda os fenômenos de moda, a partir de uma predisposição social para absorver produtos considerados “ecologicamente corretos”, ou seja, ambiental e socialmente sustentáveis. Em última análise, o algodão produzido *sem veneno* no assentamento Queimadas, sob orientação de Seu Zé Sinésio, vai atingir uma condição de mercadoria devido ao valor embutido a ele por um segmento da população mundial que acredita que a vida no planeta está em risco, e que modificações nas práticas de produção e consumo das sociedades ditas ocidentais contemporâneas devem ser orientadas por novos padrões de comportamento

⁸ APPADURAI (1996: 14). Tradução livre.

condizentes com o "ethos ecológico".

Depois que Seu Zé Sinésio conseguiu produzir algodão *sem veneno* ele passou ainda alguns anos negociando o produto com atravessadores nas feiras locais por preços muito abaixo do mercado determinados por estes comerciantes, e onde se misturava ao pouco algodão que continuou a ser produzido na região com uso intensivo de agrotóxicos. Foi quando Seu Zé chegou ao assentamento Queimadas que o algodão *sem veneno* que produzia encontrou um caminho para chegar ao mercado consumidor identificado com o ambientalismo, o que Appadurai chama de "*the commodity context*". No assentamento Seu Zé aumentou sua rede de relações sociais até então restrita a *patrões*, compadres e vizinhos, políticos e lideranças sindicais, todos no âmbito local de sua moradia, e conheceu Melchior, pesquisador da EMBRAPA Algodão, que se interessou em comprovar suas pesquisas. Com os resultados positivos foi Melchior quem difundiu a informação de que um agricultor estava produzindo algodão *sem veneno* no assentamento Queimadas, atraindo um empresário de São Paulo que passou a negociar diretamente a compra do algodão. Para acompanhar a produção e preparar mais agricultores para aumentar a produção do algodão *sem veneno*, o empresário paulista Jorge Yaminne, da YD Confecções, contratou colaboradores da Arribaça, ONG fundada por Melchior, seus irmãos e colegas de faculdade, em Remígio, para dar assistência técnica rural aos agricultores interessados em plantar o algodão, formando o primeiro núcleo da Rede Paraíba de Algodão Agroecológico e apontando para o que seria a tônica da rede, uma cooperação entre agricultores, técnicos agrícolas ligados a uma organização não governamental e sem fins lucrativos, e empresários para produzir o algodão *sem veneno* destinado à venda direta do produtor à indústria, sem atravessadores. Ainda no segundo capítulo eu vou mostrar como a Rede Paraíba de Algodão Agroecológico se transforma no contexto que vai conectar a mercadoria em questão, o algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas a este comportamento social resultante da difusão de um "ethos ecológico", levando ao mercado consumidor, brinquedos, roupas, artigos de decoração fabricados com o algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas.

Destrinchadas as relações que surgem dos processos sociais em torno do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, no terceiro capítulo eu vou buscar os significados que os agricultores atribuem a esta produção *sem veneno*; como a participação na rede afeta o cotidiano das famílias; e os antagonismos que surgem na vivência dos ideais ambientalistas

com as práticas produtivas no assentamento. A partir dos dados construídos no trabalho de campo, eu identifiquei três categorias para classificar a argumentação sobre a necessidade de se plantar *sem veneno*. Primeiro os agricultores associam a produção *sem veneno* ao orgulho e a tradição de seus antepassados, é *sem veneno* porque seus pais plantavam assim, porque os manejos tradicionais não usam veneno e o combate às pragas era feito com base em conhecimentos herdados de gerações passadas. Outro motivo argumentado para não se usar veneno está centrado na questão econômica, “é *sem veneno* porque veneno custa caro”. A chegada do que ficou conhecido como “revolução verde”, um pacote de tecnologias de combatentes e fertilizantes químicos para agricultura, elevou o custo da produção, inviabilizando o lucro de pequenos agricultores sem terra. Sem acesso aos organismos de financiamento a chamada agricultura familiar de subsistência, que movimenta uma economia onde os recursos monetários são escassos, se viu forçada a permanecer livre dos venenos e hoje compensam a menor produtividade com o valor agregado ao produto produzido sem veneno, certificado e comercializado como orgânico.

A expansão da atividade de organizações sociais sem fins lucrativos na gestão de projetos para o desenvolvimento rural faz aumentar o contato entre agricultores e agentes destas instituições empenhados em difundir os conceitos ambientais trabalhados na esfera global. Agricultores que participaram desta pesquisa dizem ter sido a partir de palestras e vídeos apresentados em reuniões organizadas por essas instituições que foram informados sobre os danos a saúde que a exposição aos venenos contidos nos agrotóxicos pode causar. As novas informações se associam a experiências passadas pelos narradores, casos em que familiares e vizinhos adoeceram, fortalecendo a percepção de que deve-se produzir *sem veneno* “porque veneno mata”. O aprofundamento nas relações com esses agentes somado ao contato com os programas de televisão que se dá depois do recente acesso à energia elétrica, o que para muitas famílias só vai acontecer quando já se estabeleceram no assentamento, introduz no conjunto do conhecimento local noções como ecossistema e biodiversidade, que passam a fazer parte do vocabulário desses atores na formulação dos discursos sobre a importância do equilíbrio entre a fauna e flora local para manutenção da vida como um todo, e que pode ser traduzida na preocupação com a sobrevivência dos passarinhos.

A Pesquisa Etnográfica

Tradicionalmente, o elemento de validação de um estudo antropológico se dá na densidade dos dados construídos a partir da experiência em "campo" vivenciada pelo pesquisador, o "trabalho de campo". A experiência em campo é valorizada a ponto de ser considerada, pelo menos nos contextos da tradição antropológica britânica e norte-americana, condição para que um indivíduo possa ser reconhecido por seus colegas como antropólogo (CLAMMER, 1984). Autores como Stocking (1983) e Kuklick (1997) tentam traçar as origens do "trabalho de campo" em métodos de observação praticados por naturalistas ainda no séc. XIX, até a consagração como metodologia modeladora da ciência antropológica, do método de observação participante empenhado por Malinowski em sua pesquisa nas Ilhas Tobriand, que resultou, entre outros, na publicação de "Os Argonautas do Pacífico Ocidental" em 1922. A construção dos dados que compõem os processos históricos relatados aqui e a análise dos significados atribuídos pelos agricultores a produção de algodão *sem veneno*, decorrentes em algum grau desses processos, se deu a partir do trabalho de campo "situado" em alguns lugares que realizei entre 2008 e 2011. Conforme detalharei na reflexão sobre as particularidades deste trabalho de campo mais a frente, minha experiência se dividiu entre o assentamento Queimadas e a cidade de Remígio, além de ocasionais visitas a Coopnatural em Campina Grande e ainda uma pequena observação durante as tardes, duas vezes por semana pelo período de um mês, do movimento da loja da Natural Fashion em Natal que me serviu para observar como o produto do algodão sem veneno é apresentado aos consumidores. Como resultado do trabalho de campo acumulei um acervo de cerca de 2000 fotografias e mais de 40 horas de gravações que incluem entrevistas, conversas gravadas e falas nos seminários da rede e um diário de campo, confesso, não muito bem estruturado.

As imagens fotográficas além de retratarem a experiência do trabalho de campo, o que para uma pessoa com treinamento em comunicação visual como eu, é quase uma necessidade, cumpriram também funções metodológicas no processo de interação com meus interlocutores, e eu procurava, sempre que possível, estar fotografando pessoas, situações, ambientes, objetos e paisagens e em todos os lugares por onde passava. A primeira função para qual as fotografias me serviram, ainda durante o trabalho de campo, diz respeito a minha aproximação com os atores sociais que vão me ajudar a construir os dados contidos neste trabalho. Em minhas visitas ao assentamento, com uma câmera digital na mão, atraía principalmente as crianças e

jovens que queriam posar sozinhos ou em família, muitas vezes envolvendo os mais velhos, e que depois pediam para ver as imagens, emitindo opinião sobre as fotos, a atividade se transformando em uma ótima dinâmica de socialização enquanto eu era apresentada a casa e a família de agricultores. Muitas vezes eu tive a oportunidade de reencontrar aqueles que foram entrevistados e oferecer cópias das fotos da família, reforçando nosso bom relacionamento. Em outros momentos, as fotos de detalhes dos objetos ou paisagens que me chamaram atenção durante a pesquisa, me ajudaram, junto ao fragmentado diário devido a falta de prática em manter relatos sistemáticos, a recuperar as sensações experimentadas naqueles momentos, e mesmo recuperar datas gravadas no arquivo das fotos digitais.

Inexperiente em realizar um bom trabalho de campo, sem ter certeza de para onde o meu trabalho iria caminhar, optei nas entrevistas pela estratégia de solicitar ao interlocutor que me relatasse sua história de vida. Sem dúvida a história de vida de Seu Zé Sinésio daria um belo trabalho por si só, Ken Plummer, em *"The Doing of Life Histories"*, (1983), destaca as qualidades que podem fazer de um sujeito uma boa "história de vida", o autor sugere que esta pessoa, muitas vezes, se encontra por acaso (um sujeito de interesse surgido de um estudo mais amplo), e que além de ter uma boa história para contar e ser não-analítico, deve estar: disponível, localizado próximo ao investigador, enraizado no universo cultural, e presentemente envolvido para que seu relato não seja simplesmente *"uma reinterpretação de experiências passadas mas uma afirmação de práticas correntes"* (PLUMMER, 1983:89). Apesar de não ter seguido este caminho, considero que a estratégia de construir a narrativa dos processos sociais que levaram a formação da Rede Paraíba a partir das histórias de vida dos agricultores foi bem sucedida, indicando as lacunas e contradições que deveriam ser esclarecidas pela pesquisa bibliográfica.

Diversos autores contemporâneos tem chamado atenção para importância da relação entre pesquisador e objeto que se dá na experiência em campo e que refletem qualitativamente nos dados obtidos. Nicola Goward, em *"Personal interaction and adjustment"* coloca que o trabalho de campo etnográfico é subjetivo no duplo sentido em que:

"etnógrafos reportam seletivamente o que estão pré-dispostos a ver, ouvir e gravar na enxurrada de palavras e eventos que os tomam diariamente no campo; e no sentido que o tipo e a qualidade da informação que chega a eles depende em muito do tipo e qualidade das relações entre antropólogos e informantes" (GOWARD, 1984:100).

A qualidade das minhas relações com os interlocutores para esta pesquisa foi construída na base de uma aproximação lenta, buscando ganhar a confiança destes atores e procurando me mostrar da forma mais transparente possível. Ouvindo suas narrativa e também me deixando questionar sobre a minha vida, minhas relações familiares, minhas experiências profissionais dentro e fora do Brasil, busquei me aproximar dos significados que assumem a produção do algodão *sem veneno* para o grupo de produtores no assentamento Queimadas.

Meu primeiro contato com a Rede Paraíba de Algodão Agroecológico foi através da Coopnatural, ao supervisionar a fabricação de bolsas que serviriam a uma campanha promocional da empresa de cosméticos Natura, e que estavam sendo fabricadas pela cooperativa em Campina Grande. Durante alguns dias pude observar as atividades dos pequenos empresários associados para criação e distribuição de produtos fabricados com o algodão naturalmente colorido e certificado como orgânico. Nesta época conheci Maysa Gadelha, diretora da cooperativa, quem posteriormente me apresentou a Seu Zé Sinésio e o "pessoal" da Arribaça, quando iniciei esta pesquisa. Conheci Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete em junho de 2008, na minha primeira visita ao assentamento Queimadas. Maysa foi quem me levou para conhecê-los. Eu morava em Natal, e o trajeto para o assentamento se iniciava com a viagem de 4 horas no ônibus da Viação Nordeste até Campina Grande, onde fica a sede da Coopnatural e de onde se pode pegar um ônibus da Viação São José para Remígio. Nas viagens de Natal para o assentamento Queimadas que fiz de carro em estradas alternativas pelo interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba, sem precisar passar por Campina Grande, a viagem durava apenas cerca de 3 horas e meia, além de me proporcionar a oportunidade de conhecer outras paisagens da Borborema, como a serra que desce a partir de Bananeiras de vegetação de um verde intenso e que contrasta com os tons terrosos do barro no assentamento. A caminho do assentamento paramos em Remígio na sede da ONG Arribaça. Eu já sabia do trabalho da ONG com o algodão no assentamento e que Melchior era um dos fundadores da Arribaça e funcionário da EMBRAPA, mas na visita conheci seu irmão Marenildo, Ranyfábio e Carliandro Daniel, colaboradores da ONG que em cerca de meia hora de conversa me introduziram algumas características da região, e se colocaram a disposição para me ajudar nas próximas visitas a região.

Quando finalmente chegamos a casa de Seu Zé Sinésio, era por volta de 4 horas da tarde e ele estava de volta do trabalho no roçado, ou do mato onde diz passar a maior parte do

tempo cuidando do gado. Não sei se estavam esperando por nós, apesar de quase toda casa ter ao menos um telefone celular, o sinal na região é bastante instável e o da operadora que eu utilizava, quase inexistente, e a melhor forma de falar com Seu Zé Sinésio é aparecer na casa dele, mas fomos bem recebidas e convidadas a entrar. Nesta minha primeira visita, ficamos sentados na sala, Maysa, Seu Zé Sinésio, Dona Bernadete e seu neto Wesley, filho de Elias, que é solteiro e mora com os pais. Wesley encostou a cabeça no colo de Maysa e dormiu enquanto, pela primeira vez, eu ouvia Seu Zé relatar sua trajetória e suas pesquisas com algodão. Maysa me apresentou como estudante interessada no algodão agroecológico, falou da minha experiência no exterior no mercado de moda e eu, sem saber muito bem ainda o que estava fazendo, me limitei a reforçar a idéia de que estava interessada no algodão, sua cadeia produtiva e que para isso gostaria de voltar e se possível me hospedar no assentamento.

Em um determinado momento, Maysa começou a tratar de negócios com Seu Zé Sinésio e eu iniciei uma conversa paralela com Dona Bernadete. Um retrato antigo na parede me chamou atenção e perguntei se eram ela e Seu Zé Sinésio, me respondeu que não, eram seus pais, Seu Luis e Dona Alice e começou a me contar sobre a sua família, os filhos, a morte do pai que usava veneno no roçado, do filho José que morreu em um acidente na construção civil em São Paulo e dos gêmeos Esau e Jacó, *última barriga*, dos quais apenas Jacó sobreviveu. A conversa fez Maysa comentar no caminho de volta que nunca tinha visto Dona Bernadete falar tanto antes, e nossas conversas continuaram durante a pesquisa. Outros observaram como a esposa de seu Zé Sinésio, que tinha fama de brava, tinha me acolhido em sua casa, o que, acredito fortaleceu o estabelecimento de uma confiança de outros moradores do assentamento e de seus familiares que me receberam em Campina Grande e Remígio para me contar detalhes de suas vidas e as lembranças de um *tempo antigo* quando o algodão fazia parte da vida de todos. Antes de irmos embora Seu Zé Sinésio me convidou para voltar quando o algodão estivesse crescido para visitar os roçados e que, quando necessário, eu poderia me hospedar na casa de seu filho Alexandre e sua nora Vânia que moravam no lote ao lado. A casa de Vânia, além de ter um quarto disponível para mim, possui um banheiro dentro de casa com um chuveiro, o que é raro no assentamento, uma das razões para que achassem que este seria o local apropriado para eu me hospedar, além disso, com certeza houve a preocupação, não revelada, de que eu não me hospedasse em uma casa com homens solteiros.⁹

Em outubro de 2008 surgiu uma oportunidade de voltar ao assentamento, pretendia

⁹ Prancha nº 1. Página 146

passar somente um dia mas a viagem serviria para testar a viagem até Remígio de ônibus, conhecer melhor a cidade e o que esta oferecia como base para a pesquisa de campo, além de descobrir como chegar até o assentamento, já que eu não tinha um carro. Além disso queria conhecer Vânia para combinar uma visita prolongada em dezembro. Eu não podia ficar dependente de Maysa para chegar ao assentamento e desta vez fiz contato direto com a Arribaça por intermédio de Ranyfábio que, depois de checar com Maysa, me colocou em contato com Junior. Este morava com a mulher Fabiana em um apartamento na pousada Montes Carlos, era a melhor opção e foi onde passei a me hospedar. Passei duas noites na pousada Montes Carlos, os proprietários, Carlos e Luciana me receberam muito bem, e esta passou a ser minha casa quando estivesse em campo, mas não no assentamento. Na pousada conheci Fabiana, mulher de Junior e uma das fundadoras da Arribaça, e que foi uma boa interlocutora, me senti mais confortável depois de ter um contato feminino na ONG, foi quem eu passei a me comunicar para arranjar visitas e nossas conversas, tanto na pousada como nas atividades que ocorriam no assentamento foram bastante proveitosas para que eu pudesses entender o funcionamento da ONG.

O movimento de hóspedes na pousada Montes Carlos é grande e os quartos estão quase sempre ocupados vendedores e outros profissionais itinerantes que passam por Remígio. Nesta primeira visita estávamos às vésperas de eleições municipais, e havia muito movimento nas ruas. Naquele dia aconteceria o último comício do candidato da situação, que buscava a reeleição, passantes carregavam bandeiras de cor amarela, cor do candidato da situação, e carros passavam buzinando. Mas havia também o candidato de bandeiras verdes e o de bandeiras vermelhas que hasteadas no telhado das casas indicavam as preferências políticas ou os acordos financeiros dos moradores que nelas habitavam. No dia seguinte Junior me levaria até o assentamento. Sexta feira, é dia da feira agroecológica onde moradores de assentamentos e comunidades rurais associados a ONG Ecoborborema, vendem produtos da agricultura familiar produzidos *sem veneno*, uma iniciativa do polo sindical da região. Combinamos de tomar café na feira, onde candidatos a vereador tentavam conquistar os últimos eleitores. Da feira seguimos para o assentamento e encontramos Seu Zé em uma área de roçado coletivo onde fazia suas experiências em parceria com estagiários da EMBRAPA, alunos de cursos de ciências agrárias supervisionados por técnicos da instituição. Percorremos os campos de algodão que ainda estavam floridos, eu não sabia, ou não me lembrava, que antes do algodão se formar, a planta dá uma flor e só quando esta flor cai é que o casulo vai se

abrir revelando a lã ou pluma. Seu Zé, como sempre nos envolveu em seus relatos enquanto mostrava as experiências com gergelim, sorgo e amaranto. Quando voltamos para casa de Seu Zé, Júnior foi embora e eu fiquei para almoçar, depois Alexandre poderia me levar de moto. Foi quando conheci Vânia que estava esperando o primeiro filho, e que se tornou minha anfitriã e companheira durante os períodos no assentamento.

De 16 a 21 de dezembro de 2008 me hospedei no assentamento pela primeira vez. Cheguei de ônibus até Remígio e Alexandre foi de moto me pegar na pousada. A temporada prometia ser movimentada com dois grandes eventos, primeiro um encontro organizado pela Coopnatural e pela Arribaça e que foi chamado de "A Primeira Festa da Colheita do Algodão Agroecológico"¹⁰, depois, o casamento do filho mais novo de Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete, Jacó, três dos seus irmãos que moram em São Paulo já estavam no assentamento com suas famílias para o evento. Eu cheguei um dia antes do encontro que reuniu agricultores de comunidades rurais interessados nos novos negócios do algodão, empresários, técnicos da EMBRAPA e da Arribaça que supervisionavam a produção de algodão no assentamento e estudantes de escolas técnicas e do curso de Ciências Agrárias da UFPB, que tem um campus na cidade vizinha a Remígio, Areia. Eu não participei do primeiro dia do encontro em Remígio, fiquei entre a casa de Vânia e Dona Bernadete, onde o movimento era grande com tantos hóspedes e me acostumando com aquela recém iniciada experiência. No dia seguinte era "dia de campo", e os participantes do encontro seriam recepcionados na casa de Vânia para um vasto café da manhã. Bem cedo o pessoal da Arribaça chegou com pratos, talheres, copo, café, bolos e frutas. Vânia estava responsável pelo cus-cus de milho e a macaxeira cozida, sua tia veio de Cinco Lagoas, onde tem uma padaria para trazer a soda e a broa, tipos de pão típicos da região. O movimento dentro de casa era intenso e depois do café da manhã os convidados se dividiram em quatro grupos, cada um visitaria o lote de um agricultor, os guias seriam Seu Pequeno, Antônio de Pedro, Seu Zé Sinésio e Zé Amaral, eu fiquei no grupo de Seu Pequeno que tinha ainda Melchior e Fabiana. O grupo acompanhou Seu Pequeno que mostrou os campos de algodão e o barreiro que estava construindo, especialidade de quem passou "a vida" construindo barreiros no sertão. Quando acabou a visita nos reunimos novamente na casa de Vânia para seguir para Remígio, ela ficou com ajuda das irmãs e outras meninas arrumando a confusão que ficou para trás e eu fui com o grupo acompanhar o restante das atividades onde participantes se revezaram falando para platéia sob o comando Melchior.

¹⁰ Prancha nº 2. Página nº 147

Em seus depoimentos, os que já negociavam algodão *sem veneno* demonstravam frustração por não conseguirem melhores mercados para outros produtos agrícolas, visitantes aplaudiram a iniciativa e se mostraram prontos a iniciar a produção em seus lotes e comunidades. Melchior fechou o ciclo de depoimentos com uma chamada para o almoço, última atividade do evento. Em apenas dois dias no assentamento eu me sentia muito confortável com as condições em que eu estava instalada na casa de Vânia, a quantidade de pessoas que havia conhecido e de informação que havia absorvido.

Com o fim da festa da colheita todas as atenções se voltaram para o casamento de Jacó com Graça. Eu que só tinha ficado sabendo do acontecimento no ônibus, a caminho de Campina Grande, não tinha nada para vestir em um casamento, na verdade não fazia idéia do que deveria vestir. Vânia e sua barriga de gravidez também não, e Dona Bernadete, mãe do noivo, sem dúvida precisava de um vestido. Edinho, o filho primogênito que dirigiu de São Paulo com a mulher e 4 filhos no carro, nos levou as compras em Campina Grande, na volta traríamos Dona Alice, mãe de Dona Bernadete e avó do noivo. Estacionamos em um supermercado bem no centro comercial de Campina, em uma área de comércio popular bem próxima ao estacionamento, a irmã mais nova de Dona Bernadete, Magda, é dona de uma "barraca", uma "lojinha", que vende roupas e lingerie, e Paulo, irmão de Magda e Dona Bernadete tem uma barraca de frutas. Este ficou sendo um ponto de encontro e referência no centro de Campina Grande para mim.

Dona Alice também se hospedou na casa de Vânia e iniciamos uma deliciosa conversa, seu olhar, um pouco cego pela idade e a saúde frágil perdia o foco ao me contar suas memórias. Durante a festa de casamento¹¹, enquanto todos estavam ocupados com convidados e a presença dos "paulistas", eu que tinha acabado de chegar, mal conhecia as pessoas, me ocupei de fazer companhia para Dona Alice que se encantou com a meu jeito de ficar perguntado do *tempo antigo*, fazendo-a lembrar e contar suas histórias com muita emoção. Por Orkut passei a me comunicar com os parentes em São Paulo e enviava fotos da família durante as minhas visitas, assim como trazia em CDs para o assentamento, fotos que baixada de parentes em São Paulo. Todo este contato com a família de Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete fez com que se estabelecesse de forma muito rápida uma relação de confiança, em pouco tempo passei, nas palavras de Dona Bernadete ao me apresentar a pessoas em diversas ocasiões de, uma amiga da "empresa", ou seja, da Coopnatural, para uma amiga de Vânia, para

¹¹ Prancha nº 3. Página nº 148

uma amiga da família que frequentava a casa.

Depois das festas de fim de ano eu voltei para passar mais seis dias no assentamento, de 12 a 18 de janeiro, cheguei a tempo de me despedir das irmãs Ilda e Lenita que estavam de partida. Com a partida da família de Alexandre pude conhecer melhor a família de Vânia. Seus pais, Seu Pequeno e Dona Zete¹², também moram no assentamento com as filhas Pedro, Patrícia, Susana Vando, a quem todos chamam Galego, e Leandro. Vadinho foi criado pela tia que possui uma padaria em Cinco Lagoas, onde moram ainda a mãe de Dona Zete e os pais de Seu Pequeno. Neide, a filha mais velha, é casada com Irineu e brigada com o pai, dizem que, pelo simples fato de que esse não aceitou o noivo porque este usava o cabelo comprido amarrado em um rabo de cavalo. Adriano, o mais velho dos filhos homens é casado e mora em São Paulo. Leonardo, irmão gêmeo de Leandro, depois de passar uma temporada na casa de Vânia e Alexandre se juntou com Neidinha, filha de Antônio de Pedro e Dona Nitinha, moradores do lote atrás de Vânia e Alexandre. Apesar de trem se juntado quando Neidinha tinha apenas treze anos, a união foi bem aceita por todos, em pouco tempo tiveram uma menina e Léo foi para São Paulo tentar um trabalho, conseguiu uma posição como faxineiro em um prédio de apartamentos e levou Neidinha e a filha. Leandro, é o filho que está mais próximo ao pai e ajuda no dia a dia do lote.

Como hóspede de Vânia, sempre fui muito bem recebida por Dona Zete e Seu Pequeno, mas um episódio fez com que eu conquistasse ainda mais o carinho e respeito da família. Quando cheguei ao assentamento em janeiro, tinha acabado de acontecer uma emergência, Leandro tinha sido picado por uma cobra venenosa ao amarrar o boi em uma árvore, e como eu estava de carro fiz duas viagens a Campina Grande levando e trazendo familiares e o próprio paciente. Neste episódio eu aprendi que se você for picado por uma cobra venenosa o melhor a fazer é manter a calma enquanto procura atendimento, ao ficar nervoso e fazer o sangue circular em muita velocidade o veneno se espalha rapidamente e com maior perigo para a vítima, dizem. Leandro não se abalou com a picada da cobra, principalmente depois que, em Arara, sua madrinha, que já havia sido picada antes e portanto *curada de cobra*, cuspiu na ferida, supostamente inoculando o veneno, fico imaginando se a pessoa que foi picada desenvolve algum tipo de anticorpo no sangue que de alguma justifique cientificamente essa crença, mas o fato que, acreditando não correr perigo, Leandro chegou ao hospital em condições de receber tratamento, passou a noite no hospital e no dia seguinte

¹² Prancha nº 4. Página nº 149

voltou para casa com apenas um inchaço na mão, em poucos dias estava de volta ao trabalho.

Este não foi o único incidente com cobra durante minhas estadias no assentamento. Uma noite estávamos em casa, eu, Vânia e o filho José Alexandre, que dormia em um dos quartos. Na porta do quarto uma tábua de passar roupa com vários “paninhos” de bebê. De repente ouço Vânia dar um grito, tinha uma cobra na tábua, no caminho entre ela e o bebê, eu sai correndo atrás de Alexandre que estava na casa de Seu Zé Sinésio enquanto Vânia *pastorava* para ter certeza que ninguém se mexia. Alexandre matou a cobra com uma paulada mas depois chegou-se a conclusão que era uma cobra inofensiva, segundo consta, atraída pelo cheiro do leite. A crença popular diz que a noite a cobra dá o rabo para a criança chupar enquanto ela mama no seio da mãe. De toda forma eu passei a estar sempre olhando as madeiras no telhado e os cantos para ter certeza que não tinha nenhum bicho enrolado a espreita. Devo dizer que temia por morcegos voando dentro de casa a noite, o que nunca ocorreu, e fora um ataque de formigas na cama durante um apagão elétrico que durou alguns dias, não tive maiores problemas com insetos ou outros bichos. Com a situação de Leandro resolvida tirei um dia para ir com Vânia e Suzana conhecer seus parentes em Cinco Lagoas, onde cresceu, e onde moram seus avós e alguns tios¹³,

Em julho de 2009 voltei para uma temporada de 14 dias hospedada na casa de Vânia, que já tinha dado a luz a José Alexandre, um menino que precisou nascer de cesariana. Era inverno, chovia muito e estavam todos preocupados com o feijão que se estragava no roçado. Eu estava de carro mas a dificuldade de locomoção pelas estradas de terra do assentamento era enorme. Apesar do mau tempo, consegui fazer duas viagens a Campina Grande, na primeira fui com Dona Bernadete, Vânia e Alexandre levar o menino para visitar Dona Alice, nesta oportunidade gravei minha conversa com Dona Alice. Na segunda viagem a Campina Grande passei um dia na Coopnatural e gravei as entrevistas com Maysa e alguns funcionários da cooperativa. No dia seguinte, depois de passar a noite em um hotel da cidade, fui visitar um comunidade de artesãs recomendada por Maysa, que fazem um trabalho chamado Labirinto, uma espécie de bordado que se inicia com o tecido plano e os padrões são criados a partir da formação de pequenos espaços vazios. A comunidade se localiza em Serra Rajada e o acesso se dá pela estrada que liga Campina Grande a João Pessoa¹⁴. Fui recebida por Dona Creuza, uma especialista em traçar os desenhos que serão feitos no tecido, e quem

¹³ Prancha nº 5. Página nº 150

¹⁴ Prancha nº 6. Página nº 151

me levou até a associação onde conheci três gerações de uma família que ainda mantém a tradição do labirinto na pequena comunidade. As toalhas de mesa e outras peças são vendidas pela associação por uma representante que frequenta feiras de artesanato em diversas regiões, além de atender aos pedidos da Coopnaural que utiliza detalhes em Labirinto em algumas peças das sucessivas coleções.

A intensidade das chuvas atrapalhava o trabalho no roçado. No assentamento os homens passavam a maior parte do dia dentro de casa calculando os prejuízos e tentando prever o fim das chuvas. Neste clima gravei minhas primeiras entrevistas no assentamento, inclusive a primeira de duas entrevistas que fiz com Seu Zé Sinésio. Entrevistei Antônio de Marino e o casal Antônio de Pedro e Nitinha, na região do Gabinete. Nas minhas idas a Remígio gravei na Arribaça entrevistas com Marenildo, Carliandro Daniel, Izabel e Amalia, que tinha acabado de ser contratada pela Arribaça. Melchior eu entrevistei na casa de Seu Zé Sinésio. Na sede do sindicato, enquanto Vânia resolvia questões do benefício maternidade, conheci Maria José, que mora em uma das agrovilas do assentamento Oziel Pereira localizada em Lagoa de Jogo, próxima ao Gabinete. Na minha primeira tentativa de visitá-la não a encontrei mas conheci seu marido, Seu Chico e acabei gravando uma conversa de que participaram outro assentado, Seu Nivaldo e diversos parentes de Seu Chico que foram se aproximando, incluindo sua mãe e seu pai que ainda estavam acampados em terras vizinhas ao assentamento, onde tinham acabado de conseguir a desapropriação das terras para a criação de um novo assentamento. Maria José me apresentou a outro morador de Lagoa de Jogo, segundo ela um guardião da "semente da paixão". Seu Paulo é conhecido por seu banco de sementes e mantém vivas espécies de feijão, milho e outros cereais herdadas de seus antepassados. De todos os agricultores com quem conversei, Seu Paulo é o único assentado com quem tem um histórico de trabalho na cana de açúcar e se mudou para Borborema com a família quando criança¹⁵. Estes período de 14 dias foi a maior temporada de dias consecutivos que fiquei hospedada na casa de Vânia e, apesar de estar de carro e ter conseguido fazer algumas visitas terminando com quase vinte horas de entrevistas gravadas, a impressão de estar isolada, sem comunicação, sem poder me locomover mesmo de carro, me deixou uma sensação de frustração. Em retrospecto, a viagem me colocou numa posição de bastante conforto para ir e vir do assentamento, já dominava os caminhos das estradas de terra e das *pistas* asfaltadas que irradiam de Remígio.

¹⁵ Prancha nº 7. Página nº 152

Em janeiro de 2011, quando voltei para mais um mês de pesquisa de campo optei por alugar um quarto na pousada Montes Carlos. Neste período passei algumas noites no assentamento, mas o cotidiano da pesquisa ficou por conta de acompanhar as atividades da Arribaça¹⁶, reuniões na sede, atividades em campo, no assentamento Queimadas e em outras comunidades rurais. Desta vez consegui visitar a usina de beneficiamento de algodão que fica no assentamento Margarida Maria¹⁷ e mesmo passando a maior parte do tempo em Remígio tive a oportunidade de conhecer e conversar com outros moradores do assentamento. Na região do Gabinete conversei com Seu Peixoto, que mora sozinho porque a mulher se recusa a morar em *negócio de sem terra*, e o casal Zé Amaral e Tita¹⁸, os três fazem parte do grupo de antigos moradores da fazenda Queimadas que participaram do acampamento e da criação do assentamento Queimadas junto com Mario Pereira, e Careca, com quem também tive oportunidade de conversar longamente em visitas as suas casas¹⁹.

Antes de terminar este trabalho voltei uma última vez a Remígio em dezembro de 2011, mas não cheguei a visitar o assentamento. Desta vez fui convidada por Melchior para participar da III Festa do Algodão Agroecológico e do V Seminário de Rede Semiárido de Algodão Agroecológico, que engloba além, da Rede Paraíba, agricultores e técnicos de outros estados do nordeste do Brasil, e empresários que negociam a compra de algodão por eles produzidos, para debater a produção e comercialização do algodão *sem veneno*. Foram dois dias de seminário e dois dias e três noites de festa Três noites e dois dias de festa com show, desfile de moda, palestras e minicursos de diversos assuntos para moradores de Remígio e vizinhanças que enriqueceu a minha experiência em campo com o encontro dos agentes da rede e os moradores da área urbana de Remígio.

¹⁶ Prancha nº 8. Página nº 153

¹⁷ Prancha nº 9. Página nº 154

¹⁸ Prancha nº 10. Página nº 155

¹⁹ Prancha nº 11. Página nº 156

1. O Algodão *Sem Veneno* do Assentamento Queimadas

O algodão, que já foi chamado de Ouro Branco em estados do nordeste do Brasil, é um produto da agricultura que está presente na vida humana desde que as primeiras sociedades desenvolveram técnicas de fiar e tecer a lã produzida por esta planta silvestre. Muitos estudos de cultura material já foram feitos a partir de achados arqueológicos tentando conhecer as sociedades que existiram antes do desenvolvimento de uma linguagem que permitisse deixar às sociedades futuras, o legado das experiências de então. Nos estudos da cultura material, os tecidos podem nos falar sobre técnicas adotadas para fiar e as relações em torno do trabalho do artesão e de sua família, de populações tão antigas como a do Iraque de dez mil anos antes de cristo²⁰. Adornos e vestimentas associados a cerimônias religiosas revelam aspectos da hierarquia social entre tantas outras questões que as ciências sociais gostariam de ver respondidas sobre as sociedades que nos antecederam.

Nas sociedades chamadas ocidentais que se estabelecem na Europa, o algodão vai manter seu papel central na manufatura, ainda que artesanal, de tecidos para diversas utilidades até que, com a revolução nos meios de produção conhecida como a Revolução Industrial, surge a possibilidade de se ampliar significativamente a produção e os mercados consumidores associados a expansão territorial com a "conquista" de novos e antigos "mundos". Em pouco tempo o algodão se transforma em uma das mercadorias de maior importância para todo um sistema internacional de comércio entre os grandes países industriais da Europa e as colônias nos países periféricos. Hoje no dia dia de cálculos econômicos, o algodão é considerado uma "commodity", uma substância em estado bruto, que será transformada por um processo de fabricação em bem de consumo, objeto de desejo de outros que não aqueles envolvidos no processo de fabricação deste bem, e negociada em bolsas, mercados de valores regulados por uma relação de oferta e procura que determina um valor monetário, um preço a ser pago por uma unidade de produção em um determinado momento.

Porém, no âmbito das ciências sociais, segundo Arjun Appadurai em "A Vida Social do Objetos" o conceito de "commodity" ou mercadoria pode ser abordado de forma mais cuidadosa e aprofundada e não pode ser reduzido a uma "subclasse de produtos

²⁰ MACEDO (2004)

primários"²¹. A partir do conceito de Marx de que mercadoria é qualquer coisa que tenha valor de uso para outro, e posteriormente modificado para abranger mercadorias que não estão relacionadas ao modo capitalista de produção, Appadurai afirma que toda coisa tem o potencial de se tornar uma mercadoria e que para uma coisa atingir uma fase mercantil basta se tornar objeto de interesse de outro que estará disposto a sacrificar algo para obter o objeto de desejo, podendo uma coisa entrar e sair de uma fase mercantil, quando é considerada de interesse para outros.

O algodão plantado *sem veneno* no assentamento Queimadas é uma coisa que se diferencia do algodão convencional negociado nas bolsas de valores internacionais na forma que é produzido e comercializado. Presente no nordeste antes da chegada dos portugueses o algodão sempre participou ativamente da balança comercial nacional, mas na década de 1980 deixou de existir comercialmente no semiárido nordestino. Neste capítulo vou descrever a vida social do algodão em sua trajetória até chegar a uma fase em que se transforma em mercadoria de interesse para um mercado consumidor específico ao ser produzido a partir de uma agricultura *sem veneno*.

1.1. O Ouro Branco e o Semiárido Paraibano - Cana de Açúcar x Algodão

"O Potiguara buscava a madeira, cortava-a como o cliente queria, transportava-a até o local de embarque, auxiliava no acondicionamento a bordo. Cultivava, a pedido do forasteiro, o algodão silvestre e mais espécies de seu interesse. (PRADO, 1964:51)²²."

O algodão está presente na economia Brasileira como agricultura de exportação desde os primeiros tempos de ocupação de seu território pelos europeus, uma das riquezas naturais encontradas no recém descoberto território brasileiro²³. No nordeste "habitava" uma espécie chamada de algodão Mocó, ou Seridó. Este tipo de planta de algodão oferece uma fibra classificada por sistemas especializados como de qualidade superior devido ao seu comprimento, mais longo comparado a outras espécies. A fibra mais longa consegue cotações melhores no mercado internacional pois agrega valor ao fio criado a partir dela; quanto melhor

²¹ APPADURAI, 2007:27

²² Em: MOREIRA E TARGINO 1997:28

²³ VIDAL e CARNEIRO, 2006, BELTRÃO, 2003:11

o fio, mais resistente e maleável, melhor a qualidade do tecido e conseqüentemente do produto final. Existem dois tipos de planta de algodão, arbóreo e herbáceo; o algodão Mocó é do tipo arbóreo, classificado como um algodão perene, quando uma mesma planta é capaz de completar sucessivos ciclos. Do mesmo pé de algodão, a cada ano, podem brotar flores que dão lugar aos casulos que ao se abrirem revelam a lã, a pluma do algodão que é comercializada como matéria prima têxtil. Na prática o manejo do algodão arbóreo é relativamente simples, uma vez preparado o roçado, ele pode *lucrar*²⁴ cerca de 3 ou 4 anos consecutivos, basta esperar a época da colheita, depois do casulo abrir, e *apanhar* o algodão no pé. O algodão herbáceo hoje cultivado no território brasileiro requer uma dedicação maior já que, todo ano o ciclo de preparar e semear a terra é incorporado a totalidade do ciclo produtivo. Apesar de uma fibra mais curta, esta espécie foi adotada em larga escala por sua maior produtividade.

“As indústrias históricas do Brasil são a açucareira e a pecuária. As doações de terras aos colonos portugueses nas manhãs do século XVI destinavam-se ao plantio da cana de açúcar e a criação do gado” [...] todo senhor de engenho era também fazendeiro (CÂMARA CASCUDO, 1956)

“Dentre as feitorias fundadas na costa nordestina e que certamente tinham caráter temporário, destacou-se a de Itamaracá, de onde, segundo Varnhagen, foi remetido açúcar para Portugal em 1526 e para onde teriam sido levados naquele ano, por Diogo Leite, dez escravos a fim de se dedicarem a trabalhos agrícolas.” (ANDRADE, 2005:72)

“Em 1625, Portugal supria quase toda a Europa com açúcar do Brasil” (MINTZ, 1986)

Na Paraíba, os Potiguara que viviam ao norte do rio Paraíba e resistiam à dominação portuguesa, travavam acordos comerciais com os franceses²⁵ para quem forneciam algodão e pau-brasil, madeira nativa usada na Europa para a fabricação de tintas, produtos que escoavam de terras do interior pelos caminhos da bacia do rio Mamanguape até Bahia da Traição de onde partiam os navios com o contrabando. Com a facilidade que o algodão “silvestre” se oferecia, é natural que os nativos dominassem técnicas de fiar e tecer esta fibra²⁶

²⁴ Os atores que entrevistei usam o verbo “lucrar” quando a safra é bem sucedida e há produto para colheita.

²⁵ MARIZ, 1980:18

²⁶ BELTRÃO, 2003:11

Com a chegada dos europeus, o início das exportações de açúcar e o aumento da população, o algodão começa a ser usado na produção de tecidos rústicos que serviam para ensacar os produtos e roupas para os escravos, mas a importância da agricultura para a economia da Coroa era tanta que, em 1785, as pequenas manufaturas têxteis foram proibidas por decreto, já que toda a mão de obra disponível era indispensável no trabalho das lavouras de exportação²⁷. Somente com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil em 1808 e o aumento das importações para abastecer a nova população, que causaram um desequilíbrio na balança comercial, o governo decidiu a reverter sua posição e apoiar a manufatura de produtos simples para atender ao mercado interno.

Já os portugueses, em tempos pré-revolução industrial, não se interessaram pelo algodão, e a medida que travaram e venceram batalhas contra os nativos no litoral e nas várzeas dos rios que descem da Borborema em direção ao litoral, ocuparam o território derrubando a vegetação nativa para plantação de cana-de-açúcar, matéria-prima que alimentava os engenhos na produção de açúcar e promovia o rico comércio entre as colônias no novo mundo e a Europa. Assim como em outras colônias a produção da cana se dava em grandes extensões de terra cultivadas *no cabo da enxada*, por escravos trazidos de países da África. A monocultura em larga escala com base na mão de obra escrava eram características da produção de açúcar em outras colônias e os empreendimentos conhecidos como "Plantations". O sistema proporcionava a formação de um triângulo de relações comerciais entre Portugal, Brasil e as colônias portuguesas na África que se encaixam no que análises históricas se referem como a época do "mercantilismo". A metrópole Portugal, importava matéria-prima da colônia, Brasil, que exportava produtos manufaturados para as colônias nos dois continentes, sul-americano e africano, enquanto as colônias na África forneciam mão de obra escrava negociada e transportada por portugueses, para o Brasil que absorvia a mão de obra escrava necessária nas lavouras e por sua vez, exportava açúcar para a metrópole, Portugal, fechando o ciclo econômico de navegação e comércio entre os 3 continentes.

De 1580 a 1616, as entradas, expedições partindo de Olinda²⁸ conquistaram territórios antes controlados por índios e contrabandistas franceses, territórios que, passando pela Paraíba se expandiam pelo litoral para o norte, até o Maranhão, estabelecendo novos engenhos demandando um número cada vez maior de escravos para trabalhar nas lavouras,

²⁷ STEIN, 1980:20

²⁸ ANDRADE, 2005:75

aumentando consideravelmente as populações locais e as demandas para abastecer de produtos os trabalhadores escravos. Na Paraíba, a necessidade de cultivar um maior número de alimentos para atender ao aumento populacional sem interferir nas terras férteis das várzeas ocupadas pela cana-de-açúcar, levou a policultura de alimentos, junto com a criação de gado, para os tabuleiros, áreas mais altas entre as bacias hidrográficas que se estendiam a oeste do litoral chegando aos pés das serras do Planalto da Borborema. Nesta época o gado se alimentava dos nutrientes silvestres encontrados nos tabuleiros e na vegetação do cerrado e não de pasto plantado onde antes havia vegetação nativa.

Este movimento em direção ao interior, longe das estruturas dos engenhos faz com que se estabeleçam os primeiros currais²⁹, locais de apoio para os encarregados em cuidar do gado, que então era criado solto em área comuns de mata nativa que ainda não havia sido transformada em lavouras. O gado, além do valor alimentício da carne e do leite, era fundamental para o sistema por ser empregado para mover as moendas de açúcar e transportar a cana das lavouras para os engenhos, e levou homens livres, que não possuíam recursos para fundar um engenho, junto a índios “pacificados”, mas que não se deixaram escravizar pela plantation, a se dedicarem à criação de gado. Vê-se surgir a figura do vaqueiro e na paisagem pequenas casas em torno das quais suas famílias estabelecem lavouras de subsistência, ainda em terras livres. Essas famílias vão se transformar nos *moradores* das fazendas e terras de engenho, com obrigações para poder cultivar o solo quando, depois que em 1850, a lei das terras acaba com as concessões de sesmarias da coroa, introduzindo a propriedade privada em terras brasileiras.

Mas os lucrativos negócios do açúcar estavam sempre buscando novos espaços para expandir suas lavouras o que fez a cultura de alimentos se interiorizar cada vez mais, até subir a serra em direção ao planalto da Borborema, se estabelecendo na região serrana do brejo. Os produtores de alimentos se fixam com sucesso na região do Brejo D'Areia, onde já se encontravam pequenos povoados formados após expedições mal sucedidas em busca de ouro no período da ocupação holandesa. Neste contexto se estabelece um comércio entre homens livres que criam uma situação onde periodicamente se encontram para negociar o excedente de sua produção familiar, ao mesmo tempo em que se abastecem com o que sua família não foi capaz de produzir, as feiras livres. Em 1813, quando o antigo povoado de Sertão do Bruxaxá passa a se chamar Areia, a feira da região se destacava “...considerada pelos documentos

²⁹ ANDRADE, 2005:76

históricos como a de maior destaque entre os existentes na Paraíba de então."³⁰ Além de importante centro produtor de alimentos que por si só já atraíam negócios, com a abertura dos caminhos do gado que cruzavam a Borborema, subindo as serras do brejo e atravessando o agreste em direção ao sertão se abre na região um "corredor" que estabelece uma ligação comercial entre o sertão e o litoral, corredor hoje que representa os 21 municípios que fazem parte da subdivisão regional utilizada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário chamada de Território da Borborema³¹.

"O último quarto de século XVII e o primeiro do século XVIII foram a época alicerçal da cultura sertaneja, com o desbravamento das matas, a fundação das fazendas, a catequese e aldeamento dos índios, as bases de muitas das nossas atuais vilas e cidades." (MARIZ, 1980:42)

As lutas na guerra contra a "Confederação dos Cariris"(1680/1730)³² retardam a entrada dos criadores de gado da Paraíba no sertão que apesar da sucessão de batalhas com os nativos, ainda no final do século XVII, em expedições comandadas por Teodósio de Oliveira Ledo³³ chegam aos vales dos rios Piancó e Piranhas contornando o planalto da Borborema, onde encontram a presença de desbravadores vindos de São Paulo e principalmente da Casa da Torre, da Bahia, empreendimento familiar dos descendentes de Garcia D'Avila que se transforma em um gigante da criação de gado, conquistando o sertão, pleiteando o recebimento de sesmarias seguindo o curso do rio São Francisco e contornando a oeste da Borborema até o Piauí³⁴. O fim da guerra contra os Cariri permite a formação de povoados onde haviam tribos pacificadas estimulando o circuito de feiras locais.

"Cultura fácil, barata, democrática, deixava-se associar à fava, ao feijão e ao milho, fornecendo o roçado ao agricultor, a um só tempo, tanto produto para venda como alimento. O seu curto ciclo vegetativo requeria apenas poucas limpas ou capinas;consequentemente,não ocupava braços durante o ano todo, como ocorria com o açúcar." (ANDRADE, 2011:106)

Se até então a cana-de-açúcar era a grande "estrela" das exportações, na segunda metade do século XVIII, com o advento da indústria têxtil na Inglaterra, cresce a demanda

³⁰ GARCIA, Marie 1984:22

³¹ Fig. Nº 1. Página 175

³² MOREIRA E TARGINO, 1997:30

³³ MARIZ, 1980:40

³⁴ ANDRADE, 2011:184

pela matéria prima e de mercados consumidores para absorver a capacidade industrial dos novos meios de produção. Os luso-brasileiros atentam para o potencial econômico nas lavouras para exportação de algodão que, na Paraíba, passa a ser cultivado em consórcio com alimentos já cultivados no brejo por pequenos proprietários e outros moradores da área rural. Com o aumento da importância comercial do algodão o governo cria, primeiro uma Estação de Inspeção, e depois a Alfândega do Algodão³⁵ para controlar a qualidade e a quantidade do produto exportado, já que, apesar da qualidade da espécie produzida no Brasil, as técnicas rudimentares de beneficiamento podiam danificar a fibra que recebia cotações menores no mercado.

A possibilidade de se trabalhar em terras arrendadas de fazendeiros de gado ou mesmo dos engenhos em consórcio com alimentos faz da cultura do algodão uma cultura mais adequada a agricultura familiar em relação a plantation de cana-de-açúcar, e com isso ganha espaço na utilização de terras férteis do Brejo d'Areia chegando a impedir temporariamente a sua ocupação pelas lavouras de cana. Um dos fatores determinantes para a disponibilização das terras do brejo ou de outra região para produtos alimentícios em consórcio com o algodão, ou para a monocultura da cana de açúcar, é o preço destas mercadorias no mercado internacional. Entre 1861 e 1865, durante os anos da guerra civil a produção dos Estados Unidos, até então o maior parceiro da Europa no comércio de algodão, está debilitada, chegando a se extinguir completamente, o que valoriza e cria uma maior demanda para o algodão brasileiro provocando o primeiro boom algodoeiro no nordeste que ocupa o brejo e a cotonicultura invade as terras da cana nos vales dos rios Paraíba e Mamanguape. O caráter "democrático" do sistema de produção e que incluía agricultores sem terras e sem recursos permitiu a ascensão econômica desta classe que segundo Manoel Correia de Andrade, ficaram conhecidos "branco do algodão".³⁶

Apesar do sucesso comercial do algodão do brejo, a umidade da região não era a mais apropriada para esta cultura que se desenvolve melhor em áreas mais secas e, junto com o gado, o algodão se estabelece definitivamente no alto agreste e no sertão. O aumento do comércio entre o sertão e o litoral intensifica as atividades comerciais na Borborema que se consolida como entreposto dos produtos de ambas regiões. Comerciantes, conhecidos como "tropeiros", viajavam em tropas de burros que levavam peles, queijos e algodão do sertão para

³⁵ ANDRADE, 2011:158

³⁶ ANDRADE, 2011:107

serem comercializados nas feiras livres, que prosperavam na Borborema, e levavam de volta para o sertão a rapadura produzida nos engenhos do litoral e do brejo. Campina Grande por se localizar em uma área privilegiada, considerada porta de entrada para o sertão da Paraíba, se transforma no maior centro de comercialização de gado da região e conseqüentemente de comercialização de algodão, concentrando os negócios do agreste e do sertão de onde escoava os fardos para o porto de Recife. Hoje a segunda maior cidade da Paraíba depois da capital João Pessoa, com mais de 385 mil habitantes em seus 594m² de território, por volta de 1750, ainda chamada de Nossa Senhora da Conceição, Campina Grande contava com 2480 habitantes, sendo a terceira maior “freguesia”, de todo o agreste³⁷ e o sucesso do algodão nordestino no mercado internacional, impulsionado ainda mais pela abertura dos portos, em 1808, para navios Ingleses que agora não precisavam de intermediários portugueses para comprar o algodão brasileiro, fez com que Campina Grande se desenvolvesse ainda mais e em 1864 é elevada a condição de município.

Se até então todo o transporte de cargas era feito em tropas de burros ou carros de boi, o final do século XIX viu chegar ao nordeste as primeiras ferrovias que na Paraíba ligavam o litoral ao brejo, e em 1907 chegam até Campina Grande aumentando ainda mais a importância comercial da cidade que atinge seu apogeu na década de 1920, quando passa ser o segundo maior centro de comercialização de algodão no mundo, perdendo somente para Liverpool na Inglaterra. Embora a importância do algodão para a região tenha se mantido até a década de 1980, a partir da década de 1930 a produção do nordeste começa a perder lugar no mercado nacional e internacional. A crise da bolsa de valores de Nova York em 1929 faz com que o preço de mercado do café, um dos pilares da economia de São Paulo, despenque, causando grandes prejuízos aos produtores e ao governo que decide abolir a política de garantia de preços que mantinha, passando aos produtores do café os riscos com a safra. Os produtores passam a ver no então bem cotado algodão uma oportunidade de reduzir o prejuízo. De 1901 a 1940 a produção de algodão na Paraíba cresceu de quase 5 toneladas para 50 toneladas, enquanto isso a de São Paulo passou de cerca de duas toneladas em 1901, em 1933 chega a 105 toneladas e em 1940, 307 toneladas, 6 vezes a produção da Paraíba no mesmo ano.³⁸

³⁷ ANDRADE, 2005:156

³⁸ VASCONCELLOS, 1980:82/84

1.2. Lagoa de Remigio

A diminuição da ocorrência de conflitos com os índios no processo de interiorização das populações colonizadoras permitiu a distribuição de sesmarias na região do alto agreste, onde se estabeleceram fazendeiros de gado. Vizinho ao brejo de Areia, quando acaba a serra e se iniciam as terras dos altiplanos da Borborema surge o município de Remigio, hoje com cerca de 17.500 habitantes distribuídos em 178Km² de território. Inicialmente chamado de Lagoa do Remigio que em 1957 deixa de ser um distrito do município de Areia³⁹. Segundo o IBGE, viviam ali, entre outros, índios potiguares da taba que o IBGE identifica como Queimadas, e foi nessa região que se estabeleceu a fazenda Queimadas, que em 1997 vai dar lugar aos assentamentos Queimadas e Oziel Pereira, e se tornou em ponto central para a presente pesquisa.

"quando era prá fazer o remonte da cerca, o que era cerca, a cerca era um paredão de terra _vamos matar umas vaca pro remonte da cerca? _vamos. Aí os escravos ficava contente demais" (Seu Mario Pereira, agricultor assentado)

Um dos moradores do atual assentamento Queimadas, Seu Mario Pereira, nascido e criado na fazenda, diz guardar a memória da "história das terras" da antiga Fazenda Queimadas. Histórias que lhe foram passadas por seu pai e seu avô dão conta de que Seu Coelho foi o primeiro proprietário destas terras, onde vivia sozinho e criava gado com ajuda de escravos. A propriedade fazia fronteira com uma região de terras comuns, sem cercas, sem dono, sem lavouras, onde se criava o gado livre, a última fronteira da região em direção ao curimataú e o sertão, ali representada por um paredão de barro, uma estrutura de estacas que era freqüentemente reerguida pelos escravos, atividade que, segundo Seu Mario descreve, era realizada com "ares" de um ritual, o "remonte da cerca". A cerca se manteve até a história recente quando o então proprietário derrubou o que restava dela, ainda de acordo com Seu Mario, temendo o significado que poderia ter numa eventual desapropriação, este passado de terras de uso comum já anexadas a propriedade privada.

À morte de seu Coelho se sucederam proprietários para estas terras que deixaram de legado histórias como a de barricas enterradas com moedas de ouro, que contemplaram alguns moradores da região que tiveram a sorte ou a determinação de achá-las, como teria sido o caso de Severino Teixeira de Brito Lira. Conhecido como Severino Carmo, o filho de um

³⁹ www.ibge.gov.br/cidades

senhor de engenho de Areia, já no século XX, teria chegado à região sem recursos e ao achar uma barrica de ouro enterrada na fazenda por ele arrendada, em pouco tempo foi capaz de comprá-la e multiplicar a área da fazenda anexando outras propriedades e somando os cerca de 3000 hectares que formam hoje os assentamentos Queimadas e Oziel Pereira.

Neste conglomerado de terras, Severino Carmo se transformou em notório criador de gado e político local. Outro dia, no Rio de Janeiro, em pleno 2012, conversando com um motorista de taxi oriundo da cidade de Areia, ele me disse lembrar-se bem de Severino Carmo, cuja família residia em casarão próximo a igreja. Além de funcionários, em meados do século XX consta que cerca de 480 famílias viviam como *moradores* na fazenda Queimadas. Pagando uma *renda* anual, se comprometiam com direitos e também *sujeições*, deveres. A eles era permitido o direito de construir moradias e botar roçados para sua subsistência onde cultivavam feijão, fava, milho, mandioca, além de criar animais de pequeno porte como ovelhas, porcos e galinhas. Em certos casos era permitido criar uma vaca, desde que esta ficasse dentro dos limites do lote arrendado e não entrasse em competição com a criação de gado da fazenda por comida e pela água dos açudes, principalmente no verão, estação marcada pela seca e a escassez de alimentos. Algumas vezes, dependendo da relação que a família estabelecia com o proprietário, e não raramente, formava-se uma relação de compadrio entre *morador* e *patrão*.

Mas se os *moradores* tinham esses direitos, estavam também sujeitos a obrigações além do pagamento de renda. Uma das exigências que Severino Carmo impunha às famílias que quisessem se estabelecer na propriedade era plantar algodão. O baixo custo de produção, já que a cotonicultura no semiárido paraibano, ao contrário do que acontecia nas monoculturas mecanizadas do sudeste, era realizada pela agricultura familiar, anulando o custo da mão de obra para o *patrão*, e feita sem o uso de maquinários, em resumo, sem grandes investimentos para o dono da fazenda. Além disso, todo algodão produzido na fazenda deveria ser vendido ao proprietário pelo valor por ele estipulado para ser revendido *em rama* (com caroço) às usinas de beneficiamento locais, onde eram separadas a pluma das sementes e então preparados os fardos para exportação. Ao vender o algodão em rama os moradores se mantinham dependentes dos patrões para distribuir as sementes na época de plantar. O morador não tinha nenhum contrato ou garantia de permanência nas terras do fazendeiro, mesmo quando era responsável pela construção da casa em que viviam, muitas vezes erguidas

com barro e madeira, as casas de *taipa*, e com recursos próprios. Já as obrigações deveriam ser cumpridas a risca. Antigos moradores contam que se um agricultor que fosse pego vendendo o algodão a outro comerciante, que possivelmente pagaria um melhor preço, poderia ser expulso de casa da noite para o dia, com direito a levar somente os seus pertences. Divergências políticas também eram motivo de brigas entre moradores e fazendeiros, muitas vezes políticos, o que levavam as famílias de agricultores a estarem constantemente se locomovendo em busca de oportunidades para sustentar suas famílias

Além do clima propício, a cultura do algodão funcionava na região em sintonia com a criação de gado. No inverno as chuvas garantiam água e alimento para os animais criados soltos no mato, enquanto nas áreas cercadas os agricultores iniciavam a preparação terra, que molhada pelas primeiras chuvas, facilitava o trabalho da enxada, cavando os *lerões* para depositar as sementes. Primeiro vinha a safra do feijão e então se iniciava a plantação do algodão, que se aproveitava das chuvas de final do inverno para brotar, e se desenvolver com o calor e a secura do início do verão. Após a colheita, feita manualmente por todos os membros da família, inclusive as crianças, os animais eram trazidos para se alimentar dos pés de algodão, alimento rico em proteínas, compensando a escassez de nutrientes nas matas já debilitadas pelas secas características da estação .

Período de mudanças políticas no Brasil, acontecimentos da década de 1960 promoveram o estabelecimento de novos padrões de relacionamento entre proprietários e moradores das fazendas. Nas décadas anteriores, as Ligas Camponesas haviam organizado movimentos por direitos de trabalhadores rurais na Paraíba, mas em regiões da zona da mata, tendo maior influência sobre os trabalhadores dos engenhos de açúcar, aparentemente sem maiores desdobramentos na região da Borborema. Em 1963, produto da fusão das ligas camponesas e o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR), forma-se a CONTAG, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e é estabelecido por decreto o Estatuto do Trabalhador Rural. O estatuto estabelecia um pacote de benefícios para os trabalhadores no campo anteriormente conquistados por trabalhadores nas indústrias e comércio como férias e décimo terceiro salário.

Em novembro de 1964, no primeiro ano do novo governo militar, o presidente Castelo Branco publica outro decreto⁴⁰, desta vez alterando o Lei da Terras de 1850 e

⁴⁰ LEI Nº 4.504, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras

classificando as propriedades rurais de acordo com o tamanho e a produtividade para "fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola". O que se apresentava como uma política para beneficiar agricultores sem terras, acabou se virando contra eles. De acordo com o novo estatuto *moradores* poderiam ganhar direito a posse da terra ou compensação por benefícios realizados na propriedade, como a construção de casas e cercas e mesmo árvores frutíferas deveriam ser reembolsadas no caso do *morador* deixar a fazenda. Apesar dessas notícias não encontrarem caminho fácil até as famílias de agricultores, em 1966 Severino Carmo achou por bem expulsar todos os *moradores* de suas terras e a partir daí dedicar-se somente à criação de gado. Em tom conciliatório permitiu que todas as famílias permanecessem por mais um ano em suas casas, sem nenhuma das obrigações anteriores como pagar renda ou participação na safra, mas findo este período todos os deveriam pegar seus pertences e procurar moradia em outro lugar. Sem nenhum tipo de apoio as famílias foram aos poucos deixando a fazenda. Os que tinham melhores condições, geralmente os que além de produzir eram também negociantes, como Seu Luis, pai de Dona Bernadete, já possuíam casas na *rua*, em Remígio ou Arara e nelas se estabeleceram com suas famílias. Famílias com menos recursos tiveram que procurar novas opções de moradia e segundo seu Mario, nesta época começam a surgir as favelas que ainda existem no entorno da área urbana de Remígio.

Durval da Costa Lira, proprietário da Fazenda Pedra D'água, propriedade próxima a fazenda Queimadas, percebendo a demanda por terras desta pequena massa de trabalhadores desalojados, encontrou uma nova forma de negociar esta relação e optou por vender *pedaços de chão* para que as famílias pudessem construir suas casas e, ao mesmo tempo, oferecer terras para o cultivo de lavouras mediante pagamento de *meia*, que consistia de metade de toda a produção obtida. Em pouco tempo criou-se um povoado que se chamou Casserengue e em 1997 é elevado a condição de município. Apesar de, embrenhado no semi-árido paraibano, e até hoje não possuir nenhum acesso por pista asfaltada, alguns moradores do assentamento Queimadas, antigos moradores da fazenda Queimadas, mantêm vínculos de família e compadrio com moradores do Casserengue, atualmente com cerca de 7.000 habitantes⁴¹

Ainda na década de 1960 o governo cria a SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, que se encontra atuando na região como promessa de

providências. Art. 1º Esta Lei regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola.

⁴¹ Fonte: www.ibge.gov.br/cidadesat

desenvolvimento regional, na realidade acaba se transformando em mais uma maneira de impor a força dos grandes proprietários de terras, já que os recursos destinados ao desenvolvimento regional acabam nas mãos de quem tem acesso a eles, e em muitos casos acabam sendo desviados para usos de interesse pessoal e político. Teria sido por não poder prestar contas do dinheiro pego emprestado em um projeto da SUDENE que Severino Carmo acabou vendendo suas terras a Seu Ismael, também criador de gado e funcionário da SUDENE. Grande parte da área da fazenda era constituída por mata nativa e o novo proprietário, com interesse em aumentar a área de pasto para o gado instaura uma nova forma de "contrato" entre agricultor e proprietário na exploração da terra. Ismael oferece aos agricultores lotes de terra que deveriam ser desmatados, e onde poderiam trabalhar por 3 anos sem pagar *renda* ou *meia*, embora permanecesse a proibição de construir moradias. Ao final deste período o proprietário recuperava a terra que, uma vez desmatada, era transformada em pasto para a criação de gado.

Relatos dão conta de que esta relação durou cerca de oito anos, até seu Ismael vender a fazenda, ou passar a dívida com a SUDENE, para Antônio Diniz, também funcionário da SUDENE. De todos os proprietários, este é descrito como o mais cruel e não permitia que se usasse a propriedade nem de passagem. Numa época em que os movimentos sociais de luta pela terra já estavam bastante consolidados e atuantes em diversas regiões do Brasil, capangas armados não permitiam nem que *moradores* de outras fazendas utilizassem os caminhos por dentro das terras. Segundo Seu Mario, foi nesta época que vestígios da cerca de terra construído e reconstruído pelos escravos de Seu Coelho foi destruído por simbolizar o início das terras comuns.

Em 1999 as irregularidades financeiras praticadas por sucessivos proprietários, dívidas com a união e a pressão exercida pelo MST, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, levam as terras da fazenda Queimadas a serem desapropriadas pelo INCRA para o assentamento de 150 famílias.

1.3. A Luta pela Terras da Fazenda Queimadas

"_Aquela meia, aquela parte era dele, certo, ele comercializava do jeito que ele quisesse comercializar. Se ele quisesse entregar para uma outra pessoa, ele entregava. Geralmente ele entregava, claro, pro dono da fazenda né, mas ele teria a condição de entregar para outro se quisesse, oferecesse uma condição melhor, um preço melhor, mas na verdade ele nem conhecia outros... Existia nas regiões, ali em Souza principalmente que era região produtora de algodão, existiam os atravessadores, por exemplo, meu sogro ele tinha usina e tinham vários corretores, como eles chamavam, vários corretores que saiam comprando de vários, e vários e vários, pequenos proprietários. Tinha usina e os corretores né, meu sogro por exemplo, ele tinha muitas fazendas, mas nenhuma fazenda dele era produtiva, sabe, geralmente ele recebia as fazendas em débitos, gado, as próprias fazendas, ele recebia tudo em débito, gente que ficava devendo a ele, não tinha como pagar, aí entregava... (Maysa Gadelha, Diretora Coopnatural)

*"_Eu nasci no município de Bananeiras _ **Muitos irmãos?** Tinha eu, dois irmão só, na época, quando eu era criança né, meu pai trabalhava em terra de senhor de engenho, aí na época, com idade de 7 anos, o fazendeiro disse, já é com mode levar esses meninos trabalha na cana também, aí ali era um pequeno tipo de escravidão nesse tempo, né? Os pais além de trabalhar seis dias por semana tinha que levar os filhos também. E aquilo ali o que a pessoa ganhava era bem pouquinho, eu tinha 7 anos não podia nem limpa mato mas mesmo assim, chamava samear a bandeira da cana, prá mode planta, aí trabalhava seis dias por semana, tinha que ir, ou ia ou o patrão dizia pros pais da gente, se seus filhos não querem trabalha então você vai embora e desocupa a terra, que já era prá vir outro morador, prá fazer o serviço que eles queriam _ **aí o patrão dava a casa e vocês podiam botar um roçado em volta da casa?** _ Só em volta da casa, e mesmo assim prá trabaia somente no domingo, que era prá trabaia, quer ver, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, e sábado, aí só ficava domingo prá pessoa ir trabaia _ **Escola nem pensar** _ Escola não, na minha época eu não estudei. Aí foi tempo, 13 anos de idade e a gente morando lá, aí depois eu tinha uma tia que morava*

aqui em Arara, convidou a gente prá vir morar em Arara a gente veio, **_Seu pai veio também?** *_Meu pai e minha mãe veio também, e meu irmão, **_Foram morar na rua?** _Fomos morar na rua, aí nessa época já começamos a trabalhar em terra de proprietário aqui de Arara também, trabalhando já em roçado de meia, de meia assim, prá dizer a palavra certa é parceiro né, mas na linguagem comum é de meia, aí foi, trabalhando na terra dos proprietário na agricultura, aí quando a pessoa colhia 20 sacos de feijão eram 10 do proprietário, a pessoa só ficava com 10." (Seu Paulo, Agricultor, Lagoa de Jogo, Assentamento Oziel Pereira)*

*"_Eu nasci no Coelho de Remígio. Aí, eu vim praqui com um ano de nascida. Morei 10 anos aqui. Depois de 10 anos fui até o Galo Velho de Padinho Bronzeado e morei 3 anos lá. Aí depois encheu tudinho de agave, as propriedades, ficou só o quintal prá gente trabalhar. Ali era muito sofrido, a gente sofria... **_Com seu pai e sua mãe?** _Com meus pais, trabalhando na agricultura e trabalhando 4 dias no eito de Padinho Bronzeado, porque se não fosse trabalhar saía da terra... botava prá fora, era assim. **_E pagava como? Com meia ou arrendado?** _Era meia. Aí a gente morou 3 anos lá, e saiu. Ele encheu as terras de agave, e aí deu uma cinqüenta prá cavar de graça. Uma cinqüenta não dava, né? Que nenhum homem trabalha no agave de graça. Aí depois ficou só um hectare e não dava prá a gente viver, aí a gente saiu, veio prá qui de novo. Moramos 3 anos aqui na propriedade, nesse assentamento aqui, que nesse tempo era de Severino Carmo. Por causa da política, aí disseram assim: "ah, ele votou contra!" meu pai nem sabia disso, nesse tempo só votava quem sabia ler, mas ele não sabia. Aí botaram ele prá fora; ele andou o mundo todo atrás de um canto prá morar, não encontrou... uma pecinha d'água, um no Cassereno , esse lugar todo.... Aí foi achar uma casinha na Umbiguda. Lá a gente morou muitos anos. Eu me casei lá, aí saí, comprei um terrenozinho no Gameleiro, morei no Gameleiro uns anos; depois saí de lá e vim prá Lagoa de Pedra, morei 20 anos na Lagoa de Pedra, de lá vim prá qui. Entre trabalho e moradia eu tenho 26 anos aqui dentro. Tenho 26 anos de agricultura aqui dentro e hoje sou aposentada única daqui, do assentamento. Faz 2 anos. Ainda bem, a gente vai se relando..." (Dona Nitinha, Assentamento Queimadas)*

_Como era a Agricultura? _Era arrendado, não era meia. Era a melhor propriedade que existia nesta região, quer dizer, o melhor proprietário, né? O melhor proprietário que existia nesta região era este, Severino Teixeira de Brito Lira, porque ele arrendava a terra. Os outros só queriam morador para trabalhar de meia. E ele não queria meeiro, ele arrendava a terra. Arrendava por “cinquenta”. Naquele tempo não era hectare, se chamava “cinquenta”, antigamente, porque naquele tempo não se falava em hectare, a mudança é porque 1 ha são 100 metros, e naquele tempo, 50, que se chamava, eram braças. É a mesma coisa, uma braça significa dois metros.”

Historicamente a relação entre o agricultor e a terra de trabalho⁴² no nordeste, e de forma mais relevante para a presente pesquisa, no agreste paraibano, envolvem a mediação de um grande proprietário que controla o acesso a terra e cria mecanismos para manter o trabalhador dependente, incapaz de se tornar uma força autônoma, responsável por escolher a qualidade de suas lavouras, produzir e comercializar o seu produto. A política nacional, comandada muitas vezes por esses mesmos proprietários, contribuiu ainda mais para a concentração de terras e o isolamento social e econômico desta classe de trabalhadores, que apesar destas condições, em alguns casos consegue se organizar e lutar por terras dando origem diversos conflitos, por vezes violentos. A partir da redemocratização do Brasil, na década de 1980, surgem as primeiras experiências em se criar assentamentos rurais, mas estas não eram acompanhadas de políticas de incentivo ao desenvolvimento e foram duramente criticadas, e os assentados acusados de não tornar as terras produtivas, economicamente viáveis. Atualmente existem políticas públicas específicas para os assentamentos rurais que visam criar condições técnicas para que o agricultor possa sair de uma produção interna, de subsistência, para uma situação em que possa gerar renda e se incluir na economia formal.

A desigualdade na relação entre *moradores*, famílias de agricultores sem terras, e *patrões*, proprietários de fazendas ou engenhos que permitiam que estas famílias se estabelecessem em suas terras desde que observadas as *sujeições*, contrastam com a afirmação de Seu Zé Sinésio de que Severino Carmo era o melhor *patrão* na região, não fosse a constatação de que não haviam muitas alternativas para um chefe de família, que precisava sustentar seus membros. A agricultura de subsistência era a atividade principal das famílias na área rural e, para praticá-la, era necessário o acesso a terras para cultivar. Um chefe de família

⁴²GARCIA JR, 1983

aspirava ser proprietário de um pedaço de terra, estabelecer uma relação direta com a terra de trabalho, criando um vínculo mais forte com o local de residência, tendo como consequência a possibilidade de acumular um maior capital econômico, já que se reduz, entre outros, os gastos empregados em relocações, deixando espaço para maiores investimentos em melhorias que afetam a condição de vida da família, como um maior investimento na educação formal dos filhos, tornando-os mais aptos a galgar posições na hierarquia social.

Ao contrário dos *moradores* que estão condicionados as exigências dos fazendeiros e senhores de engenho, os pequenos proprietários, muitas vezes também dependentes de intermediários para negociar os produtos excedentes de suas lavouras de subsistência e a safra das lavouras comerciais⁴³, ao menos tem a "opção de escolher" quem serão os mediadores das suas relações comerciais, os intermediários que irão negociar estes produtos nos grandes centros comerciais como Campina Grande ou João Pessoa. Entre estes alguns podem se destacar, dependendo da sua capacidade de se locomover dentro do estado ou mesmo entre estados vizinhos, e se transformar, além de produtor, em comerciante também, negociando seus próprios produtos ou mesmo intermediando as negociações de parentes ou vizinhos, construindo assim um capital econômico mais sólido. Além de vantagens na comercialização, o título de propriedade abria caminho para que o agricultor conseguisse crédito nos bancos para investimentos na sua lavoura, já que podiam usar a propriedade como segurança nas negociações com bancos, ou com grandes proprietários, que também serviam como agentes financeiros ao emprestar dinheiro aos que não tinham acesso aos canais financeiros convencionais. Porém, com os riscos inerentes a uma agricultura de poucos recursos tecnológicos, numa região de equilíbrio ecológico frágil, estes empréstimos muitas vezes faziam com que os agricultores acabassem perdendo as suas terras, sem condição de manter os pagamentos.

Aos agricultores que não possuíam *condição*, recursos financeiros para comprar um pedaço de terra, restava viver como *morador* em uma das grandes fazendas da região. Existiam diversos tipos de contratos verbais entre agricultores e grandes proprietários. Com Severino Carmo a família pagava uma renda anual, (em algumas regiões do nordeste este

⁴³ Afrânio Raul Garcia Jr em "Terra de Trabalho – Trabalho Familiar de Pequenos Agricultores" classifica as lavouras da agricultura familiar em: 1) Lavouras de subsistência, sendo subsistência "aquilo que é socialmente necessário para a reprodução física e social do trabalhador e sua família", e que se constitui dos alimentos culturalmente consumidos diretamente pelos familiares como feijão, fava, milho e mandioca e 2) Lavouras Comerciais, "forma de obter renda monetária" que servem para custear despesas com serviços e produtos que não são fruto da agricultura familiar.

pagamento era chamado de foro e o morador de foreiro), e tinha direito a estabelecer moradia dentro do lote arrendado. Em outras propriedades poderia ser permitido estabelecer moradia também, mas além das *sujeições* impostas ao arrendatário, a compensação pelo uso da terra se dava pelo pagamento de parte da produção, a *meia*, que apesar do nome podia variar entre metade ou um terço da produção. O “contrato” estava vinculado a relação pessoal entre o morador e proprietário, o tempo de estadia na propriedade, e o volume de negócios gerado pela “parceria”, como era oficialmente chamada esta relação entre dono e usuário da terra.

O investimento feito nas lavouras do morador pelo *patrão* era outro fator determinante no contrato, no caso das lavouras de algodão, além do fornecimento de sementes aos moradores, muitas vezes o dono da fazenda pagava horas de trator alugado que servia para *cortar* a terra e preparar o solo para ser semeado. Sem trator o solo era preparado por trabalhadores revirando a terra com uma enxada ou em alguns casos, quando a família tivesse recursos para manter um boi de trabalho, a terra era cortada por uma ferramenta de metal, o arado atrelado ao animal, de ambas as maneiras o trabalho era mais lento do que o trator e o proprietário, ansioso por obter uma melhor safra, investia nas horas de trator, mas em compensação, podia exigir uma maior participação no resultado. Descontando estes pequenos investimentos pelo dono da terra, o risco maior da parceria ficava por conta do trabalhador que empregava seu tempo e força de trabalho e, no caso de uma safra ruim, poderia ficar sem produtos para comercializar, enquanto o proprietário geralmente tinha na criação de gado a fonte de sua receita sendo o algodão, apesar de lucrativo, apenas uma renda adicional. O tipo de produto que deveria ser entregue ao dono da propriedade podia variar também, e nos anos em que o preço do algodão estivesse em baixa, este poderia solicitar que os agricultores entregassem parte da produção das lavouras de subsistência como o milho e o feijão o que comprometia ainda mais a frágil situação de sobrevivência dessas famílias.

Enquanto nas fazendas de gado o pagamento de foro ou renda, ou de parte da produção, a *meia*, eram os tipos de contratos estabelecidos entre moradores e fazendeiros, nas terras de senhores de engenho, onde se plantava cana-de-açúcar e o trabalho no campo exigia uma mão de obra numerosa, outras formas de contrato se estabeleceram. Nestas propriedades se encontravam os “moradores de condição” onde o estabelecimento de residência na propriedade estava condicionado a obrigação do chefe de família e seus filhos trabalharem na plantação do patrão, muitas vezes deixando somente o domingo para que a família pudesse

trabalhar na produção da subsistência da família. Na região de Remígio, fazendas vizinhas à fazenda Queimadas, embora não cultivassem cana, também adotam o “morador de condição” para trabalhar na exploração do agave, matéria prima utilizada na fabricação de cordas de sisal. Segundo relatos, os moradores eram coagidos a dedicar dias da semana para trabalhar no *eito*, cortando o agave e o processando em motores movidos a combustível óleo que transformavam a fibra em fio, muitas vezes pouco lhes sendo permitido trabalhar nos roçados para alimentar os familiares.

As fazendas ainda apresentavam uma outra classe de moradores, os vaqueiros empregados na criação do gado. Como na maior parte do tempo o rebanho era criado no mato, e se alimentava de recursos disponíveis na natureza, não era necessário contratar muitos empregados para o serviço, e a oferta de trabalho era pequena. As obrigações dos vaqueiros incluíam longas viagens para negociar os animais nos grande centros e este estilo de vida era mais condizente com a vida de homens solteiros, que não precisavam *botar roçado* para alimentar a família e quando na fazenda viviam em alojamentos. Ainda sim aos casado era permitido estabelecer residência na propriedade e *roçados* de subsistência, e os vaqueiros que conquistassem a confiança do fazendeiro poderiam chegar a condição de encarregado ou gerente da fazenda.

_E o movimentos sindical aqui ? Seu Zé Sinésio esteve falando que chegou em 66? Teve muita briga aqui por esta área? De lá prá cá? _Não. Porque era assim, as Ligas estiveram bem próximo daqui, Areia era o local onde tinham ligas, elas atuaram mais na região da cana. Aqui, nesta região teve um movimento muito fragilizado, a meu ver. De 96 para cá. Em 92, a gente começou um trabalho no movimento sindical, começou com um trabalho de renovação sindical, e de 96, 97, até 2000, se consolidou um pólo sindical, uma estrutura em que já se tem trabalhado algumas experiências, já dentro de uma nova filosofia de sindicalismo, não das grandes bandeiras, mas num sentido positivo de trabalhar agroecologia, toda essa outra visão. Porque não adiantava lutar por reforma agrária onde num local, por exemplo, se você pegar o município de Lagoa Seca, o pessoal nos anos 80 quis lá reforma agrária.... no município a maior propriedade que tem é de 2, 3 hectares, vai lutar por reforma agrária ali aonde? Com exceções, Remigio tinha a região dos assentamentos atuais ocupada por grandes fazendas. De 2000

para cá, final dos anos noventa prá cá, Remigio teve um bom trabalho de reforma agrária, essas coisas. Mas os municípios não comportam se levantar esse tipo de bandeiras, o movimento sindical viu que são bandeiras nacionais que não tinham muito sentido local." (Marenildo, Arribaça)

"(Eu) _ O pessoal é todo do sindicato? Vai pagando o sindicato aí depois aposenta? (Todos) _ Aposenta (Eu) _ Antigamente não tinha isso não, tinha? De aposentar o agricultor? (Chico) _ Tinha não, porque antigamente não existia, o INPS, você tinha que pagar fêchado né, por tempo de serviço, aí você parece que precisa pagar 30 anos, 35, 40, o cara queria encostar, aposentar, hoje não, inventaram essa lei né, até deram a chance pro pequeno, o meu problema mesmo, já fui encostado a primeira vez, 3 anos atrás, agora voltou de novo, já to com a ordem de receber de novo, pronto, aí se fosse naquela época, não, tinha que ser registrado numa firma, pagar o carne de tantos em tantos, que nem eu já fui registrado, mas hoje não, hoje tá tudo fácil.(pai) _ O negócio que a gente tem esses benefícios não faz muito tempo não, (Chico) _ Faz não. (Pai) _ É de quarenta anos prá cá, eu me lembro que, houve dois sindicato, foi esse verdadeiro e o outro que chamava... (Irmão) _ Era do Paraguai o outro então? (Pai) _ Era dois, agora tinha o nome de todos dois, agora o outro, que não funcionava, ele chegava e botava esqueci o nome de todos dois, e aí o outro que não funcionava ele chegava e botava... aí ficou esse sindicato rural, mas era dois, o outro, quando o cara sambava prá fora, mandava o carro passar por riba. (trecho de conversa que aconteceu e foi gravada no alpendre da casa de Seu Chico e Dona Maria José. Eu havia conhecido Dona Maria José na sede do Sindicato Rural de Remígio e combinado a visita. Ao chegar lá soube que Maria José teve que agir no meio da noite para socorrer um parente, acabei conversando com Seu Chico, um irmão, o pai, Seu Nivaldo, outro morador da Lagoa de Jogo)

“É porque o pequeno agricultor, que nem se chama o agricultor familiar hoje, não existia direito prá ele, não. O direito era o proprietário chegar e dizer “desapareça”, e se no outro dia o cara estivesse, ele pegava os troços e jogava no meio do terreiro... não existia direito, contrato, não existia sindicato, nada. O direito só partia pro lado do proprietário. Quando foi em 66 estourou o

sindicato... em 66, quando começou o sindicato, aí foi mesmo que uma bomba quando explodiu - ele tinha 4 genros, todos formados, moravam em João Pessoa, dois, um em Guaranhuns e um em Areia, tudo formado doutor; conheciam, entendiam das lei, então quando a lei foi assinada, o sindicato protegendo o agricultor, o pequeno produtor, aí os fazendeiros endoideceram. Porque aí a força deles ia cair. Quando foi aprovado mesmo, que os genros chegaram e disseram _Seu Severino o senhor pode se preparar que a sua força vai se acabar. Quem vai mandar na sua terra agora é os morador" (Seu Zé Sinésio, Assentamento Queimadas)

Com as terras nas mãos de grandes proprietários que acumulavam capital político e econômico alto, os *moradores* de fazendas ou engenhos tinham dificuldades para se organizar e lutar por melhores condições de vida. No começo da segunda metade do século XX, após a segunda grande guerra, movimentos de cunho socialista ou comunista ganham força na América do Sul e encontram defensores no quadro de políticos brasileiros. Ao mesmo tempo com o fim da guerra, os mercados internacionais voltavam a ser aquecidos e a demanda por produtos agrícolas dos países tidos como periféricos aumentou, o preço do açúcar subiu e as terras que estavam há tempos disponibilizadas para os moradores que mantinham suas lavouras de subsistência foram requisitadas pelos proprietários para fornecer cana de açúcar para grandes usinas que possuíam uma capacidade maior de processar a cana do que os antigos engenhos.

Foi neste cenário que se deu início uma primeira mobilização de agricultores em busca de ferramentas para a luta por melhores condições de trabalho. Em 1955 um grupo de *moradores* do Engenho Galileia, localizado no estado de Pernambuco, se alinha em uma sociedade beneficente chamada de Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco. A sociedade, que inicialmente tinha o objetivo de criar uma escola para os *moradores* do engenho que não tinham acesso a educação básica, foi repudiada pelo proprietário que decidiu em contra-partida expulsá-los. Ameaçados eles foram em busca de apoio jurídico e encontram o advogado, e também deputado, Francisco Julião. A partir daí Julião inicia uma “luta” em três frentes: no legislativo, apreciando leis que regulamentassem a situação do trabalhador rural; no jurídico, lutando contra a expulsão de moradores das terras de onde podiam obter os recursos para sua subsistência; e no campo, iniciando um processo de

conscientização dos agricultores para se organizarem em sistemas de cooperativa e em sociedades civis que poderiam influenciar positivamente a qualidade de vida desta classe social. O movimento que se iniciou no Engenho Galileia atinge outras regiões do nordeste ganhando força política e reconhecimento nacional ficando conhecido como “As Ligas Camponesas”⁴⁴.

Em artigos escritos na década de 1960, antes do golpe militar de 1964, Julião relaciona as condições de vida que tornaram viáveis a formação das Ligas Camponesas⁴⁵. O movimento se firmou entre os “camponeses” que são classificados por Julião e historiadores da época como: os moradores de condição (a quem eram dadas terras para cultivar em troca de dias de trabalho no eito do patrão), foreiros (que pagavam uma quantia em dinheiro ao dono da terra), parceiros ou meeiros (os que pagavam pelo uso da terra com parte da produção), vaqueiros, posseiros e sitiante. Para Julião, ao contrário dos trabalhadores empregados nas grandes usinas, em estágio mais avançado de “proletarização”, os “camponeses” possuíam uma maior fixação às terras que cultivavam, onde se encontravam muitas vezes por mais de uma geração, além de possuir meios de produção, podendo se sustentar dos produtos do roçado e comercializar o excedente nas feiras municipais. Ainda por não estarem dependentes dos salários que eram trocados por mantimentos nos “barracões” das usinas, possuíam crédito em estabelecimentos comerciais e mantendo vínculos de amizade ou familiares com estes. Estes fatores financeiros e econômicos permitem que os camponeses se organizem e resistam por tempo na luta política contra os proprietários de terra. Outro fator que Julião chama atenção e que diferencia o camponês e o proletário rural empregado nas usinas, é o fator jurídico. Os trabalhadores rurais, tem a seu lado a Consolidação das Leis do trabalho, embora pouco respeitadas no campo, é neste documento que as disputas jurídicas são baseadas. Já os “camponeses”, que não são assalariados portanto não se enquadram nestas leis, tem como base o código civil que permite interpretação, levando a criação de novas leis para regulamentar relações entre estes e o direito à propriedade privada da terra, almejada pelo “camponês”.

A afirmação de Marenildo de que as Ligas Camponesas não tinham tido uma atuação na região da fazenda Queimadas e vizinhanças parece ir de acordo com os textos da época de Julião e Andrade que situam as Ligas Camponesas nas terras de Engenhos que, para abastecer uma nova demanda das grandes usinas de refinamento de cana, tentaram expulsar

⁴⁴ ANDRADE, 2009

⁴⁵ JULIÃO, 2009

moradores que se organizaram para resistir, gerando conflitos. Na agreste alto da fazenda Queimadas não havia cana, e a distribuição de terras não estava vulnerável às oscilações do mercado internacional. A agricultura familiar de subsistência associada a cultura de algodão em terras de criação de gado era independente a estes acontecimentos, sendo assim as formas de contrato entre *patrão* e *morador* permaneceram estáveis até que, depois do golpe militar de 1964, *moradores* foram expulsos da fazenda por proprietários que temiam as novas leis que tratavam dos direitos do trabalhador rural, atrasando o desenvolvimento de um movimento político entre os agricultores para melhorias de suas condições de vida.

Paralelamente a formação da Ligas Camponesas, surgiram associados a organizações católicas, os primeiros sindicatos rurais e agricultores que não estivessem em zona de atuação da liga eram orientados por Julião a se associar a estes sindicatos, embora os mesmos tivessem pouco respaldo por não serem legalmente reconhecidos. As políticas desenvolvimentistas do governo militar não contemplavam a classe de pequenos produtores da agricultura familiar e as condições de vida dos *moradores* chegou a seu pior nível. A falta de água, de alimentos, de saúde, de educação isolou esta população até que, na redemocratização do país ocorrida na década de 1980, organizações civis começaram a atuar na região em associação com os sindicatos rurais que ganhavam força a partir de 1988, com o apoio da nova constituição que estabelecia bases para conquistas inéditas pela diferentes classes de trabalhadores rurais. Hoje os sindicatos são peça fundamental na rede de instituições públicas e privadas que apóiam a agricultura familiar e através deles os agricultores garantem o direito básico de todo trabalhador que é a aposentadoria.

"_Aí em 72, aí só ficou 4 vaqueiros na propriedade, que eram os 4 capangas, vaqueiro mas andava armado, não podia deixar ninguém passar na propriedade, por isso que inchou Remígio, Remigio hoje tem quatro favela grande, esse pessoal veio de onde? Tudo aqui dessas propriedades, Padinho Bronzeado, Severino Carmo, e que que eu fiz? Fiz um levantamento dessa propriedade em 72, era tão difícil na época, as comunicação principalmente prá nós que não tinha cultura, que eu prá pegar o endereço do ministério agrário, eu pegava na hora do Brasil, eu pegava uma letra hoje outra amanhã até que eu peguei o endereço e mandei uma carta para o Ministério da Reforma Agrária dizendo assim, _essa propriedade em 1964 tinha 384 moradores, todos produzia,

eu fiz o levantamento, vamos dizer assim, mil quilo de algodão, fiz o preço do algodão todinho, o feijão, vendia o feijão todinho, vendia o milho e arrendava a propriedade, tirei o dinheiro dos imposto, o ICM dos imposto, essa propriedade rendeu tanto pro estado, rendeu tanto pros agricultor, tantas família que era funcionário dos seus próprios pais, fiz esse balanço todinho e mandei para o ministério, passei mais de mês fazendo esse trabalho todinho e mandei prá lá. Ai nessa época eu tava viajando que eu trabalhava de detetive particular e também agente de segurança, aí quando eu cheguei na casa do patrão lá em São Paulo eles me mandaram uma carta daqui, prá mim, dizendo que tinha mandado uma carta prá mim de Brasília. Era a resposta da carta que eu tinha mandado, dizendo que se eu quisesse, eu pedia uma desapropriação dessa propriedade, e na carta dizia, se eu quisesse uma terra para trabalhar, que não fosse lá pro sudeste, ou que esperasse que essa terra podia ser desapropriada." (Mario Pereira, Assentamento Queimadas))

*"_E aí o povo falava, tinha gente que nem sabia o que diabo era sem terra não, aqui não existia sem terra, por aqui não nem ouvia nem fala, no tempo que nós viemos praqui, no dia que atacaram a terra de Antonin Diniz, no dia que atacar eu vou, foi, e atacaram numa segunda-feira de tarde quando foi na terça-feira eu fui, aí amanhecendo os cabras dormindo lá nas barracas, uma hora dessa eu tava viajando para as Queimadas, todo dia eu ia dormir lá, e prá vim no outro dia pra trabalha aqui, numas pedra que tem ali, mas não desistimos, até que conseguimos. Aqui demorou pouco, com 6 mês foi desapropriado, que isso aqui não era de Antônio Diniz não, isso aqui, Antônio Diniz fez um empréstimo grande com isso aqui, lá prá banda da SUDENE, e tirou meio mundo de dinheiro, ele não podia nem fazer contra que não era dele, aí foi, parece que foi no mês de março pra abril que surgiu a desapropriação **_Então foram seis meses na barraca? Mas não teve briga não? Repressão?** Não, ainda fomo expulso, inda passou por riba da barraca da gente, inda meio tropeçando, que os primeiro aqui, que nós quando chegou a polícia, o juiz perguntou quem é que morou aqui no tempo de Antônio Diniz, né, de Ismael, seu Severino Carmo, aí foi eu, foi um bucado né, fomo processado e tudo, se Antônio tivesse aqui nois tava com processo, o juiz tumou de conta tudo, tumou nota sabe, dos primeiro que morou aqui, na terra, no tempo que*

nos trabaiaava aqui, ia passando por riba da gente, no dia que foi chamado pro juiz, que o juiz chamou ele, ele diz que teve muito amigo que vinha aí com os pistoleiros pra matar nois." (Peixoto, Assentamento Queimadas)

Um dos movimentos mais importantes que surgiu após a redemocratização do país no que diz a vida do trabalhador rural foi o MST, Movimento dos Trabalhadores sem Terras, que se articulou em diversas regiões do Brasil para lutar pela reforma agrária. Na Paraíba o movimento tem a sua primeira atuação significativa em 1989 com a ocupação da Fazenda Sapucaia. Em 1999 o "movimento" organizou a "Marcha em Defesa do Brasil" que se iniciou em Cajazeiras rumo a João Pessoa, passando por 28 municípios, inclusive Remígio⁴⁶. Ao chegar a Remígio os organizadores da marcha entraram em contato com o sindicato dos trabalhadores rurais, na época presidido por Eduardo, que informou sobre a situação da fazenda Queimadas que já se encontrava em processo de desapropriação pelo INCRA, em João Pessoa. A partir daí, iniciou o trabalho de base para a ocupação da fazenda organizando os moradores que estavam dispostos a participar do acampamento. Os assentamentos Queimadas e Oziel Pereira foram os primeiros assentamentos na região do agreste alto da Borborema, e havia uma resistência da população local ao movimento cujos líderes não pertenciam a região. Neste aspecto, a intermediação do sindicato juntamente a articulação de Seu Mario Pereira e João Batista, atual presidente da associação dos moradores, foi fundamental para convencer as famílias a tomarem parte da ocupação. A mulher de Seu Peixoto, por exemplo, se recusou a participar e até hoje eles vivem separados. Posteriormente, para representar o grupo de antigos moradores da região cadastrados no assentamento e impor o modelo de vida local, ao contrário do modelo pré estabelecido pelo MST para os assentamentos rurais, as lideranças de Seu Mario que foi eleito primeiro presidente da Associação dos Moradores do Assentamento Queimadas e João Batista, atual presidente foram fundamentais para a forma que tomou o assentamento Queimadas.⁴⁷

No dia seguinte a ocupação, Antônio Diniz, o então proprietário, conseguiu uma ordem de despejo e destruiu o acampamento que foi reerguido sem sofrer maiores retaliações. Por um período de seis meses até a demarcação e distribuição dos lotes as disputas foram internas, entre as lideranças locais e as lideranças do MST. A primeira bandeira levantada por Seu Mario e que foi de encontro a proposta do MST e do INCRA foi a demarcação dos lotes.

⁴⁶ SILVA, 2000

⁴⁷ Prancha nº 12. Página nº 157

O INCRA tinha um plano para formar lotes de apenas quatro hectares por lote e Seu Mario, em nome dos assentados estava pedindo 10 hectares para cada família, o caso terminou na justiça. Seu Mario argumentou que quatro hectares não eram suficientes para o agricultor manter sua lavoura rentável e garantir a criação de animais pequenos e médios, típicos da região, convencendo o juiz e Seu Mario ganhou a primeira causa. Com o tamanho dos lotes garantido era necessário dividir o terreno, o MST fazia questão da construção das casas em agrovilas, próximas umas as outras, uma convivência de comunidade mais próxima, os moradores da região preferiam manter suas casas construídas dentro dos lotes, da maneira que viveram antes de serem expulsos da fazenda. Entre os argumentos pró e contra, a questão da segurança. Seu Paulo que hoje mora na agrovila de Lagoa de Jogo veio ainda criança de um canavial da zona da mata e se estabeleceu na *rua* em Arara. Ele se disse ter sido convencido pelo argumento de que isolado no sítio a família está mais vulnerável a assaltos. Já os moradores antigos da região preferiam construir as casas dentro dos 10 ha demarcados como seus lotes possibilitando a criação animais que são alvo recorrente de furtos e necessitam de cuidados e vigília constantes.

A questão também acabou na justiça que determinou que a fazenda seria dividida em dois assentamentos e as famílias teriam direito a escolha, os que quisessem morar em agrovilas deveriam ficar com o MST, e os que quisessem morar dentro dos lotes ficariam como membros da associação de moradores tendo Seu Mario e João Batista como representantes. Os MST teria ainda argumentado que na agrovila havia a garantia das casas serem construídas e abastecidas com energia elétrica, mas ao final da divisão apenas 50 famílias optaram por morar na agrovila. Foi formada uma cooperativa para ser administrada pelos moradores da agrovila que manteve o nome destinado pelo MST, Oziel Pereira. As outras 100 famílias que optaram por morar nos lotes se filiaram a associação dos moradores do assentamento que passou a se chamar Queimadas, antigo nome da propriedade.

A configuração final do assentamento Queimadas engloba 1980 hectares de terra e está dividida em: 100 lotes de 10ha cada, totalizando 1000ha; 500 hectares de área de plantio coletivo, pouco utilizado, onde cada família tem direito a 5 hectares; e 480 hectares de reserva de mata nativa, protegida pelo IBAMA contra o desmatamento ou a extração de madeiras, sendo que é permitido soltar o gado na área de preservação durante o inverno, período em que, nas áreas cercadas dos lotes, os agricultores usam para plantar.

Seu Careca, Peixoto, Zé Amaral, Mario Pereira, todos reconhecem que o empenho do movimento foi fundamental na formação dos assentamentos, mas não poupam críticas às práticas atribuídas ao MST, que não estariam voltadas para o bem estar do assentado. A cobrança de percentual nos projetos de apoio aprovados por bancos e instituições governamentais, e as mesmas políticas de mobilização anteriormente criticadas, consideradas mais agressivas como invasões e a obstrução de vias públicas, são apontadas como causas para o fracasso da cooperação entre os antigos moradores da fazenda e o MST.

1.4. “O tempo, Deus é quem manobra, a gente faz só os planos”: Seu Zé Sinésio e as pesquisas do algodão *sem veneno*

Saindo de Remígio, seguindo pela *pista* em direção a Arara e Solânea chega-se a uma das entradas do assentamento, no meio de uma curva, a esquerda, uma porteira de madeira parece a entrada de um sítio qualquer, sem qualquer tipo de sinalização, o que faz com que seja fácil passar sem se notar, e algumas vezes quando dirigia tive que retornar para achar a entrada. Apesar da estrada que leva ao assentamento não ter muito movimento, ao passar a porteira é imediata a sensação de estar entrando em uma outra realidade, muda o ritmo e a velocidade do carro, o som das rodas no barro irregular da estrada de terra contrasta com o zumbido do vento na velocidade do carro na pista e, além de nossa vozes, é o único som que se ouve enquanto adentramos por uma xadrez de caminhos que conectam os 100 lotes do Assentamento Queimadas, e que, na época das chuvas, são interrompidos pela formação de pequenas lagoas naturais, quase impossibilitando a passagem de carros de passeio. Em uma das minhas estadias eu cheguei a atolar uma vez, e no caminho entre a casa de Vânia e Alexandre e a casa de Seu Zé Sinésio, foi necessário criar um caminho de pedras para que os carros não atolassem. Ao longo do caminho a paisagem varia com a estação, se no inverno além do verde dos roçados as árvores estão cheias de folhas, as beiras das estradas e as capoeiras cobertas de uma mata verde e abundante, no verão a cor do barro domina o campo visual com toques de verde dos mandacarus, xiquexiques e pés de umbu, que com suas grandes copas garantem alguma sombra para os animais.⁴⁸

Depois de um trecho desnivelado logo na entrada surge um platô de um horizonte distante cortado pelas gigantes torres que levam, dizem, energia da hidroelétrica do São

⁴⁸ Prancha nº 13. Página nº 158

Francisco para Natal, e salpicado pelos telhados de cerâmica das casas construídas nos centros dos lotes de 10 hectares rodeado de roçados, bois de trabalho, ovelhas, porcos, galinhas e perus. Ao longo do caminho cercas de arame farpado demarcam os lotes, e as casas no centro do terreno, ao contrário de agrovilas, criam uma distância física entre os vizinhos. Numa distribuição do espaço que aconteceu recentemente com a criação do assentamento e que abriga famílias de origens diferentes, por vezes sem laços anteriores de vizinhança, a sociabilidade entre algumas famílias menos relacionadas fica restrita à reuniões da associação de moradores. Os homens que cuidam de animais na área coletiva ainda circulam mais do que as mulheres encarregadas dos afazeres domésticos e eventualmente de roçados próximos a casa. No verão, tempo seco, quando o gado é trazido para as áreas cercadas para garantir a sua alimentação e acesso à água estes passam a fazer parte da paisagem.

Dentro do assentamento não existe transporte público sendo que o ônibus e as *bandinhas*, carros Chevrolet Veraneio de particulares, que fazem rotas locais até campina grande, param na *pista* distante da região do Gabinete. As *bandinhas* também podem ser contratadas para transportar grupos para eventos, encontros, etc. No casamento de Jacó, eu e parte da família, incluindo Seu Zé, pai do noivo, perdemos a cerimônia na igreja porque a *bandinha* não apareceu, foi preciso alguém ir a procura de outro carro para buscar os cerca de 12 convidados que haviam ficado para trás. Ao chegarmos a cerimônia Melchior da Arribaça tinha a piada pronta: A festa iria ter dois grupos musicais, pois ao ligarem para Melchior dizendo que a *bandinha* tinha falhado, ele contratou um trio de sanfoneiros para animar a festa! Para se locomover, a maioria dos moradores possuem pelo menos uma motocicleta na família que usam entre assentamento e a pequenas cidades vizinhas onde visitam familiares e compadres, tratam de assuntos em bancos, consultas médicas e frequentam a feira semanal. Poucos tem capacete, habilitação para conduzir ou documentos das motos que circulam bem por pequenos caminhos que antes, e ainda hoje, são utilizados pelos carros de boi, charretes e pessoas montadas a cavalo, onde não há fiscalização. O carro de boi e outro meio de transporte bastante usado pelos moradores do assentamento, neles carregam produtos agrícolas, barris de água, e transportam móveis e mudanças em geral.

Seu Zé mora em um dos lotes que ficam na região que os moradores do assentamento chamam de Gabinete, mais distante da *pista* e perto da região de mata preservada pelo IBAMA e da área reservada para projetos coletivos do assentamento, e

cortado por caminhos que ligam internamente o assentamento a outras propriedades e municípios. Em uma das minhas estadias Seu Zé e Dona Bernadete me levaram para um passeio a cavalo a antiga propriedade que chamam Volume⁴⁹, dentro da reserva. No caminho seu Zé me apontou as variedades de vegetação local e suas propriedades para o homem e para a nutrição do gado. Ao chegarmos a uma parte mais alta temos uma vista panorâmica do assentamento e vizinhanças, e é onde se encontra uma antiga casa de fazenda abandonada mas inteira e uma arena cercada de madeira para treinar ou fazer a exibição de animais. Não há lotes nesta área mas há moradores e isso pode se transformar em fonte de problema pra associação no futuro. Subindo um pouco mais chegamos ao Tanque, uma construção de pedras naturais com diques de cimento construídos pelo homem que formam vários reservatórios de água que segundo Dona Bernadete eram usados pelas mulheres para lavar roupa. Dona Bernadete e Seu Zé Sinésio sempre falam da beleza que é o Volume, e devo concordar, ao ver aquele pedaço da propriedade não pude deixar de pensar na quantidade de coisas que poderiam ser feitas ali pela associação para atividades como a de turismo rural, mas também na enorme quantidade de problemas que surgiriam da tentativa de fazer 100 famílias concordarem e trabalharem conjuntamente em um empreendimento deste tipo.

A antiga casa de fazenda serviu de abrigo a família de seu Zé Sinésio que não participou do movimento de ocupação das terras e chegou ao assentamento em 2005. Os lotes mais afastados eram menos disputados, longe da pista, coberto de um mato fechado e com condições climáticas mais áridas, exigiam um trabalho maior para permanência de famílias que não chegavam já adaptadas a estas condições, e vários lotes foram repassados a outras famílias, os candidatos escolhidos em votação na associação. Desta forma, não Seu Zé Sinésio mas Dona Bernadete, irmã do atual chefe de associação, João Batista, conhecida de muitos dos assentados, e seu filho Alexandre foram contemplados com os dois lotes vizinhos um ao outro no Gabinete. As casa destes lotes nem haviam sido construídas ainda quando chegaram, se hospedaram no volume e começaram a limpar o terreno. Um tempo depois, Jacó, recebeu um outro lote, este mais perto da pista. Com isso seu Zé conta com Alexandre, Jacó e ainda Elias, que solteiro cria um filho pequeno e mora com os pais para administrar o trabalho do núcleo familiar que estende por três lotes, juntos cuidam dos animais e ajudam nos roçados do pai, depois indo cuidar das terras em seus próprios lotes. André, o outro filho ainda solteiro reveza entre São Paulo e o assentamento, em São Paulo ele trabalha em marcenaria e é bem

⁴⁹ Prancha nº 14. Página nº 159

remunerado, mas quase todo ano ele volta e investe parte do que acumulou lá em animais que cria com o pai e os irmãos.

Na minha primeira visita ao assentamento, a sensação ao cruzar o alpendre da casa de Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete e entrar na casa foi de total relaxamento, a intensidade da luz do lado de fora em um dia de muito sol e calor dissipou-se em um ambiente amplo, de cores sóbrias, piso de cimento e coberto com telhas de cerâmica por onde passavam pequenos feixes de luz que iluminavam a sala. No frescor da sala e confortavelmente instalada em um dos dois sofás, com Dona Bernadete e Seu Zé Sinésio sentados confortavelmente em duas poltronas, eu ainda podia ver um outro ambiente que ligava a sala aos quartos e a cozinha. Assim como a disposição dos móveis a planta da casa mudava a cada visita minha ao assentamento, depois, pude perceber que, aparentemente, a construção inicial já coordenada por Seu Zé Sinésio, seguiu um padrão diferente das planejadas pelo INCRA. Em uma conversa me lembro de Dona Bernadete reclamar por não ter sido ouvida na decisão sobre como a casa deveria ser construída, mas Seu Zé Sinésio a projetou exatamente de acordo com as construções tradicionais da região descritas em “Terra de Trabalho” por Afonso Garcia Jr.⁵⁰. Um bloco retangular, o alpendre circundava uma primeira sala, o que chamamos de sala de estar, ambiente em que se recebe visitas e a família socializa em frente a televisão. Esta sala dá acesso a uma outra sala, com uma mesa de jantar onde a esquerda duas portas ligam a dois quartos, ao fundo a porta para cozinha, o último ambiente da casa com uma saída para os fundos que dá acesso a uma pequena construção externa, onde está o vaso sanitário.

A casa original de Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete cresceu para trás, a cozinha dobrou de tamanho e ao seu lado foi construído mais um quarto e um pequeno cômodo usado para o banho com a água no balde tirada da cisterna. A construção recente inclui ainda um cômodo com acesso pelo lado externo, onde colocou uma forrageira, processadora de alimentos para os animais. O Alpendre é o local que Seu Zé Sinésio se senta ao chegar do mato ou do roçado para tirar das botas as esporas. Uma das laterais do alpendre foi fechada e se transformou na área em que seu Zé guarda seus apetrechos de montaria, celas, rédeas, etc. Sentado em uma cadeira de balanço recebe visitas e conversa sobre negócios política, interna e externa ao assentamento. Dentro de casa, na frente da televisão, sentados no sofá e na presença de mulheres e crianças a conversa gira em torno das atividades cotidianas, assuntos do noticiário na tv, novelas, pessoas e parente distantes com quem se comunicam quase

⁵⁰ GARCIA JUNIOR 1983:166

diariamente apesar das dificuldades com o sinal do celular. A cozinha é o ambiente mais movimentado da casa e faz jus a ampliação de espaço, enquanto dona Bernadete mantém o fogo aceso e prepara as diversas refeições do dia, os homens da casa, mulheres, crianças, vizinhos e visitas de lugares mais distante engajam ativamente em conversas as mais variadas. Poucas vezes a refeição é servida na mesa da sala, a comida farta geralmente é servida sem turnos organizados, sendo que Dona Bernadete tem sempre separada a comida de Seu Zé que nem sempre é a mesma que o resto da família vai comer já que seu Zé Sinésio prefere uma alimentação, feijão ao invés de fava por exemplo, mais leve para não *ofender* o estômago.

Todos com quem conversei e entrevistei para esta pesquisa estão de alguma forma relacionados a "vida social do algodão *sem veneno* do assentamento queimadas", participando dos processos históricos, na produção do algodão, ou sendo responsável em fazer com que ele chegue como produto para consumo aos centros urbanos. Todos contribuíram para formular as idéias que orientam este trabalho, mas foi Seu Zé Sinésio quem, ao se associar a técnicos da EMBRAPA Algodão, renovou a experiência do algodão *sem veneno* na Paraíba. Sua trajetória pessoal mistura a vivência na fazenda Queimadas no tempo de Severino Carmo e as consequências no campo do período de um governo de ditadura militar e da produção de algodão no agreste impulsionada por produtos tóxicos. Inconformado em perder a renda que obtinha com a produção de algodão e irredutível na decisão de não usar *veneno*, ele diz ter mantido a obstinação em voltar a produzir até que, depois de alguns anos, um evento inesperado iniciou um processo de observação e pesquisa metódica que o levaram a produzir um algodão *sem veneno* sem a interferência do Bicudo. O sucesso da empreitada e a associação com a EMBRAPA fez com que Seu Zé Sinésio ganhasse notoriedade e ele já foi entrevistado para a televisão e revistas diversas vezes, além de freqüentemente viajar para participar de encontros sobre algodão e agroecologia onde costuma falar para platéias numerosas.

Com discurso envolvente Seu Zé Sinésio é a pessoa mais indicada para contar sua própria história. A partir das duas entrevistas que gravei com ele, pontuadas por declarações de outros agentes envolvidos e pequenas análises, selecionei trechos que melhor narram os caminhos que o levaram Seu Zé Sinésio ao assentamento Queimadas e a produção do algodão *sem veneno*.

"Quando foi no ano de... você vê, a minha história – às vezes eu

tenho conversado com os meninos, Melchior, Joao Macedo, " _rapaz, tua história dava prá escrever um livro." Porque às vezes eu começo a contar minha história e, às vezes Bernadete mesmo manga, e diz que eu sou... porque eu digo, eu me lembro, de os dois anos prá cá eu lembro de tudo, desde dois anos, e tenho prova que eu me lembro. Porque na casa onde eu nasci, saí dela com 2 anos, porque houve uma briga de pai lá com o vizinho, e foi obrigado ele fugir, era bem pertinho de Esperança, e ele fugiu para morar em Montada. E dessa vez que ele fugiu desse sítio, nunca mais eu voltei prá conhecer, mas eu me lembro; eu não conheço o sítio onde eu nasci, mas me lembro. Me lembro, e mãe que ainda é viva, cansei de explicar tudinho como era o sítio, que eu saí com dois anos desse sítio, nunca mais eu fui, nem sei onde é. Mas tudo que tinha no sitio, que com dois anos eu já andava assim por dentro do roçado, tudo eu conto, a casa, a posição da casa, como era a casa, e tudinho mãe diz que era certo. Então eu comecei a lembrar das coisas de 2 anos prá cá, eu sei de tudo, aí Bernadete começa a manga, brinca..."

*"Em Montada não se plantava algodão, porque lá era região de batata inglesa e fumo, e roça. Porque o plantio era esse. Não plantava feijão, não plantava milho...vivia só de plantar batata inglesa, fumo e roça, nesse tempo. **_Aí vieram prá cá?** _ Aí foi, quando pai viu que lá não estava mais dando certo, aí, um tio meu que ele era cunhado, ele era irmão de mãe, e pai irmão da esposa dele, quer dizer que eu com a família dele, nós somos primos carnais, aí ele veio, que ele tinha um cumpadre dele que morava aqui no Junco, ali mesmo onde tem aquela entrada prá cá, chama-se o Junco, **_ Onde dona Alice morava...** _ Isso, ali morava o cumpadre desse tio meu, aí ele veio um dia na casa dele, aí quando chegou, ficou embelezado com essa propriedade, porque era muito milho, muito feijão, fava, algodão... aí, ele quando chegou lá e disse, **_Compadre Sinésio, meu pai chamava Sinésio, _vamo embora, vamo arrendar um terreno na propriedade de Severino Carmo, era Severino Teixeira de Brito mas todo mundo só o chamava de Severino Carmo. Pai disse _Vamo olha. Aí vieram, e quando chegaram, que voltaram, já deixaram o sitio arrendado, 16 ha. Nesse tempo... Hoje, 16 ha uma pessoa trabalha sozinha, um agricultor aqui planta 16 ha não tá nem se incomodando, mas se for o caso, hoje é o maquinismo, né, é tudo industrializado.***

Hoje é trator, é boi, aí quer dizer que facilitou o trabalho. Naquele tempo não existia boi, não existia trator, era na enxada, um lerão deste tamanho tudo a braço. E não tinha movimento de melhoramento prá agricultura de qualidade nenhuma, a agricultura era difícil neste tempo.

“Cheguei aqui com 9 anos, nessa mesma propriedade. Me criei aqui, trabalhando na agricultura, até os 20 anos. Quando completei 20 anos mudei o trabalho, me enraivei com a agricultura e fui trabalhar de empregado, como vaqueiro.”

” _ E por que que se enraivou? O que aconteceu? _ “Isso, foi no ano de 64. No ano de 64, Isabel, aqui o inverno começou no meio de dezembro de 63, aí quando foi no mês de janeiro, ninguém podia mais trabalhar com tanto inverno, mas sendo assim, naquele tempo não havia pobre que nem hoje, não havia trator, não tinha boi de tração, era tudo no braço, aí eu butei um roçado, naquele tempo eu era solteiro, e trabalhava mais pai, eu butei uma hectare de roçado, cavado a braço, isso deu um trabalho maior do mundo, e tudo bem, aí levantou-se um feijão, plantei feijão, levantou-se um feijão que era a coisa mais bonita do mundo, o povo passava dizia, _vai dar cem sacos de feijão, e eu animado, e deu bom mesmo, aí quando chegou no tempo da colheita, aí chegou quase todos num tempo só, aí todos os agricultor pegou assim umas 15 dias de verão, todo mundo era colhendo seus feijão, e eu comecei a ajudar a pai colher o dele, aí a gente terminou, me lembro como seja hoje, a gente terminou num dia de sábado, de colher o feijão de pai, aí pai disse, _ pronto, a gente terminou de colher o meu, quando for segunda feira a gente começa no teu. Quando foi no domingo uma faixa assim de meia noite pro amanhecer da segunda, aí o inverno chegou, aí foi água, na segunda feira quando amanheceu o dia eu fui no roçado não vi mais um pé de feijão, tinha virado todinho prá dentro d'água, o roçado era numa várzea tava que nem uma lagoa, e você acredita que desse hectare de feijão eu não colhi um litro a dizer tem esse aqui de mostra, eu não colhi um litro de feijão, apodreceu todinho, acabou-se, foi, aí quando eu olhei eu cismeiquei que não trabalho mais na agricultura” (Seu Zé Sinésio)

As vidas de agricultores sem terras no agreste paraibano é marcada por pequenas

migrações dentro do território da Borborema, um circuito de grandes propriedades que recebem famílias como *moradores*, e pequenas comunidades rurais, que muitas vezes são opção de moradia para os que vão trabalhar *de meia* em propriedades onde não é permitido estabelecer residência. Neste movimento constroem um rede de relações entre compadres, vizinhos, bons e maus *patrões* que, junto as relações familiares, vão guiar essas migrações. As razões que levavam uma família a deixar uma moradia, tendem a ser questões econômicas, como o acesso a terras para *botar um roçado*, a qualidade das terras e dos *patrões*, mas também podem envolver conflitos de relacionamento no círculo social, como a "briga" que levou Seu Sinésio a deixar Esperança quando Seu Zé ainda tinha dois anos. No caso de núcleos familiares mais jovens, com poucos filhos em idade de contribuir com trabalho no roçado, havia a possibilidade destes se unirem a parentes para tirar proveito do trabalho em conjunto, aumentando a produtividade do núcleo familiar expandido. Um desses movimentos levou a família de Seu Zé Sinésio, em 1959, a se estabelecer na antiga Fazenda Queimadas, então propriedade de Severino Carmo onde Seu Zé, observando uma das *sujeições* a que a família era imposta para morar na fazenda, sob o comando de seu pai e seu tio, teve as primeiras experiências no cultivo do algodão.

As opções de trabalho para um jovem rapaz, filho de agricultores sem terras, e crescido na zona rural da região do agreste paraibano não eram muitas. O acesso as escolas era muito difícil e muitos paravam de estudar no segundo ano primário, o que não era garantia da criança estar ao menos alfabetizada. Sendo assim, as opções ficavam entre a agricultura no roçado, onde o chefe da família comandava o trabalho conjunto para produzir alimentos em terras de fazendeiros de gado, e a profissão de vaqueiro, empregado direto do fazendeiro embora com um cotidiano mais independente, já que o trabalho envolvia *pastorar* os animais criados no mato, viagens para comprar e vender animais, participar de vaquejadas e festas agropecuárias, e outras atividades que atraíam os jovens mais aventureiros. Se por um lado a agricultura nas rígidas condições climáticas e de solo locais tornavam esta uma atividade de grande risco, causando situações de vulnerabilidade na segurança alimentar, por outro, a independência do vaqueiro se dava ao custo deste se adaptar a um estilo de vida também bastante rígido. Apesar do pagamento de salário, sem mulheres, mãe ou esposa para cuidar de uma casa, estes viviam em alojamentos, e se algumas vezes podiam se alimentar nas dependências da fazenda, em outras, o leite, a rapadura e talvez cus-cus de milho podiam ser as únicas opções.

Assim como outras fazendas da região, a atividade principal da fazenda Queimadas era a criação de gado e havia empregados que cuidavam dos animais. Seu Zé conta que desde os primeiros anos na fazenda, além de trabalhar com seu pai no *roçado*, acompanhava com interesse o trabalho dos vaqueiros, sua curiosidade o transformou em um especialista e hoje muitas vezes é chamado para atender a rotinas ou emergências veterinárias. Aos vinte anos de idade ele tinha a opção de se casar, iniciar uma família, talvez arrendar uma terra de Severino Carmo para *botar um roçado* mas uma decepção com todo um trabalho perdido na agricultura foi o incentivo para Seu Zé seguir sua vocação para vaqueiro e em 64 Seu Zé vai trabalhar no seu primeiro emprego, em Lagoa da Cruz. Na seqüência de sua partida da fazenda, em 1966 Severino Carmo expulsa os moradores da fazenda dificultando ainda mais o trabalho dos agricultores que agora, além de dividir o que *lucravam* com os proprietários das terras, precisavam encontrar lugar para estabelecer moradia. Seu Sinésio e Dona Maria, pais de Seu Zé, acompanharam o movimento de outros moradores da fazenda e se estabeleceram no Casserengue, onde Dona Maria, viúva, mora ainda hoje na companhia de uma das filhas, também viúva. Depois de quatro anos pelos matos, aos 24 anos, Seu Zé decide se casar com Dona Bernadete e começar sua própria família.

“Em 68 eu saí de Lagoa da Cruz; nesse tempo eu estava prá casar... (a gente se conhece desde pequeno, quando eu cheguei ali no Junco, as casas eram desta distância assim, a casa de pai e a casa de seu Luis, o pai dela, eu ia completar 10 anos e ela ia completar 8, a gente se criou junto, toda a vida juntos. Passamos 8 anos prá casar, começamos o namoro de meninos e Dona Alice, a mãe dela era braba demais, não queria, mas Bernadete queria, e pronto, até hoje, né?” (Seu Zé Sinésio)

E morando no sítio, como conhecia os namorados? Como a Sra. conheceu o Seu Luis? *_Sabe Isabel, as coisas, o pai de Luis é irmão de minha mãe, por que o meu avô foi casado, foi viuvo, o pai de Luis era do primeiro casamento, e a minha mãe é do segundo casamento, eles eram irmão, eles mora nesse mundo, sempre aí aquela família, que a família lá do meu sogro foi grande também, ele criou 17 filhos, mais duas mulher, dez homens e sete mulher, então foi esse conhecimento assim Aí quando foi o ano de 45, aí o Sebastião que é o filho mais velho do segundo casamento de meu sogro, aí foi lá para Solânea, e aí a*

família foi se aproximando e então foi quando eu conheci o Luis e nos casamos e vivemos esses tempo todo. (Dona Alice, mãe de Dona Bernadete)

Seu Zé Sinésio conheceu Dona Bernadete, com quem se casou e teve doze filhos, sendo que apenas 11 *se criaram*, quando foi morar no Junco em uma casa vizinha a de Dona Alice e Seu Luis. A vizinhança no *sítio* era diferente da vizinhança na *rua*, e ao invés de coladas umas nas outras, no *sítio* as casas estavam separadas pelos roçados de seus *moradores*. A vida social dos *moradores* do *sítio* era bastante limitada, sem freqüentar escolas as amizades de crianças e jovens se davam entre vizinhos e parentes, que se morassem distante, aproveitavam o verão, quando não havia *trabalho*, para fazer pequenas viagens de visita a familiares e compadres. Os homens freqüentavam as feiras⁵¹ onde negociavam os produtos que cultivavam, mas as mulheres dificilmente iam a cidade, somente durante os festejos da padroeira, privilegiando os casamentos entre primos ou vizinhos.

Para um chefe de família como Seu Luis, ou posteriormente Seu Zé Sinésio, criar muitos filhos era motivo de orgulho. Além de indicar um poder econômico relativamente elevado, pois não havia nenhum tipo de auxílio governamental (assistencial ou de incentivo à produção) e o pai era o único responsável por alimentar e garantir a saúde da sua família, assim uma família numerosa aumentava a capacidade produtiva pelo maior número da força de trabalho disponível. Seu Luiz, pai de Bernadete, além de agricultor, era também negociante, o que lhe proporcionava melhor renda. De carro Seu Luis empreendia viagens para negociar os produtos, estabelecendo relações interestaduais, segundo Dona Alice, até o estado da Bahia. Quando os moradores tiveram que deixar a Fazenda Queimadas, a família já era proprietária de um *sítio* em Lagoa de Barro, hoje administrado pelo filho homem mais velho, Paulo. O patrimônio de Seu Luis não ficou restrito a zona rural e ele possuía imóveis na *rua*, na zona urbana do município de Remígio, o que facilitou para que os filhos mais novos obtivessem uma melhor educação formal, freqüentando as escola na cidade.

A pesar de terem sido vizinhos, os pais de Dona Bernadete não foram a favor do casamento e que acabou acontecendo com o consentimento de sua avó, mãe de Dona Alice, com quem Bernadete vivia na época, na cidade de Solânea. É comum que um casal recém-formado, sem uma condição financeira mais estabelecida, vá viver com os pais da noiva ou do noivo, o marido passando a contribuir na economia familiar, *trabalhando* com o chefe da

⁵¹ Prancha nº 15. Página nº 160

família no roçado. Depois de casados os jovens Zé Sinésio e Bernadete foram viver no Casserengue, com os pais do noivo, onde ficaram por pouco tempo até que seu Zé foi chamado para cuidar de uma propriedade, outra fazenda de gado de propriedade do *veio Zimundo*. A partir de então começa a estabelecer seu próprio núcleo familiar, trabalhando em fazendas de gado onde era permitido ao empregado morar com a família dentro da fazenda.

“Ele fez uma casa de residência, fez curral, cocheira, fez outra casa para o vaqueiro e veio me chamar prá trabalhar com ele em Cinco Lagoas. Fui e passei 8 anos trabalhando com ele. Foi lá onde eu comecei o trabalho com algodão, por minha conta, mesmo, minha responsabilidade. Eu trabalhava com o gado e era gerente geral da propriedade, trabalhava com o gado, trabalhava com 40 meeiros de algodão, milho e feijão, e eu era responsável por esse povo todo, e plantava 80 ha de algodão, com os meeiros. Não usava veneno e não existia Bicudo; a gente trabalhou com algodão, 74 foi o primeiro ano até 79. Em 79 nós colhemos algodão demais... Quando foi em 80 chegou o Bicudo, ninguém colheu nada de algodão.” (Seu Zé Sinésio)

“_E quando o Sr. foi ser gerente daquela propriedade, que o Sr. cuidava do pessoal, como é que era a relação com o pessoal que plantava de meia lá? _Olha, eu vou te dizer, eu fui empregado dumas dez fazendas grandes, gerente, administrando tudo, ainda hoje onde eu chego a amizade é grande, porque houve fazenda que eu sai, eu sai da fazenda por causa dos morador, mas não por causa, sai da fazenda por causa de dar a mão aos morador, em mais de uma fazenda aconteceu isso, porque eu fazia o que o patrão não fazia, que o patrão queria botar uma tabela prá acabar com os pobres dos morador e eu dava cobertura aos morador, findava entregando a fazenda e saindo, é isso aconteceu muito, a propriedade que eu mais mandei nela foi a de Zé Homero, do Cassereno, que lá todos os morador trabalhava de meia, era algodão, era feijão, e se eu cortava, eu trabalhava, hoje eu vejo trator, hoje ninguém trabalha mais, eu vejo um tratorista, a gente bota ele prá trabalhar, ele trabalha 3, 4, cinco horas no dia, não quer mais trabalhar, eu quando era empregado, não era sujeito a trabalhar, mas por causo dos morador eu não dormia de noite, trabalhava a noite todinha, o tratorista trabalhava o dia, aí prá ver todo mundo plantar num tempo só, mode

ninguém perder o tempo do inverno, o tratorista trabalhava o dia todinho e eu, quando terminava de jantar, pegava o trator de seis horas e trabalhava até 6 da manhã, é, trabalhava a noite todinha, só assim, em cima do trator, toda noite eu fazia 10 hectares de roçado, aí quando amanhecia o dia tinha terra pro povo plantar, só prá eu não ver eles perder o tempo do inverno, fazia isso direto, direto, as vez seis dias da semana, toda noite, toda noite eu cortava terra, a noite todinha
_O morador reconhecia? _*Todos ele reconhecia, ainda hoje a gente se encontra é a maior festa, a maior alegria do mundo, aí eu tenho esse prazer, né.” (Seu Zé Sinésio)*

“Nesse tempo, nos primeiros 2 anos de plantio, 74/75, a gente vendia para o comerciante, e quando foi em 76 seu Ze Homero chegou, nesse tempo ele era Secretario do Governo de João Pessoa, o governador era um irmão de Bezerra ... Mas o governador foi expulso e Ze Homero, meu patrão, que era secretário dele, assumiu. Aí em 76, ele já com grande conhecimento, conhecia tudo, ele chegou e disse: " _Ze Sinésio, o algodão ninguém vai vender mais para atravessador não, nós vamos vender agora é diretamente às usinas". Aí nós vendia diretamente a uma usina que é em Campina Grande. Eu ia todinha semana, às vez eu dava 3 viagem, ia um dia sim outro não pra Campina com uma carrada de algodão, entregar diretamente na usina.” (Seu Zé Sinésio)

Poço do Novilho, Areia, Arara, Serra do Bom Bocadinho, foram alguns dos lugares da Borborema por onde Seu Zé e Dona Bernadete passaram, *criando* animais e *trabalhando* nos roçados, enquanto a família crescia e as responsabilidades também. Alternando o trabalho em pequenos roçados e a vida de vaqueiro Seu Zé foi acumulando experiências e conhecimentos pessoais e elevou sua posição de empregado a gerente. Exercendo o que pode ser um talento nato para liderança, ao assumir o comando como gerente de fazenda, supervisionando o trabalho de *moradores* Seu Zé se coloca na posição de tomar decisões sobre o que os *moradores* deveriam produzir e passa a comercializar um volume maior de produtos, aperfeiçoando sua capacidade para negociar, o que vai aparecer quando se negocia o algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, em nome dos produtores, com empresários de São Paulo. O antagonismo surgido na inversão de papéis, de jovem agricultor, filho de *moradores*, quando passa a controlar a produção de 40 famílias, servindo de mediador

nas relações com os proprietários da terra é justificado pelo próprio por uma maior aproximação aos agricultores do que ao fazendeiro, oferecendo proteção contra abusos por parte do patrão e apoiando as famílias com participação direta na divisão do trabalho no roçado. O acesso a terra, investimentos em recursos como o *corte de trator*, e a boa produtividade mantinham os agricultores satisfeitos e a propriedade lucrativa para *moradores e patrão*.

*"_Aí assim, aí, em 80, acabou-se a safra de algodão, e ninguém sabia o que era... aí lá vai, mexeram, os pesquisador procuraram, aí descobriram que era esse tal de Bicudo que tinha vindo não sei de onde, lá vai, e ninguém tinha mais condição de planta algodão. Aí que veio um projeto de, se o banco liberava algum dinheiro prá todo mundo arranca os campo de algodão e queima, prá ver se esse Bicudo desaparecia, né. Aí se fez dois anos, ninguém plantou algodão em região nenhuma, 81, 82 e 83, houve uma seca e atrás dessa seca ninguém plantou algodão. Se arrancou todo o algodão quanto tinha em toda a região, o banco liberava o dinheiro, em fundos perdido, prá o cara arrancar e queimar, prá não ficar um pé de algodão em canto nenhum. E assim foi feito. Já os Bicudos desapareceram. E quando foi em 84, aí o povo começou, planta o algodão, diz _agora o Bicudo foi embora, não existe mais. Quando começaram a planta o algodão ele tava no roçado esperando. Foi começar, 84 ninguém lucrou nada! Ó, 84 eu inda plantei, nada! Aí começou o veneno, aí o primeiro veneno que apareceu o cara precisa compra uma máquina muito cara, o veneno era seco, não era pulverizado com água, era veneno seco prá pulverizar campo de algodão, saía só aquela fumaça, aí era aquela máquina própria praquele veneno. Era cara a máquina, era muito caro o veneno, e só quem podia planta era o rico, pobre não tinha condição de planta _ **O proprietário lá da fazenda não...** _ Não, que quem comandava era eu mesmo, aí eu mesmo disse "_Seu Ze Homero, é melhor a gente deixar de mão, não vamos mais planta algodão que isso não vai ter mais futuro não". Aí ninguém plantou e os outros ficaram combatendo, né. Muitos proprietários ficaram prantando algodão, mas não tinha jeito não, era muito veneno" (Seu Zé Sinésio)*

"O Bicudo é um besourinho com biquinho, aí tem a rosada, que é uma

lagarta chamada rosada, isso já vem do tempo. Mas só que o Bicudo ele é uma praga que ele é voante, ele pega a casula do algodão, ele fura e vai-se embora, aí, naquela casula ele deixa o micróbio, o vermezinho, ele forma ali, mas ele não acaba com o algodão, [...] esse governo que passou, eles queriam compra o algodão de fora, que tem muito, prá desvalorizar o da gente aqui. Foi ai que indenizaram, queimemos o algodão todinho prá planta outro. Depois que a EMBRAPA entrou foi que teve essa experiência do... de planta esse algodão, esse algodão rosado, não, come o nome.... algodão vermeio... colorido, colorido!! Mas não plantei dele ainda não...”(Seu Careca)

*– **Aí, veio o Bicudo?** – *Aí, na verdade, Isabel, não foi Bicudo... o Bicudo veio também na mesma época, por que, o que que aconteceu, o cerrado brasileiro, a Bahia e tal começou a produzir algodão e começou a produzir o algodão de forma mecanizada, então o nosso algodão ele era o algodão arbóreo, aquele algodão perene que chama, que você planta uma vez e aquilo fica dando, uma árvore de algodão, você fica colhendo, aí chegou o algodão herbáceo que é aquele algodão baixinho, com alta produtividade, e o cerrado brasileiro começou a produzir daquele algodão em escala muito maior, com uma produtividade muito maior. Vamos falar em números, o algodão nosso do nordeste na época ele dava de 700 a 800 quilos de rama por hectare e quando o nordeste, o nordeste não, o cerrado e as pesquisas, a EMBRAPA Algodão, começaram a trabalhar o algodão herbáceo, ele começou já com mil, mil e tantos por hectare, hoje já está em cinco mil quilos por hectare.*(Maysa Gadelha, Coopnatural)*

Foi em 1980 que a situação do algodão no semiárido da Paraíba e outros estados do nordeste ganhou um contorno dramático com a proliferação de um pequeno inseto na lavoura do algodão, um besouro chamado Bicudo. O Bicudo penetra o casulo do algodão para colocar ovos quando este ainda é um botão, fazendo com que o casulo caia antes de abrir e revelar a pluma, acabando com a produção ao se reproduzir rapidamente. A infestação das lavouras ocorre em um momento pós introdução em massa das tecnologias da Revolução Verde como o uso extensivo de agrotóxicos nas plantações. Se a joaninha de fato come as larvas do Bicudo como hoje acreditam os técnicos ligados aos princípios agroecológicos, o veneno que mata as joaninhas pode ter contribuído para que a praga fosse difundida mesmo

em campos que não usavam veneno. Com a proliferação da praga, a produção familiar de algodão no nordeste rapidamente deixou de existir no formato que tradicionalmente vinha se desenvolvendo. A partir de 1980 a única forma de se *lucrar* o algodão na região era combatendo o Bicudo com uma alta carga de *veneno*, ou agrotóxicos, e os pequenos produtores, sem recursos, acabaram excluídos desta forma de participação na economia formal local, levando a uma ainda maior concentração de poder nas mãos dos grandes proprietários de terra, iniciando um período de fluxo migratório de maior intensidade para os estados do sudeste, principalmente São Paulo.

Mas o Bicudo não é considerado o único motivo para o encerramento da atividade algodoeira no semiárido, em diversas esferas da Rede Paraíba de Algodão Agroecológico surgem relatos de condições políticas e de economia de mercado que contribuíram para a decadência da cotonicultura na região. A alta inflação no Brasil e redução de alíquotas de importação são fatores que levaram a uma maior importação do algodão estrangeiro para a indústria nacional. Enquanto isso as pesquisas da EMBRAPA Algodão não chegavam a soluções que eliminassem o problema do Bicudo. Alguns agricultores, como Seu Luis, pai de Dona Bernadete, tinham recursos para seguir produzindo algodão com o uso de *veneno*, porém a falta de informação sobre o uso correto fazia com que muitos apresentassem sérios problemas de saúde. A decadência da cotonicultura leva ao fechamento das usinas da região e o algodão do semiárido paraibano entra numa fase em que perde seu valor comercial.

“ _ Porque toda vida eu gostei do plantio de algodão, eu adorava o plantio de algodão, que o algodão é dinheiro. O algodão a gente não come ele, mas quando a gente tem um campo de algodão no roçado a gente olha, e a gente pode tomar dinheiro emprestado que a gente sabe que paga, por isso que toda vida eu gostei de algodão ” (Seu Zé Sinésio)

Seu Zé Sinésio certa vez me disse que sempre trabalhou com empréstimos em bancos, plantar algodão significava a possibilidade de planejar negócios com a expectativa de *lucrar* para manter as prestações em dia. Mesmo hoje, os produtores de algodão do assentamento esperam o pagamento do algodão para manter em dia as parcelas anuais dos projetos de melhoramentos destinados aos moradores dos lotes. Inconformado com a eliminação desta fonte de renda, já que se recusava a usar veneno, Seu Zé, ao ver um pé de algodão silvestre produzir um monte de algodão, se apegou a idéia de que poderia voltar a

produzir sem que o Bicudo atacasse o *roçado*. Meticulosamente fazendo experiências que observavam o ciclo de estações, verão seco e inverno molhado, chegou a conclusões que hoje orientam toda a produção de algodão sem veneno na Paraíba. Apesar de um pouco longa, a riqueza da narrativa em que expõe suas experiências vala a pena ser reproduzida.

*"_Depois de 84, quando eu plantei que não deu certo, aí eu deixei mesmo de plantar de uma vez. Aí fiquei 8 ano, eu só tinha noite que eu não dormia pensando que existia um meio, como era que podia chegar o ponto da gente planta algodão sem precisar de veneno, porque com veneno não adiantava, porque colocava o veneno e o Bicudo ainda devorava. Aí prá que veneno, gastá dinheiro com veneno se não matava o Bicudo. **_E muito agricultor com problema de saúde?** _Muito agricultor, e com veneno a gente já sabe, que mexeu com veneno, a saúde desaparece. Aí, bem, eu fiquei 8 ano, passei 8 ano pelejando, pensando, fazendo plano, com 8 ano foi que eu vim descobri, agora tu vê, foi tão fácil! Eu descobri, que até hoje a gente tá plantando, onde existia esse campo perto de Pedra D'água, a gente arrancou, mas nunca arranca todo né, direito, ficou um pé de algodão, que assim, eu não sei como aquele pé de algodão ficou, ficou aquele pé de algodão levantou por dentro do cercado, saiu jurema, saiu marmeleiro e ficou um pé de algodão "pelo verde". Esse pé de algodão cresceu, ninguém se importou mais com ele, ficou com um pé de algodão que dava uns 2 metros de altura, e ficou lá, dentro da capoeira, coberto de jurema... Quando foi um ano, eu não estou lembrado direito qual foi o ano, eu... o inverno começou em janeiro, e esse pé de algodão enfolhou e butou prá carrega, era tanta flô, tanta casula, tanto botão, que o cara passava assim... chega era um jardim. Mas também não segurou uma maçã, não. O inverno começou em janeiro. Não segurou uma maçã, eu chegava, aí parava o burro, ia olha, quando abria aquelas florzinha, aqueles botãozinho, contava 4 ou 5 Bicudo dentro de um botãozinho daquele, aí eu pensava assim, digo não tem jeito não... nunca mais ninguém pode planta algodão, que esse bicho não tem jeito não, aí, bem, não dei importância àquilo. Quando foi no mês de maio, houve um verão grande, aí o povo, esse ano foi muito bom, esse ano no mês de maio era muito feijão, o povo colhendo feijão, o mês de maio foi quase todo seco. E o pé de algodão pelou, o gado também comeu, a folhagem dele, ele ficou todo pelado, não tinha uma folha, não tinha*

nada. Em junho começou aquele serenozinho, assim da mata do agreste, a gente chama assim, do litoral, começou aquele velerozinho e os matos começaram a rebenta, e o pé de algodão começou a enfolha. Eu passava e o pé de algodão tava enfolhado, e carregando, e começou a abrir frô. E foi uma carga, Isabel, tão grande esse pé de algodão, carregou tanto no meio desse inverno de junho, que em setembro, quando foi no mês de setembro, eu passava assim, não tinha um galho dele que você não contasse 5, 6 capuchos de algodão. Não caiu um, prá dizer, debaixo dele você olhava assim, não via um botão, e o mesmo pé de algodão que no primeiro inverno ele não segurou um, e no segundo inverno carregou, era uma carga....as maçã, chega pendurava assim, se fosse medir, media quase um parmo, aqueles capucho pendurado. Eu mesmo levei prá mãe, que ela toda vida gostou, nesse tempo não tinha energia, e ela ainda mesmo com energia, hoje mesmo, você chega na casa dela pode dizer _Dona Maria, a senhora tem um lamparina aí?, que ela vai logo em baixo da cama buscar uma lamparina, que ela diz que é para quando farta energia. Aí eu cansei desse pé de algodão, apanhei quase todo levei prá ela fazer pavio, porque era uma lâ mais excelente do mundo, toda limpa, não tinha uma rotada, não tinha um Bicudo, eu olhava e não via um Bicudo nele, aí eu quero saber, prá onde esses Bicudos foram, né. Aí eu fiquei imaginando, quer dizer que eu ainda não sabia da realidade dele, e qual era o problema dele ter desaparecido, né. Eu descobri foi quando eu comecei, mas não sabia da realidade, que hoje eu sei a realidade, qual é o problema da gente expulsar o Bicudo, nesse tempo eu descobri mas fiquei sem saber, mas hoje eu sei da realidade qual é o problema da gente expulsar o Bicudo. Eu digo _ agora eu vou planta algodão, para o ano. Quando foi no próximo ano, eu butei um roçado e fiz um campo só de algodão, solteiro. **_ Isso lá ainda? _** Lá na minha propriedade⁵², aí eu fiz um campo de algodão solteiro, plantei só o algodão solteiro, um pouco largo, espaçoso, e plantei no meio de junho. Plantei o feijão, chuveu, secô, eu plantei o feijão, quando tirei o feijão, virei a terra e fiz um campo de algodão **_ Porque antes vocês plantavam o algodão... _** No mesmo tempo do feijão, as primeira chuva, é, podia se chovesse em janeiro, se plantava algodão em janeiro, se chovesse em fevereiro, era em fevereiro, era as primeira chuva, a

⁵² 1 Ha em Cinco Lagoas

primeira coisa que se plantava era o feijão, já o algodão acompanhando o feijão... Aí eu pensei, com isso que eu vi eu fiquei pensando _ será que é ele, é o tempo dele, da gente plantar ele? Que a gente tá plantando ele no tempo errado e o Bicudo acertou com o tempo? E a gente, vamos ver se a gente atrapalha o Bicudo com o tempo. Fiz um campo de quase 1 ha de algodão no mês de junho... deu algodão, que não apareceu um Bicudo! Pronto, aí eu ainda fiquei quieto, porque eu só gosto de dizer uma coisa quando eu aprovo mesmo, né. Aí fiquei quieto, plantei dois ano, prá poder começar a dizer ao povo que a gente podia planta algodão... depois de dois ano plantando, sem usar veneno, sem usar nada, e produzindo, aí eu comecei dizer a uns vizinhos, _ rapaz, se a gente planta o algodão do mês de junho, julho, dependendo do inverno, porque não é obrigado a gente ser obrigado a planta num tempo só, não, isso aí é dependendo do ano, é que se o inverno pega tarde, a gente planta mais tarde, se o inverno pega cedo, a gente sabe que ele corta mais cedo. Esse ano mesmo, qual foi o plano que a gente fez em todas as reuniões? Foi a gente terminar o plantio do algodão no dia 30 de junho, isso aí a gente assinou até contrato, tudo, espalhou prá todos os agricultor, que se chegasse o dia 30 de junho, quem passa do dia 30 de junho, não tinha mais participação, ninguém garantia mais a compra do algodão. Mas o tempo não é a gente que manobra, né, Deus é quem manobra, a gente faz só os planos. Aí, ó o inverno, aí agora a gente já mudou, né. Agora não tem tempo aguardado não... agora é junho, é em julho, é em agosto, agora enquanto tiver terra molhada vamos planta algodão. Num instante mudou o plano da gente, né? Sim, aí comecei a explica pro povo mas o povo não deram muita atenção, né, aí seis ano, que eu plantei. Os dois ano, aí saí do Cassereno, fui toma conta de uma propriedade do Major Cunha Lima, lá no Poço Verde, onde eu passei 10 ano. Aí, lá todo ano eu plantava, mas lá não tinha agricultor de algodão, só quem plantava era eu mesmo. Eu tinha um roçado, eu plantava mais os menino, todo ano nós plantava 1 ha, até mais, de algodão, mas vendendo assim, aos atravessador na feira, e todo ano eu lucrava muito algodão, e veneno nada. Mas aí lá no Poço Verde foi que eu comecei a ver qual era o problema dele, a fraqueza dele, porque um ano eu plantei ele perto, eu fiz as fileira com 50 cm. Quase não colhia nada, eu digo: “meu plano tá desmantelado”. No próximo ano fiz as fileiras com 1 metro, ele não

*chegou no campo. Aí eu fiquei pensando assim, que o problema do Bicudo era ele não aguentá a quentura. Eu digo, “ó xente, será que esse bicho, ele se reproduz através de sombra?” Aí no próximo ano plantei com 1 m de espaçamento e 50 cm no salto das cova, não apareceu um Bicudo. Produziu muito e não apareceu um Bicudo. Desse dia por diante, aí eu descobri que o problema dele, a fraqueza dele é não aguentá quentura. **_A época de plantar...** _ Sim, a época de planta porque é do meio do inverno já pro final, porque aí ele já pega um período de tempo quente. E nada de sombra, nada de sombra prá ele, que se haver sombra prá ele, se houver sombra no campo, ele tá no campo. ”*

“_Primeira a entra aqui foi a EMBRAPA, a EMBRAPA porque todo esse tempo que eu vivo, Marenilson me procurou, e me encontrou em todo canto, e me encontrou aqui, que ele já me conhecia, ele disse _Meu amigo, Peixoto, eu vim aqui prá nós planta um algodão colorido, prá nós planta o algodão prá ver. Aí ele deu e eu disse então tá certo, aí foi e trouxe o algodão colorido, aí ele deixou o algodão e trouxe uns negocio prá medi no espaço assim, ter de cavar tudo, rapaz esse negócio vai dá trabalho, jogue prá Seu Zé, aí Seu Zé ficou, aí daí começou o negócio do algodão, foi Marenilson, eu não sei se ele ainda trabalha na EMBRAPA.” (Seu Peixoto)

“_ Quando cheguei, tava Peixoto ali, aí disse, _ Vai plantar algodão esse ano? Eu digo, _ Se Deus quiser, vou”. Aí ele, _ Tem um contrato aí, vieram aqui, a EMATER, quer entrar aqui dentro do assentamento, diz que prá acompanhar, mas ninguém precisa de EMATER não. Porque aqui existia uma grande ignorância, né. _ Ninguém precisa de EMATER não, ninguém quer doutor da EMATER ensinando a gente a trabalha não, e já agora vem com uma historia de plantar algodão colorido, um algodão de outra cor, e mais, prá ver se planta esse algodão sem usar veneno. Isso é doido, vai vê que um doutor desse é doido, porque quem já viu planta algodão sem usar veneno; inda mais um algodão diferente, diz que é vermelho... eu quero lá plantar esse danado... _Eu disse a ele que você tinha chegado de novo e gostava dessas coisas, desses trabalhos, podia até plantar esse algodão. Eu digo, _Mas rapaz, ele disse _ Que o preço é garantido, quem compra é o governo. Eu digo _ Rapaz, dando certo, eu planto, e

*o meu eu planto sem veneno". Ele disse _ Ha, ha, você vai lucrar algodão aqui, sem veneno, lucra lá de onde você veio, daquele Curimataú... Aí eu digo _ Como é que se vê esse... _ Domingo, vamos prá Remigio domingo, que eu lhe mostro. Eu não conhecia ninguém ali, né. Os meninos da EMATER eram Eder e ... um outro menino que foi transferido... esqueci do nome dele. Aí no domingo eu fui prá Remigio, com Peixoto, ai chegamo, se encontremo que ele tava na feira, aí se encontremo, eu falei, e Eder apresentou aí disse, explicou: _ Olhe, é um campo de algodão de 2 ha, colorido, prá multiplicação de semente, que não existe na Paraíba, aí a Secretaria de Agricultura arranhou essas sementes e mandou prá EMATER prá procurar um agricultor prá planta essas 2 ha de algodão. Mas parece que vai voltar a semente, porque eu não encontrei, não. Já andei 68, esses assentamento todo, ninguém quer planta. Eu digo _ Como é? Ele disse, _ É garantido, 1 real e quarenta. Se o algodão era 50, 60 centavos, né... chegaram aqui com 1 Real e quarenta. Disse, _ Agora, nós vamos acompanhar, nós temo de acompanhar... agora você vai ter direito ao veneno, mas não vai usar. Vai o veneno de formiga, vai uns litros de veneno prá água, porque a gente acha que não vai ter condição de produzir esse algodão sem veneno, agora não vai usar, vai o veneno, veneno de formiga, veneno prá água, porque a gente acha que não vai ter condição de produzir esse algodão sem veneno, mas na última hora se coloca o veneno, né. É só uma pesquisa, prá ver se isso existe. _ **Se precisar usa.** Eu digo, _ Eu garanto, Eder, produzir sem precisar de veneno. Ele disse, _ É, vamos ver, né? Eu digo _ Eder, eu sou acostumado a plantar algodão, campos grande de algodão, todo com organização, eu já trabalhei na SUDENE, eu fui empregado da SUDENE, de todo tipo de organização na SUDENE eu já trabalhei... você dizer é só como que você quer o plantio". Ele disse _ É um por 50. Eu digo _ Pronto, pode deixar...num instante puxo uma corda uso uma corda, ele sabia, ele tinha razão." (Zé Sinésio)*

A entrada para o assentamento vai trazer um novo leque de relações para Seu Zé Sinésio, antes acostumado a trabalhar com os *patrões* e em família, e a negociar com comerciantes na feira, ao se mudar para o assentamento a família de Seu Zé Sinésio passa a fazer parte de uma estrutura que está diretamente ligada ao poder público através do cadastramento no INCRA. Para ter acesso as políticas públicas o assentados precisam de três

declarações: a primeira, do INCRA, é prova de que o agricultor está cadastrado como assentado, a segunda, do Sindicato Rural local, atesta que ele de fato trabalha na agricultura e a terceira, da associação de moradores do assentamento, garante que o beneficiário de fato vive no assentamento e mantém suas obrigações com a associação em dia. A associação que durante a pesquisa era comandada por João Batista, apóia projetos que atendam a todos os lotes igualmente. Este princípio vai gerar um conflito com o cunhado Zé Sinésio, quando o projeto do algodão *sem veneno* ganha força, liderado por Seu Zé, mas sem a participação de todos. A EMATER já tinha um contrato com o INCRA para prestar assistência técnica rural aos assentados e projetos como o que liberou recursos para cercar os lotes com arame farpado, comprar até três vacas e plantar palma para alimentar o gado na seca, projetos aos quais todos os assentados tiveram direito e que foram mediados pela EMATER responsável por avaliar as condições produtivas de cada família e destinar os recursos que julgasse compatíveis. A EMBRAPA Algodão, interessada em reproduzir sementes para a produção do algodão naturalmente colorido solicitou a EMATER, que tinha contato direto com os agricultores, que encontrasse alguém interessado no trabalho. Não se sabia na época que este movimento iria provocar todo um processo de revitalização da produção de algodão *sem veneno* na Paraíba. A EMATER chegou até Seu Zé Sinésio que não só produziu as sementes como captou a atenção de técnicos EMBRAPA que não acreditavam possível produzir algodão *sem veneno* na região.

" _ Porque até 2005 a EMBRAPA não acreditava. Foi quando ele fez esse campo, e disse deixa eu olhar aqui, um campo na região mais atacada de bicudo e sem veneno nenhum, a gente conseguiu produzir, e tem meio de produzir. _ Diz que existe lá um produtor que diz que produz em todo canto, sem veneno. Ai lá foi uma revolta, Ave Maria, todo mundo dentro da EMBRAPA, foi uma vaia, _Que conversa, rapaz, você tá conversando, não vê que esse agricultor... não existe esse meio de produzir sem veneno, rapaz. E ele _Está lá o campo que a EMBRAPA fez, e a gente produz rasgado. E em 2005, 5 agricultores, eu e mais 4 aqui, não colocaram mais veneno: Peixoto, Antonio de Pedro, Cabeção e Pedro Lopes. Cabeção, que era o que mangou, quando foi em 2005 chegou aqui dizendo _Seu Zé, qual é o tempo da gente plantar algodão? _Mas vocês não estão acostumados a plantar algodão? _ Não, a gente só vai plantar quando o senhor estiver plantando. Eu digo _O tempo nem é essas coisas todas, o tempo não é problema, o problema é espaçamento; não formou sombra, pode plantar em

qualquer tempo. Agora, no começo do inverno não, porque no começo do inverno, como agora, de qualquer maneira o algodão perde, se estiver o algodão casulando, perde; mas não é o tempo que faz o bicudo não atacar, é o espaçamento.(Seu Zé Sinésio)

"_Sim, aí a história do bicudo tá realizada e a gente volta à comercialização. Quando foi em 2005 a gente produziu muito algodão aqui, mas o preço caiu dum jeito, que chegou a 60 centavos, vendemos primeiro a 70, e o resto, a segunda apanha, só vendemos a 60 centavos. Aí eu me enraivei, que quando foi no mês de dezembro de 2005 Melchior chegou aqui, eu tinha vendido todo o algodão. Ele disse, _ É seu Zé, este ano o senhor vai plantar muito algodão, em 2006? _ Melchior, você não me fale mais em algodão não, eu não planto um pé de algodão agora em 2006! Melchior, não tem condição da gente plantar algodão pra vender a 60 centavos, não existe isso, ninguém pode, não. Mas eu disse aquilo através de uma brincadeira, não disse de vera, não. Mas ele disse _ E como é que chegava o ponto do senhor plantar algodão? _ Eu só planto algodão de hoje por diante se chegar ao ponto de eu vender ele antes de planta, que nem a gente tá vendendo agora, né? É eu fazer negócio e saber que vou planta ele mas tem a quem vender por aquele preço certo, sabendo que quando eu lucrar ele, já tenho aquele preço certo de vender ele. Mas esse negócio de planta ele e quando for pra vender o atravessador comprar por quanto quer, acabou-se, não planto mais não." (Seu Zé Sinésio)

Ao perceber o interesse dos pesquisadores da EMBRAPA por sua técnica que permitiria cultivar o algodão sem utilizar os agrotóxicos utilizados convencionalmente pelos produtores, Seu Zé observou que havia uma oportunidade para reverter uma situação historicamente desfavorável ao pequeno produtor de algodão na venda do produto. Na base da cadeia o produtor vendia a um atravessador que determinava o preço baseado no preço que venderia a usina, que por sua vez pagava ao atravessador de acordo com o preço do algodão processado e enfardado que venderia para a indústria têxtil. Vendendo diretamente para o governo, o preço que Seu Zé Sinésio recebeu por seu trabalho não estava diluído na circulação do algodão por diversos agentes na comercialização até chegar a indústria, mas este era um caso isolado, o governo não compra algodão regularmente. Seu Zé Sinésio não tinha relações

fora do circuito de feiras locais enquanto a EMBRAPA Algodão, embora não lide com comercialização e sim com pesquisa técnica, participa de um circuito de eventos nacionais e internacionais e tem acesso a agentes da indústria. Em um blefe de Seu Zé Sinésio, que ameaçou parar de produzir algodão, Melchior, via EMBRAPA, fez a conexão entre os produtores de algodão *sem veneno* do assentamento, representados por Seu Zé e o dono de uma indústria de roupas de São Paulo com um braço na produção de artigos orgânicos estabelecendo a venda direta do produtor à indústria têxtil.

2. "Ethos Ecológico" e o Espírito do Ambientalismo?

Chegamos a um ponto da análise em que temos uma "coisa", o algodão produzido *sem veneno* pela agricultura familiar no semiárido nordestino, que possui uma vida social própria, independente da trajetória do chamado algodão convencional, aquele produzido em larga escala pelo agronegócio com ampla utilização de recursos considerados antiecológicos. O algodão *sem veneno* produzido pela agricultura familiar no semiárido por uma longa fase foi considerado uma mercadoria de valor reconhecido internacionalmente, chegando a ser comparado ao ouro, o "Ouro Branco" do nordeste, mas com a intensificação da presença do Bicudo, ele praticamente deixou de existir já que os poucos produtores que continuaram a cultivar algodão, o passaram a fazer com o uso pesado de insumos químicos.

Com as experiências de Seu Zé Sinésio e o apoio da EMBRAPA Algodão, o algodão *sem veneno* voltou a ser cultivado pela agricultura familiar no assentamento Queimadas, mas para que ele atingisse uma fase de valor mercantil, era necessário que houvesse o que Appadurai chamou de "commodity candidacy", condições pré existentes que apontam para valorização de uma "coisa" e que se refere aos "*padrões e critérios (simbólicos, classificatórios e morais) que definem a "trocabilidade" de coisas em qualquer contexto histórico e social particular.*"⁵³ Para o autor existe sempre um "regime de valor" que, ao contrário de um "cultural framework" no qual se supõe um maior compartilhamento de padrões e critérios, define uma situação de troca independente do grau de coerência dos padrões e critérios adotados pelas partes envolvidas na transação ⁵⁴. No caso do algodão *sem veneno*, em uma análise mais abrangente, esta troca se dá entre o produtor do algodão *sem veneno* no campo e o consumidor nos centros urbanos, agentes de desenvolvimento rural e as empresas de confecção são mediadores do processo que leva ao consumidor um produto para consumo individual fabricado com algodão orgânico, e é necessário observar os critérios que fazem deste algodão um objeto de interesse para um determinado segmento da população mundial.

A qualidade do algodão *sem veneno* que o diferencia do algodão convencional é justamente o fato do primeiro não ser cultivado com o uso de agrotóxicos que, como hoje se sustenta, causam danos a saúde dos agricultores e a contaminação dos solos e mananciais de

⁵³ APPADURAI (2007:14) Tradução livre

⁵⁴ Idem

água. Esta e outras afirmações à cerca do uso de produtos químicos na agricultura, como exploração de recursos naturais abusiva para satisfazer as necessidades do homem e o consumismo exacerbado das sociedades contemporâneas, fazem parte do repertório de discursos encampados por aqueles que se identificam com os padrões e critérios de movimentos que surgem em segmentos das sociedades ditas desenvolvidas do hemisfério norte como Estados Unidos e Inglaterra, e que vem a ser conhecidos como ambientalismo e socioambientalismo. Padrões e critérios difundidos entre uma pequena, crescente, parcela da população mundial que, independente de vínculos territoriais ou do grau de compartilhamento de significados culturais relacionados a sua origem e biografia, orientam suas ações de acordo, em maior ou menor grau, com estes padrões. São estes que hoje colocam entre as suas escolhas, quando possível, vestir roupas que sejam confeccionadas com uma fibra natural, produto de uma agricultura *sem veneno*, e portanto formam uma situação propícia a entrada do algodão *sem veneno* em uma nova fase como mercadoria.

Segundo Leis e D'Amato (2003) para que o ambientalismo possa responder efetivamente ao que chamam de "crise ecológica" garantindo a continuidade do processo de mudança de mentalidade e comportamento ético, seria necessário que seus seguidores adotassem valores e práticas espirituais. *"Um ambientalismo laico não tem condições de perceber as causas profundas da crise ecológica, nem de avaliar a sua gravidade"*⁵⁵. É difícil não considerar que, independentemente de inclinações religiosas, os indivíduos que se identificam com os princípios do ambientalismo compartilham de uma crença comum. Todos acreditam que se não houver uma mudança no comportamento humano em relação aos recursos naturais do planeta, a água, o ar, os solos, etc., a sociedade humana e outras formas de vida podem deixar de existir. Não estou me atendo, nesta pesquisa, ao possível fato científico de que o planeta está ameaçado, mas sim ao comportamento social que decorre do entendimento de que sim, o planeta e a vida humana estão ameaçados. Neste sentido acredito correto apontar para o surgimento de um "ethos ecológico" que ainda segundo Leis e D'Amato *"representa uma expansão e recuperação dramática da experiência moral da humanidade, embora ela seja ainda um processo em gestação pouco teorizado"*.⁵⁶

Em "A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo, Max Weber traça uma relação

⁵⁵ LEIS e D'AMATO (2003:83)

⁵⁶ Idem

entre o surgimento de um conjunto de valores a partir de uma ruptura religiosa que deu origem ao protestantismo, organizando a vida social em torno de novos valores que, em última análise, mais do que permitia, justificava o que chamou de *"filosofia da avareza" [o ideal do homem honrado digno de crédito e, sobretudo.] a idéia do dever que tem o indivíduo de se interessar pelo aumento de suas posses como um fim em si mesmo [Com efeito: aqui não se prega simplesmente uma técnica de vida, mas uma "ética" peculiar cuja violação não é tratada apenas como desatino, mas como espécie de falta com o dever: isso, antes de tudo, é a essência da coisa. O que se ensina aqui não é apenas "perspicácia nos negócios - algo que de resto se encontra com bastante frequência -, mas é um ethos que se expressa, e é precisamente nesta qualidade que ele nos interessa].*⁵⁷ Era obrigação do homem trabalhar para enriquecer e todo esforço deveria ser recompensado financeiramente. Em nome desta recompensa se torna irrelevante desafiar a natureza em favor da empresa capitalista, visando a multiplicação da produção e acumulação de capital.

Colin Campbell aponta para uma outra ética existente paralelamente à ética protestante. Campbell discorda da opinião corrente à época da publicação de "A ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno" que julgava a ética identificada por Weber removida como ética social predominante para as sociedades industriais modernas e ocidentais, tendo sido suplantada por alguma outra ética ainda não identificada claramente. O autor coloca a questão de que o romantismo já se contrapunha ao puritanismo da ética Protestante de Weber a época, e que o abandono desta ética aconteceu de forma gradual em processo contínuo de transformação, e que a imaginação contida no romantismo poderia estar relacionada ao consumo de uma burguesia ascendente a partir do século XVIII, muito antes do que chama de consumismo moderno. Sendo assim duas éticas teriam convivido lado a lado, uma Protestante, de produção e outra Romântica, de consumo.⁵⁸

A partir deste ponto de vista, a proposta de emergência e difusão de uma ética ecológica no mundo contemporâneo paralelamente a uma ética consumista acusada de desafiar a finitude dos recursos naturais do planeta parece razoável desde que se pergunte se *"mudanças nas concepções da verdade, do bem e do belo por parte da sociedade influenciam os padrões de comportamento, não de qualquer forma direta e prescritiva, mas do modo pelo*

⁵⁷ WEBER (2008)

⁵⁸ CAMPBELL (1987)

qual os ideais orientam a conduta que confirma o caráter".⁵⁹ Neste sentido, o ethos ecológico pode assumir a posição de contraponto a uma ética consumista e ser considerado o "espírito" do ambientalismo que leva à ação cotidiana, entre outras, de escolha de produtos para o consumo individual que tenham origem em uma agricultura *sem veneno*. Ao orientar o consumidor a buscar um produto "verde" o ethos ecológico está criando uma demanda para os produtos fabricados com algodão *sem veneno* no assentamento Queimadas. É o ethos ecológico que estabelece os padrões e critérios citados por Appadurai como necessários para que uma coisa passe a uma fase mercantil ao despertar o interesse de outros por ela.

Mas se o protestantismo e o consumismo moderno acompanharam a ascensão numérica e de poder da classe burguesa nos países mais industrializados do hemisfério norte como explicar a emergência de uma ética ou ethos difuso, sem identificação de um centro ou classe irradiadora. Parece que, embora o consumo "verde" esteja associado a uma classe de poder aquisitivo mais alto, outras manifestações do ethos ecológico podem ser observadas em diversas classes sociais, nas zonas urbana e rural de países centrais assim como em países periféricos sendo apropriado pelas populações e agindo nas construções locais de visão de mundo.

Para Geertz, os aspectos moral e estético de uma cultura, os elementos de avaliação, tem comumente sido resumidos no termo "ethos", "o ethos de um povo é o tom, o caráter, e a qualidade de suas vidas, é a moral e estilo estético e motivação"⁶⁰. Geralmente quando pensamos em um povo, pensamos em pessoas que não só compartilham significados mas também um espaço físico, ao menos de origem. Mas esta associação entre cultura e espaço físico já não é mais tão óbvia como pode parecer, e recorro a um conceito de Appadurai para abordar o surgimento de um ethos desterritorializado, difuso territorialmente, como seria o caso do ethos ou ética ecológica.

"the landscapes of group identity - the ethnoscapas - around the world are no longer familiar anthropological objects, insofar as groups are no longer tightly territorialized, spatially bounded, historically unselfconscious, or culturally homogeneous. We have fewer cultures in the world and more "internal cultural debates" (PARKIN 1978 em APPADURAI, 1991:191)

⁵⁹ CAMPBELL (1987:24)

⁶⁰ GEERTZ (2000) Tradução Livre

Appadurai vê a mobilidade de pessoas na situação de turistas, imigrantes, refugiados, trabalhadores temporários como responsáveis em parte por esta ocupação "translocal" de valores culturais que antes poderiam estar associados a uma localidade. Além disso, o desenvolvimento recente da importância e abrangência dos veículos de comunicação se transformam em fonte para imaginação de novos cenários e possibilidades de vidas a serem vividas, *"mais do que nunca, um número maior de pessoas no mundo consideram um maior leque de vidas 'possíveis' "*⁶¹.

Assim podemos pensar que as pessoas que compartilham os ideais ambientalistas, além de compartilharem a crença de que a vida na terra está ameaçada tendem a imaginar um mundo em que a ética ecológica "vence" o consumismo moderno salvando a biodiversidade do planeta e suas ações podem se mostrar voltadas para este objetivo.

2.1. Apontando para uma "Economia Verde"

"pode se dizer que, se nos anos 50 emergiu o ambientalismo dos cientistas, nos anos 60 o das ONGs e nos anos 70 o dos atores políticos e estatais, nos anos 80, do "Relatório Brundtland", encontramos a largada dos atores vinculados ao sistema econômico" (Leis e D'Amato, 2003:81)

Minha proposta aqui não é provar empiricamente a ética ecológica mas mostrar a construção e difusão de um discurso identificado como movimento ambientalista a partir da publicação de consensos firmados entre entidades internacionais de uma diversidade de países abrangendo seus governos, movimentos e organizações sociais, e por último agentes do sistema econômico, que a partir da produção e comercialização de produtos "ecologicamente corretos" e "socialmente justos" ou como vem sido chamados "verdes", postulam ser possível equilibrar produção industrial e respeito ao meio ambiente e a diversidade sociocultural. Um discurso que vai abrir caminho para o algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas iniciar uma nova trajetória internacional.

Considerando que a difusão deste discurso ambientalista se acentua na segunda metade do século XX chegando a segunda década do século XXI com um mercado "verde" já

⁶¹ APPADURAI (1991:197)

estabelecido nas relações comerciais internacionais, eu, como indivíduo vivendo contemporaneamente a este processo, fui de certa forma influenciada pelo discurso ambientalista. Ao mesmo tempo em que vivenciava as primeiras manifestações do “ethos ecológico” a partir das relações dentro do círculo social ao qual eu pertencia, (círculo que envolvia uma família pequena, e amizades feitas na escola e que me levavam a conviver com diferentes bases familiares), nas diversas ciências naturais e humanas se construía o conhecimento e o discurso que iria contextualizar e embasar as nossas experiências.

A construção das idéias que formam a base do discurso ambientalista se inicia a partir de uma preocupação das ciências naturais com a extinção de espécies animais e vegetais no planeta, e em sua primeira fase adota uma perspectiva preservacionista, defendendo que se determinassem áreas onde os recursos naturais deveriam ser mantidos intactos, sem interferência humana, *"preservar algumas áreas naturais e ecossistemas da ação humana destrutiva e de atividades econômicas predatórias"*⁶². Nestes espaços, práticas de populações locais como a caça, a pesca e a agricultura de subsistência, passam a estar proibidas numa tentativa de manter a natureza em um estágio de pureza, inviabilizando a vida de sociedades nas áreas de preservação. Com base neste modelo surgem os primeiros parques nacionais como o de Yellowstone na Califórnia, criado ainda no final do século XIX, e no Brasil, o Parque Nacional do Itatiaia criado por decreto federal em 1937, este englobando áreas dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Para Antônio Carlos Diegues, esta abordagem do problema *"está baseada na visão do homem como necessariamente destruidor da natureza"* e pode ser considerado um mito da sociedade dita moderna, que ele chama de "Mito da Natureza Intocada" sendo que considera o que seria a maior fraqueza desta teoria, o conflito entre este mito moderno e *"a visão das chamadas populações tradicionais, portadoras, por sua vez, de outros mitos e simbologias relativos à natureza"*⁶³.

A preocupação expressada por Diegues já se percebe em uma segunda fase do movimento ambientalista. Em 1949, setores da sociedade civil que já se encontram sensibilizados pelas questões ambientais e estão organizados em associações não governamentais e sem fins lucrativos, as ONGs, se juntam a comunidade científica para pressionar sociedades e governos quando acontece a primeira Conferência Científica das

⁶² SANTILLI (2005:26)

⁶³ DIEGUES, (2001:94)

Nações Unidas sobre Conservação e Utilização de Recursos (Lake Success, NY), a conferência oficializa o discurso de busca a um "futuro viável", que seja possível ambientalmente e socialmente. Este novo viés traz para o centro da discussão sobre a utilização dos recursos naturais não renováveis a relevância das sociedades humanas que se utilizam desses recursos no processo de sobrevivência e reprodução cultural.

As ONGs ganham força como grupos de pressão e, com fundos arrecadados em instituições privadas, se empenham em ações locais de educação ambiental, preservação e recuperação de ecossistemas locais que contribuem para a biodiversidade no planeta. Para difundir suas ações e influenciar "*a definição de responsabilidades ambientais*" se utilizam de ferramentas de discurso como "*espaço na mídia de notícias, propaganda, "lobby" político e outros*"⁶⁴, Um exemplo dessas peças de ferramentas de discurso são os calendários produzidos pela WWF, *World Wild Foundation*, Fundação para a Vida Selvagem, criada em 1961 e de atuação global⁶⁵. Durante os anos que morei em Nova York, por uma pequena doação anual, me tornei membro da organização WWF. Na contra partida, além de descontar o valor no imposto de renda, eu recebia anualmente um calendário publicado com alto padrão de qualidade reunindo fotos da natureza "selvagem". Os calendários da WWF⁶⁶ e outras publicações desta e outras organizações as quais me filiei com o mesmo objetivo de colecionar imagens que serviam de inspiração para minhas coleções de estampas, levavam aos "benfeitores" das ONGs, imagens para serem usadas na construção desta "comunidade imaginada" e desterritorializada onde a "natureza" vence a guerra contra a devastação ambiental, garantindo a vida humana na terra. Como bônus, a colaborador da ONG podia se sentir efetivamente ativo, contribuindo financeiramente na construção desta "realidade imaginada" O valor pago anualmente por membros associados provavelmente não é suficiente para produzir o calendário, eventos, documentários e outras formas de divulgação institucional e de ideais ambientalistas, mas o valor político de manter esta comunicação com a sociedade parece garantir a continuidade desta forma de ação.

O próximo marco na emergência e formação do discurso ambientalista, a

⁶⁴ Milton, Kay:1993 "Those who most influence the definition of environmental responsibilities are those who can make the most effective use of the tools of discourse [...] news media, the mechanisms of formal and informal education, advertising, entertainment media and political lobbying." pg.9

⁶⁵ LEIS e D'AMATO (2003:80)

⁶⁶ Fig.2 Página 176

Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, conhecida como a Declaração de Estocolmo, é um documento de seis páginas que resultou dos debates em 1972. A conferência consolidou o diálogo e a parceria entre o sistema político, com a presença de representantes oficiais de 113 países, e a sociedade civil representada por 250 organizações não governamentais⁶⁷, ONGs, para a "preservação e melhoria do meio ambiente". O título do documento já indica a relevância de se considerar a vida humana nos debates sobre meio ambiente e vai além ao alertar para a necessidade do ambiente, "natural ou criado pelo homem", de atender aos "direitos humanos fundamentais" como o direito a vida, alimentação, habitação, etc., com isso incluindo as aglomerações urbanas, as cidades no escopo das questões sobre a preservação da vida no planeta.

O grande paradoxo que se apresenta no discurso ambientalista até então é como manter uma proposta de desenvolvimento social com base no desenvolvimento econômico que mantém os hábitos de grande parte das populações do globo, ao mesmo tempo em que se concentra esforços na preservação dos recursos naturais abusivamente explorados na manutenção deste fluxo econômico. Uma comissão internacional se reúne a partir de 1983 para debater esta questão e em 1987 é publicado um novo documento internacional, o Relatório Brundtland, "Nosso Futuro Comum"⁶⁸. O relatório apresenta pela primeira vez o conceito de desenvolvimento sustentável como: *"aquele que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades"*⁶⁹. Desde então o conceito de desenvolvimento sustentável vem sido empregado com diferentes significados, algumas vezes conflitantes, e muitas vezes usados em práticas conhecidas como re-branding ou "green washing", ou seja, para passar ao consumidor através de uma estratégia de comunicação ou marketing, uma imagem de empresa com preocupações ambientais, nem sempre verdadeiras. Um dos problemas com o conceito de desenvolvimento sustentável, segundo Redclift em texto de 2006 "Sustainable Development (1987-2005) An Oxymoron comes of Age"⁷⁰, é "a simplicidade do conceito que obscurece complexidades e contradições", para o autor o próprio desenvolvimento contribui para a caracterização de necessidades ajudando a defini-las diferentemente para cada geração, cada cultura. Não se pode ignorar definições culturais específicas sobre o que é sustentável em

⁶⁷ SANTILLI (2005:28)

⁶⁸ LEIS e D'AMATO (2003:80)

⁶⁹ SANTILLI, (2005:30)

⁷⁰ Texto publicado na revista Horizontes Antropológicos, nº 25, jan./jun. 2006

favor de um paradigma dominante, é necessário pensar em soluções criativas⁷¹.

No Brasil, a publicação do Relatório Brundtland coincide com período de redemocratização do país, o fim de 20 anos de regime militar dá lugar a uma nova constituição federal em 1988 e eleições diretas para presidente em 1989. No processo os movimentos sociais ganham espaço para se re-articularem com o reforço dos ambientalistas e financiamentos internacionais. Contra o desmatamento na Amazônia atribuído ao crescimento da pecuária extensiva e da agroindústria, surge a Aliança dos Povos das Florestas em defesa das populações tradicionais da Amazônia, índios, seringueiros e outras populações que se sobrevivem de recursos da floresta, e a liderança de Chico Mendes, seringueiro e sindicalista, fundador do Conselho Nacional de Seringueiros⁷². Os seringueiros reivindicavam a criação de reservas extrativistas como opção ao modelo de reforma agrária de assentamentos do INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, inadequado para as práticas culturais da região. As reservas garantiriam o direito a estes povos de sustentarem suas famílias de forma tradicional extraíndo a floresta os recursos necessário a sua sobrevivência. O movimento dos seringueiros obteve repercussão internacional com a proposta de unir "conservação ambiental e reforma agrária" e em 1990, depois do assassinato de Chico Mendes, são criadas no Brasil as primeiras reservas extrativistas.

Na seqüência desses eventos acontece em 1992 uma nova conferência internacional, desta vez no Brasil, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Conhecida Rio-92 ou Eco-92. O encontro produziu documentos sobre diversidade biológica, consenso global, sobre manejo, conservação e desenvolvimento sustentável de todos os tipos de florestas, mudanças climáticas e incluindo ainda a Declaração do Rio Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento com 27 princípios reforçando que; "*Os seres humanos constituem o centro das preocupações relacionadas com o desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza*"; a importância da solidariedade entre as nações; e que, "*Para alcançar o desenvolvimento sustentável e uma melhor qualidade de vida para todas as pessoas, os Estados devem reduzir e eliminar os sistemas de produção e consumo não-sustentados e fomentar políticas demográficas apropriadas.*" Entre os princípios listados já existe também a

⁷¹ REDCLIFT (2006:67)

⁷² SANTILLI (2005:32)

preocupação com as complexidades locais apontadas por Redclift de forma que *"As normas ambientais e os objetivos e prioridades em matérias de regulamentação do meio ambiente, devem refletir o contexto ambiental e de desenvolvimento às quais se aplicam. As normas aplicadas por alguns países podem resultar inadequadas e representar um custo social e econômico injustificado para outros países, em particular os países em desenvolvimento."*

O Rio de Janeiro se preparou para receber o evento de grandes proporções, segundo portal do governo, 172 países, representados por aproximadamente 10 mil participantes, incluindo 116 chefes de Estado participaram das reuniões além de 1.400 representantes de organizações não governamentais que receberam credenciais para acompanhar os debates e pronunciamentos⁷³. Nos círculos sociais a questão ambiental se tornou uma referência obrigatória, artistas que nós admirávamos como Gilberto Gil e Sting militavam pela causa ambiental conquistando jovens "seguidores". Havia também apostas comerciais que anteviam um grande fluxo de turistas. Apesar de se falar em sistemas de produção alternativos ainda não existiam experiências comerciais que se destacassem em tentar comercializar de forma que não fosse artesanal, a produção de mercadorias feitas por populações tradicionais. Que eu me lembre, a única novidade que ganhou destaque na mídia foi uma linha de bolsas e mochilas feitas do que se chamou de couro vegetal. Os seringueiros usavam uma técnica para impermeabilizar sacos de algodão com o látex e usá-los para carregar ferramentas. Uma empresária carioca visualizou um potencial comercial e investiu em uma linha de produtos para consumo nos centros urbanos enfatizando a característica socioambiental do produto.

De 1992 até os dias de hoje, as experiências que ligam sistemas de produção tradicionais a mercados consumidores se multiplicaram e criaram conexões sociais antes inimagináveis e oferecendo um vasto repertório de mercadorias "verdes". Se intensificaram os debates em torno de uma "economia verde" como solução para o paradoxo do desenvolvimento sustentável. Em 2012, 20 anos depois da Rio-92, em um novo encontro que ficou conhecido como Rio+20, um novo documento é publicado. Este documento chamado "The Future We Want", ou "O Futuro Que Queremos", associa de forma bastante forte o desenvolvimento sustentável à erradicação da pobreza e aponta a "economia verde" como uma ferramenta importante para se atingir este objetivo. As notícias que acompanham a

⁷³ <http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/iniciativas/acordos-globais/print>

realização do evento mostram que o o documento não representa de fato um consenso entre todos os participantes da conferência. Enquanto os chefes de estado reunidos no centro de convenções preparavam o documento, segundo artigo da Carta Maior⁷⁴, em outro ponto da cidade acontecia a Cúpula dos Povos, uma reunião em que 14.000 ativistas se colocaram como contraponto a agenda oficial publicando um documento próprio onde avaliam que: *"A Cúpula dos Povos é o momento simbólico de um novo ciclo na trajetória de lutas globais que produz novas convergências entre movimentos de mulheres, indígenas, negros, juventude, agricultores familiares e camponeses, trabalhadores/as, povos e comunidades tradicionais, quilombolas, lutadores pelo direito a cidade, e religiões de todo o mundo"*, e rejeitando a "economia verde" por se tratar de *"mais uma estratégia do capitalismo e dos países ricos, para mercantilizar os serviços naturais"*. Ainda segundo o artigo, uma delegação da Cúpula dos Povos se encontrou com o Secretário Geral da ONU, Banki-Moon que teria se surpreendido com a rejeição à "economia verde", um dos membros da delegação, teria dito então que existiam várias soluções alternativas. algumas já em prática no mundo. mas que: *"principalmente deveria envolver a soberania do conhecimento dos povos tradicionais, baseada na agroecologia e na economia solidária, e não ficar na mão das grandes corporações e do sistema financeiro mundial."* O exercício de analisar a vida social do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, pode, em última instância, lançar alguma luz sobre esta questão.

⁷⁴ http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=20445

2.2. O "Verde" do mercado e da Coopnatural⁷⁵

O mercado de produtos alimentícios foi o primeiro a organizar a cadeia produtiva para distribuir produtos certificados como orgânicos, ou seja, produzidos sem agrotóxicos. Adolescente de classe média, estudando em escola particular na zona sul do Rio de Janeiro eu já via crescer a minha volta, no início da década de 1980, um pequeno número de pessoas que adotavam um estilo de vida classificado como mais "natural", principalmente na alimentação, com práticas de trocar o arroz branco pelo integral, ou adotar dietas vegetarianas e macrobióticas. Um grupo de pessoas que compartilhavam essa preferência alimentícia onde se destacava o valor de alimentos menos processados e que, quando manufaturados, não possuíssem conservantes, corantes, e outros ingredientes artificiais. Eu simpatizava com as idéias que começavam a se propagar entre nós, e observa que estes hábitos eram trazidos por pessoas de maior poder aquisitivo, que tinham a oportunidade de viajar e conhecer outras culturas misturando valores e sabores.

Já em Nova York, no final da década de 1990, acompanhei a evolução deste mercado de produtos naturais em mercado de produtos orgânicos. A chegada de produtos certificados como orgânicos, mais caros, aos supermercados gerava brincadeiras como a de uma senhora, mãe de um amigo que dizia, *“Pagar mais por esse negócio? É tudo orgânico, tudo feito de carbono!”* No começo, soube de pequenas cooperativas que entregavam um cesto com uma variedade de produtos colhidos na semana por pequenos produtores locais, nos arredores da cidade de Nova York. Uma colega de trabalho, uma das poucas norte americanas com quem trabalhei, e acabou se transformado ela mesmo em pequena produtora, recebia em sua casa uma dessas cestas semanais. Em Manhattan havia a opção de alguns mercados de produtores, pequenas feiras livres em locais públicos, mas apesar de oferecerem um produto mais fresco, este não era necessariamente produzido sem agrotóxicos. Já quanto as cestas, havia a confiança dos consumidores de que os produtores não tinham de fato usado produtos químicos. Na virada do século XXI os grandes distribuidores de alimentos nos Estados Unidos já tinham aderido ao comércio de produtos orgânicos em grande escala. Em 2001, abriu na esquina de onde eu morava em Manhattan a primeira filial em Nova York do Whole Foods, um supermercado maior em área do que o padrão para Manhattan, com produtos e especiarias de todo o mundo, sempre que possível com origem em uma agricultura sem

⁷⁵ Prancha nº 16. Página nº 161

agrotóxicos.

Mas foi a partir da agricultura do algodão que a questão de uma agricultura livre de insumos químicos entrou nos domínios da indústria de moda. Em um anexo do supermercado Whole Foods na esquina da Rua 25 com 7ª Avenida, encontra-se o departamento especializado no segmento de beleza e saúde, com vitaminas, complementos alimentares, medicina homeopática, medicina floral, cosméticos naturais, produtos para yoga, livros especializados, velas decorativas, etc. De fabricantes variados, todos os produtos se encaixam na classificação de um estilo de vida "natural". Nesta loja, por volta de 2003, vi pela primeira vez uma camiseta de malha que se dizia feita com algodão orgânico. Um tempo depois, comprei em uma grande loja de departamentos, que concentra grandes marcas, uma camiseta de algodão orgânico e naturalmente colorido, "Made in Peru". Foi quando constatei que o produto de algodão orgânico já havia quebrado a barreira dos grandes centros de distribuição, deixando de ser uma especialidade de lojas de produtos "naturais" para disputar, com vantagens e desvantagens, um espaço no mercado global de indústrias de confecção.

Finalmente em 2008, eu já estava de volta ao Brasil quando a que é considerada maior feira de negócios da indústria de confecções, MAGIC, realizada em Las Vegas (EUA) duas vezes ao ano, visitada por compradores do comércio varejista do mundo inteiro e referência nos diversos segmentos do mercado de moda, montou um pavilhão específico para expositores reunidos em um novo segmento de mercado que chamaram de Ecollection; e o qual definiram como: "a comprehensive collection of environmentally and socially conscious apparel and lifestyle brands", (uma abrangente coleção de marcas de vestuário e produtos para um estilo de vida, ambiental e socialmente consciente). Se fecha um ciclo em que se criou uma demanda para alimentar o mercado através de uma segmentação, e a criação de uma nova modalidade de produto, o produto "verde".

"Eu acho assim, o algodão... é um mercado que nós estamos construindo, principalmente com o conceito orgânico, não é nem o conceito colorido, o conceito colorido é um plus em cima do orgânico. Hoje eu vejo assim, a nossa responsabilidade é a construção desse mercado, é criar no consumidor o desejo de vestir uma roupa de algodão orgânico, sabendo porque que ele deve vestir o algodão orgânico, e pressionando o mercado prá que o mercado procure

produtores de algodão orgânico, então, o nosso trabalho, que é de base, de ponta, vamos dizer, aqui a gente produz, mas hoje o nosso trabalho é ir ao consumidor para que ele pressione essa cadeia produtiva ao contrário, para que ela procure ..." (Maysa Gadelha, Presidente da Coopnatural)

"Eu já conhecia a Natural Fashion, até por que a gente tem uma loja aqui em Campina Grande... era uma loja no shopping, e que todo mundo já conhecia bastante, eu já sabia que era um produto orgânico, mas eu não conhecia a fundo né... só assim de vista mesmo, de saber que tinha, e aí eu achei muito legal, por que quando eu entrei aqui, que fiquei sabendo do conceito, nosso conceito Natural Fashion e Coopnatural, o trabalho social, o respeito a natureza também, respeitando a mão de obra local, tudo isso fez com que eu me apaixonasse muito assim. É tanto que quando a gente chega aqui, a gente brinca falando que Maysa faz uma lavagem cerebral na gente, por que você entra com uma visão, e no primeiro dia que você chega você já tem outra visão de mundo, já tem, você já começa a pensar na sua responsabilidade com o meio ambiente, e isso para mim foi muito bom, e fez com que eu me sentisse feliz de trabalhar na Natural Fashion, por que eu sabia que eu tava de certa forma contribuindo um pouco. A gente realmente tem que ter esta preocupação de cuidar do meio ambiente e tudo..." (Carol, estudante de direito e representante de vendas da Coopnatural)

Existem clientes e clientes, a gente tem cliente que é altamente consciente, que é altamente ligado a raízes de sustentabilidade, a raiz ecológica, como a gente tem cliente que é super, é, tá pegando a crista da onda e quer entrar nisso, que isso existe em todo negócio, a gente tenta conscientizar esse material, esse lojista, como? A gente manda o material, eu mando o dvd prá ele, eu quero sempre que ele visite a cooperativa antes de fechar um negócio, por quê? Por que a gente senta, conversa, explica, dá uma aula prá ela ali dentro. Eu vou levar eles para os outros cooperados, para as outras pessoas ligadas a cooperativa, é uma forma da gente ir conscientizando ele que ele não tá só entrando num negócio, ele está entrando numa forma de pensar, né, que a gente tá inserido nisso, o nosso trabalho, se a gente for ver o trabalho puro e simples nós vendemos roupas

só, na realidade não é isso, nós vendemos muito mais coisa, a gente vende uma peça de roupa que ajuda o homem no campo tanto a não ter doenças, criar, como ajuda a própria terra, como ajuda, e é uma cadeia que a gente vai tentando ajudar, até como um negócio mesmo, a gente tem uma visão diferente de outras cooperativas, né? Nós temos uma visão muito comercial, mas sem perder o nosso foco, a gente quer agir com os dois lados da história, nos queremos agir comercialmente muito bem, como? Atendendo bem, fazendo uma peça com um produto bom, de qualidade, que não tenha defeitos, que tenha uma durabilidade boa, que seja bonito, então a gente quer um produto assim comercialmente bom, mas a gente quer também um produto que tenha uma história, por que ele tá ali? É só uma roupa na prateleira? Não, não, tanto que quando eu peço para alguns lojistas eu falo, ó, se for roupa, se for uma loja grande de departamento eu quero uma arara destinada ao meu produto, que se for colocar o meu produto junto de outras peças coloridas vai ser só uma roupa bege no meio das outras e só! (Alan, Representante de vendas, Coopnatural)

Quando eu cheguei em Natal em fevereiro de 2007 a marca Natural Fashion, propriedade da Coopnatural, estava em todos os shoppings de artesanato da cidade, com alta circulação de turistas nacionais e estrangeiros, além de estar presente em shoppings que não são focados no turismo, mostrando disposição da marca em cativar também um consumidor local. Os produtos em cores neutras e terrosas são fabricados com o algodão naturalmente colorido que tem sua origem e cultivo identificados com o estado da Paraíba e as vendedoras estavam aptas a informar a qualidade "ecológica" da mercadoria que ofereciam. A página da cooperativa na internet apontava para pontos de venda no exterior. Uma amiga no Rio de Janeiro estava desenvolvendo um produto para a empresa de cosméticos Natura e precisava de uma pessoa que pudesse estar próxima a produção que era feita pela Coopnatural, em Campina Grande, onde se localizava a sede da cooperativa e distante quatro horas de ônibus de Natal. Durante o processo pude conhecer um pouco da estrutura de produção da cooperativa e um pouco de sua história, conhecimento que depois foi aprofundado durante a pesquisa para este trabalho.

Em 1999, Maysa Gadelha, presidente da Coopnatural, era sócia de uma pequena empresa no ramo de confecção em Campina Grande, além de presidente do Sindicato das

Indústrias de Vestuário da Paraíba, quando com o apoio político e econômico da Prefeitura Municipal de Campina Grande e instituições como o SEBRAE e o SENAI, reuniu um grupo de empresas locais e para produzir o primeiro desfile de roupas fabricadas com o algodão naturalmente colorido da Paraíba. As instituições e empresas tinham interesse em fortalecer no mercado nacional a presença do polo da indústria têxtil e de confecção já existente em Campina Grande e que perdeu espaço para o polo de confecções do agreste pernambucano, concentrado nos municípios de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, abastecedor em grande parte do mercado brasileiro de artigos de vestuário. Segundo Maysa, o então secretário da Indústria e Comércio de Campina Grande é quem teria sugerido que ela entrasse em contato com a EMBRAPA Algodão, com sede também em Campina Grande, para saber como andavam as pesquisas com o algodão naturalmente colorido. O algodão colorido teria, por estar sendo pesquisado na Paraíba, a capacidade de criar uma identificação com o estado atingindo um objetivo político dentro do quadro nacional, além de explorar o diferencial de produto "ambientalmente sustentável" para ser apresentado competitivamente nas feiras de negócios da indústria nacional e, assim como veio a acontecer depois, nas feiras internacionais.

Um grupo de dez empresas de Campina Grande aprovou a ideia e se uniu para produzir o desfile que apresentaram em São Paulo, na Feira Nacional da Indústria Têxtil, FENIT. Ainda segundo o relato de Maysa, a EMBRAPA possuía em estoque 300 quilos de pluma de algodão colorido, resultado das pesquisas para o melhoramento da espécie e reprodução de sementes, e os cedeu para o consórcio de empresas que teve que organizar uma linha de produção que incluía fiar e tecer o algodão, tarefas realizadas com a ajuda indústrias de maior porte como a Coteminas, indústria de importância no cenário nacional. Com recursos do SENAI contratou-se um estilista para desenhar a coleção incorporando o trabalho manual de artesãos locais para ser apresentada em um desfile na FENIT. O sucesso alcançado no evento com o apelo de produto ambientalmente sustentável refletiu um momento do mercado, ávido para absorver produtos destinados à crescente demanda de parcela da população interessada em um produto "verde". Mas a apresentação do desfile na feira foi só, nas palavras de Maysa, "*um teaser*", uma amostra do que a Paraíba pretendia oferecer, já que não existia uma cadeia produtiva, e conseqüentemente, não havia produto para ser comercializado. A partir de então Maysa concentrou esforços para garantir uma produção de

artigos fabricados com o algodão naturalmente colorido.

Os empresários que participaram da fabricação das peças para o desfile decidiram manter a parceria e fundar uma cooperativa para gerenciar a produção e comercialização de produtos de algodão naturalmente colorido. Mas o primeiro desafio se afastava da capacidade dos empresários e seguia em direção ao campo, onde não existia produção agrícola de matéria prima para o tecido. Maysa é casada com o médico e político de Campina Grande, Dr. Renato Gadelha, filho de José de Paiva Gadelha que acumulou grande fortuna como usineiro de algodão, além de ter sido eleito deputado por Souza, sertão da paraíba, onde Renato cresceu e Maysa chegou a viver quando estava recém casada. A família Gadelha se estabeleceu na política, tanto em Souza como em Campina Grande onde hoje os negócios se diversificaram e são concessionários de uma estação de rádio e donos de um hospital. Com a decadência dos negócios com algodão e a morte do deputado, grande parte das terras dos herdeiros no sertão, irmãos de Renato, acabou sendo desapropriada. Renato conseguiu manter uma propriedade e foi onde iniciaram a produção do algodão colorido para a cooperativa. Somente em 2007 a Coopnatural se Associou a Rede Paraíba de Algodão Agroecológico e começou a comprar o algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas.

Outra particularidade se colocava para a Coopnatural, geralmente as empresas de confecção compram o tecido pronto e o algodão da Coopnatural precisava ser fiado e tecido por empresas tercerizadas, o que demandava uma logística de transporte, as vezes até São Paulo para cumprir essas etapas. Mas com a cadeia produtiva encaminhada, o próximo desafio é a abertura dos canais de distribuição do produto, fazer com que ele chegue até o consumidor. Para colocar o produto no mercado a Coopnatural criou primeiro uma marca própria, a qual deu o nome de Natural Fashion, este é o nome que consta nas etiquetas da coleção vendidas diretamente a lojistas no Brasil e no exterior. Em outra frente de negócios, a empresa fabrica produtos exclusivos com a etiqueta dos próprios clientes. Neste caso os clientes devem entregar um pacote de dados sobre o produto com medidas e todos os detalhes sobre o artigo, arte final do que deve ser estampado, etc. A cooperativa deve executar uma peça piloto e só iniciar a produção depois deste ser aprovado por representantes da empresa compradora.

Os pedidos para desenvolvimentos exclusivos geralmente são feitos por empresas de maior porte, com redes de distribuição mais abrangentes e em geral significam um número

maior de peças de um mesmo artigo, mais lucrativo, além serem pedidos fechados sem riscos para a Coopnatural caso seja rejeitado pelo consumidor. Em compensação, o investimento na marca Natural Fashion vai dar maior visibilidade a cooperativa, atraindo inclusive mais negócios para desenvolvimento de peças exclusivas. A marca natural Fashion também virou nome da franquia de lojas, administradas por terceiros com investimentos próprios e com contrato para vender com exclusividade em uma determinada área, na contra partida o lojista se compromete a reproduzir na loja uma "imagem" projetada para a marca e vender somente produtos da Natural Fashion.

Em Natal, eu tive a oportunidade de conversar com a proprietária e as vendedoras de duas lojas de produtos Natural Fashion além de observar por alguns dias, na loja localizada no Praia Shopping, o movimento de entrada e saída de clientes e participar de conversas enquanto as vendas eram efetuadas. Me colocava como uma ajudante, podendo eventualmente fazer alguma venda. O Praia Shopping é um centro comercial no bairro de Ponta Negra, zona que concentra o turismo de Natal, que mistura serviços públicos como correios e casa lotérica, com lojas de marcas de roupas, óticas, jóias, presentes, livraria, e atende à população que reside no bairro assim como turistas, foi neste shopping que se instalou a franquia da Natural Fashion. Juliana, uma das vendedoras, diz que começou a trabalhar com Dona Rita, a proprietária, quando ainda vendiam produtos de artesanato convencional e acompanhou a mudança. Sua impressão é de que se vendia muito os produtos da Natural Fashion quando o fluxo de estrangeiros era maior, com a crise econômica na Europa a partir de 2008 as vendas caíram, apesar de turistas brasileiros, principalmente do sudeste, também se interessarem pelo produto. Para cativar o cliente que entra na loja a estratégia é, depois de qualquer contato inicial, perguntar se a pessoa já conhece o algodão naturalmente colorido e a partir daí descrever a origem na Paraíba, os agricultores que plantam, e as qualidades ecológicas, que não precisa ser tingido, etc. Assim como as vendedoras são treinadas para vender as qualidades ecológicas do produto, o time que forma o departamento comercial da Coopnatural, que atende lojistas e clientes para desenvolvimentos exclusivos, é treinado para difundir entre lojistas interessado os ideais ambientalistas que validam o produto.

A estratégia utilizada por Maysa para que clientes como Dona Rita tomem conhecimento dos produtos da Coopnatural, visando ampliar a área de distribuição e alavancar a produção dos cooperados e colaboradores, além de ao mesmo tempo consolidar

uma imagem diferenciada do artesanato da Paraíba com base no algodão naturalmente colorido, é a participação em feiras de negócios no Brasil e no exterior. As feiras de negócios reúnem uma variedade de empresas e compradores de certas categorias de produtos. As características dos produtos da Coopnatural faz Maysa investir em três tipos de feiras: 1) de artesanato, 2) de moda e 3) de produtos orgânicos, sendo que o segmento de moda é apontado por Maysa como o mais difícil de penetrar, tanto no Brasil como no exterior, o que a fez decidir por participar somente na feira que citei anteriormente, em Las Vegas, a Magic Ecollection, com bons resultados.

Os dois sistemas de comercialização, a venda da marca Natural Fashion para lojistas e o desenvolvimento de produtos exclusivos para cadeia de lojas, se complementam. Se um dá visibilidade aos produtos da Coopnatural participando de feiras, e marcando presença em editoriais e listas de compras de revistas especializadas, o outro permite uma maior lucratividade sustentando os investimentos na produção e divulgação da marca Natural Fashion. Desta forma a cooperativa busca manter-se economicamente saudável e em dia com com o projeto de identidade cultural do algodão paraibano, com a sustentabilidade econômica dos empresários cooperados e a sustentabilidade social e ambiental das famílias produtoras do algodão, mantendo ativo o ciclo produtivo.

2.3. O "Verde" da Agroecologia e da Arribaça

"A Agroecologia [...] busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas complexos, bem como as diferentes interações presentes nestes, tendo com princípio a conservação, a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas como base para produzir auto-regulação e, conseqüentemente sustentabilidade. [...] Assim, em vez de adaptar o ecossistema agrícola às variedades de alta capacidade produtiva, por meio de investimentos elevados em agroquímicos e irrigação, passou-se a pesquisar alternativas de adaptação das variedades às restrições de cada ecossistema agrícola: variedades resistentes a seca, a baixa fertilidade e/ou toxidez dos solos..."(Assis, 2005: 77)

No Brasil, durante o governo militar iniciado em 1964, uma política voltada para o desenvolvimento as custas de transpor as barreiras naturais, o homem a serviço de superar a

natureza em prol do desenvolvimento, levou a realização de grandes obras que desconsideraram as questões socioambientais, enquanto a política repressiva não abria espaço para as organizações da sociedade civil, calando temporariamente a voz dos ambientalistas. Apesar de existir uma lei que, em 1937, instituiu por decreto a possibilidade de tombamento de monumentos naturais, na contramão da declaração de 1972, em 1973, Brasil e Paraguai assinaram o Tratado de Itaipu, um acordo bilateral que viabilizou a construção da maior hidroelétrica do mundo, "*O reservatório de Itaipu inundou o Parque Nacional de Sete Quedas e acabou com os saltos de Sete Quedas*" ⁷⁶. Outra obra que ficou no imaginário e também nas canções da década de 1970 foi a construção do reservatório de Sobradinho no curso do Rio São Francisco que submergiu diversas cidades forçando a relocação de famílias que lá viveram, ajudando a criar entre alguns da minha geração e outras gerações próximas, uma opinião sobre a destruição feita em nome do desenvolvimento em detrimento das comunidades e do meio ambiente.

Se energia elétrica era fundamental para o desenvolvimento da indústria nacional, a disponibilidade de terras para a agricultura e a pecuária extensiva eram os recursos básicos para o crescimento da agroindústria impulsionada por bons negócios no mercado internacional. A "revolução verde", de âmbito internacional, visando a maximização da produtividade, ironicamente, ao contrário do "verde" dos ambientalistas ou integrantes do partido verde, apresentou um "pacote tecnológico" composto de "variedades de sementes selecionadas, agroquímicos e irrigação"⁷⁷, e modificou as relações na utilização das terras cultiváveis no Brasil promovendo a industrialização do campo, através da transformação da capacidade produtiva, substituindo manejos tradicionais por tecnologias de alto custo e difícil acesso aos pequenos produtores, contribuindo para a concentração das terras entre poucos proprietários e agravando a proletarização do ambiente rural.

De certa forma, em resistência a este processo de exclusão de parcela da população ao acesso aos meios de produção, acadêmicos e técnicos agrônomos estabeleceram um novo ramo nas ciências agrárias ao qual se chamou agroecologia. Além do alto custo das tecnologias modernas, os danos à saúde que o uso inapropriado do veneno causava aos agricultores em comunidades carentes levaram os adeptos da agroecologia a buscar

⁷⁶ SANTILLI (2005:27)

⁷⁷ ASSIS (2005:76)

alternativas para o pacote tecnológico que a Revolução Verde oferecia, tecnologias que se adaptassem as condições locais, ao contrário de tentar combater as condições adversas, experiências que buscavam colocar os pequenos produtores, com dificuldade de acesso a recursos financeiros, em condições de competir em produtividade com a agricultura convencional usando recursos de técnicas tradicionais. Desta forma além de promover uma agricultura sem agrotóxicos, convencionalmente chamada de orgânica, a agroecologia está associada também ao desenvolvimento socioeconômico das comunidades rurais e da agricultura familiar.

"_O primeiro contato que eu tive com a extensão foi através de um estágio de vivência que eu fiz numa comunidade rural, um movimento na universidade que é o Movimento Agroecológico, junto com diretório acadêmico organizou esse estágio de vivência e eu tive a oportunidade de passar quinze dias numa comunidade rural. Eu tava no segundo período de agronomia quando eu tive essa oportunidade, então foi logo no início, foi quando eu me identifiquei com o curso, foi quando eu descobri que eu tinha alguma coisa, que minha identidade tava relacionada com o curso, e aí eu passei esses quinze dias e percebi que a agricultura familiar ela existe, que antes eu pensei que não existia por vários depoimentos, até mesmo da mídia, que o pequeno agricultor ele subexiste, ele não existe, então eu descobri que isso não era verdade, que a agricultura familiar ela existe, e que precisa das instituições que estão por perto prá serem valorizados, prá crescerem, então eu percebi que, aí eu vi que os certificadores, os professores, as ONGs, eu vi que tudo se encaixa prá o desenvolvimento da agricultura familiar e que os agricultores eles precisam e querem, eles tem o conhecimento deles e nós como engenheiros agrônomos, nós precisamos também dos agricultores, que os conhecimentos deles vão além do que a gente imagina (Fabiana, Engenheira Agrônoma, Fundadora Arribaça)

"_Eu, particularmente, tenho minhas críticas de como foi concebido e da abrangência do Território, muito grande e as vezes muito arbitrário. A Borborema tem 21 municípios, mas a Borborema é um território assim, diferente, porque é uma colcha de retalhos, de ambientes, de culturas, de tudo. Não sei como foi que eles conseguiram generalizar...Mas nós temos dois tipos de brejos,

agrestes diferentes, diversos curimataús, até cariri a gente tem... colcha de retalhos.... porque pega desde município de Queimadas depois de Campina Grande, que já é cariri e vai até próximo a Guarabira, que é um outro tipo de brejo ...vai até o curimataú, que é uma parte de Remigio, Solaia, Arara, Casserengue, pega uns agrestes que são diferentes, têm serras. Mas o que eles dizem é que existia uma espinha dorsal de um trabalho reconhecido de polo sindical aqui e eles quiseram preservar essa dinâmica, por isso o território se configurou assim, de Queimadas até Solânea, só que alguns municípios não participavam dessa dinâmica, como Borborema, Pilões, Serraria. Na verdade ele se identifica com o território do brejo mais ligado a Guarabira e a Lagoa Grande, há muita identidade cultural, toda a cultura deles tem muito a ver com essa nossa região. Aqui, talvez, a generalização acertou alguma coisa porque conservou uma dinâmica existente de agroecologia e tal, mas lá... pros brejos, deste lado, porque tem outros brejos que tem mais identidade com a gente. (Marenildo Batista, Arribaça)

"_Parece que foi.... em 2003, parece... começava a surgir na região ... em 93... chegou a AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa), que é uma ONG do Rio de Janeiro que começou a trabalhar aqui na área de ecologia, agricultura familiar, e começou a ter influência muito grande em sindicatos, essa coisa toda. A gente veio depois.... chegou um momento em que a gente tinha um bocado de profissionais: eu, na Embrapa; meu irmão na Embrapa; umas pessoas já na universidade; outras já em pós-graduação; e vendo que a gente estava ali mas podia fazer algo também nessa questão, que a gente tinha uma consciência... na universidade participava de movimento estudantil, movimento agroecológico, mas ficava tudo meio acadêmico. Perguntamos: será que não era interessante, com uma ONG, a gente transformar nossa consciência em algo concreto para as famílias? (Melchior - Arribaça, EMBRAPA Algodão)

Fabiana nasceu e cresceu em Areia, onde sua família mantém mais de um estabelecimento comercial e onde cursou o curso de Engenharia Agrônoma, hoje ela está cursando o doutorado na unidade da UFPB em Areia. Melchior, Marenilson e Marenildo, três

dos 5 filhos homens de Seu Nelson, agricultor, cresceram na zona rural e depois se mudaram para cidade de Remígio para continuar os estudos. Melchior foi mais longe nos estudos, é doutor em Engenharia Agrônoma, funcionário concursado da EMBRAPA Algodão e, em outubro de 2012, foi eleito no primeiro turno prefeito de Remígio pelo PSB. O irmão mais velho, Marenilson, entrou para política primeiro, foi Delegado do MDA em Brasília, representando o Território da Borborema, em 2012 foi candidato a deputado estadual pelo PT mas não se elegeu, acabou sendo convidado a assumir a Secretaria da Agricultura e da Pesca do Estado da Paraíba, governado pelo PSB. Marenildo tentou estudar engenharia agrônoma também, depois de pouco tempo percebeu que o curso era completamente voltado para o agronegócio e desistiu, hoje ele diz que os estudantes do curso de Engenharia Agrônoma de Areia, ao saírem da universidade, tem que fazer um estágio na Arribaça para desaprender o que aprenderam na faculdade. Marenildo se formou em comunicação e trabalhou em ONGs e movimentos sociais, hoje é quem segue "segurando o forte na Arribaça", como consultor escreve projetos para editais e administra o cotidiano da ONG. Juntos, Fabiana, Melchior, Marenilson, Marenildo e outros colegas fundaram a Arribaça em 2003. Em comum a passagem pela UFPB e a ligação a um movimento que se desenvolveu dentro deste ambiente acadêmico, o Movimento Agroecológico, MAE.

A segunda metade da década de 1980 foi marcada pela redemocratização do Brasil, e em 1989, aconteceu a primeira eleição direta para presidente do país. Esta mudança permitiu o ressurgimento de movimentos sociais de luta pela terra e a instalação de ONGs nacionais financiadas também por capital estrangeiro, voltadas para desenvolvimento e preservação ambiental. Melchior se recorda da ONG AS-PTA, que age em diferentes estados, ter chegado a região da Borborema em 1993, no mesmo ano, consta que tenha chegado ao centro de ciências agrárias da UFPB em Areia, o Movimento Agroecológico da Paraíba. O MAE promovia dias de campo onde grupos visitam a área rural e os roçados da agricultura familiar, e a troca de experiências entre a prática de agricultores e estudantes, muitas vezes vindo das cidades. ressaltando a importância de se rejeitar o modelo do agronegócio para a região que tradicionalmente é praticante da agroecologia, que é a base da agricultura familiar. O uso de combatentes naturais para as pragas, o consórcio de culturas diferentes, a diversidade de culturas para garantir uma subsistência e uma melhor nutrição eram questões que não constavam do programa acadêmico e que o MAE debatia em palestras, seminários,

encontros, regionais e nacionais. O amadurecimento do processo de redemocratização e a eleição do Presidente Lula em 2003 vai impulsionar o desejo destes jovens em trabalhar para o desenvolvimento das comunidades vizinhas, muitas vezes comunidades de origem dos estudantes, filhos de agricultores, que aos poucos aumentam presença nas universidades. A Arribaçã é então fundada com o propósito de debater e propor ações que pudessem beneficiar a zona rural no agreste da Borborema por meio da Agroecologia.

O governo federal vai influenciar diretamente na forma que a organização política da gestão ao desenvolvimento rural passa a funcionar a partir de 2003, na relação entre as comunidades rurais, as organizações sociais, o poder público e ainda as instituições privadas, industriais e comerciais que em diversas situações passam a negociar diretamente com produtores, relações antes pouco prováveis. Através da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT), órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) o governo mudou o paradigma de se pensar o país regionalmente, norte, sul, nordeste, etc., para organizar uma forma de atender a necessidades locais específicas. O programa Territórios da Cidadania foi lançado em 2008,⁷⁸ reforçando o uso do conceito de rede em ações voltadas para a “articulação de políticas públicas, dinamização cultural, e fortalecimento de redes sociais e de cooperação”. Segundo Marenildo, os territórios são geridos por um colegiado formado de; 50% por representantes da sociedade civil (ONGs, sindicatos, associações de moradores, cooperativas e outros); e 50% de representantes governamentais como prefeitos, agentes federais e estaduais, gestores de universidades públicas, representantes do legislativo e outros. O colegiado vai debater as necessidades locais e deliberar sobre o orçamento dos ministérios federais disponível para região, a partir daí poderão ser elaborados os editais para distribuição de recursos para projetos de capacitação, oficinas de gestão, assistência técnica, entre outras ações que contemplem o território de atuação de cada colegiado. Hoje ministérios como o da educação e o da cultura também podem destinar recursos para os projetos elaborados pelos territórios.

No estado da Paraíba seis áreas foram demarcadas como territórios da cidadania: Borborema, Cariri Ocidental, Curimataú, Médio Sertão, Zona da Mata Norte e Zona da Mata

⁷⁸ O programa Territórios da Cidadania tem como objetivos promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável. A participação social e a integração de ações entre Governo Federal, estados e municípios são fundamentais para a construção dessa estratégia. Fonte, página na internet do MDA

Sul. Destes, o Território da Borborema foi o que se constitui de forma menos convencional. Se nos territórios do Cariri ou da Zona da Mata prevalece um perfil geográfico e uma identidade nas práticas que movimentam a economia local, conforme descreveu Marenildo, o território da Borborema se assemelha a uma colcha de retalhos com áreas classificadas como brejo, cariri, curimataú e agreste, geograficamente, cada uma com condições climáticas e de solo específicas.

"A gente vai observar que a parte do brejo vai ser uma área que ela vai ter uma maior precipitação da chuva, a parte de agreste é uma área que vai ser a transição entre curimataú e brejo, e tanto a parte do curimataú como a do cariri vão ser áreas, entre aspas, semelhantes, mas cada uma vai ter uma identidade"
(Toni Lucena, articulador do Território da Borborema).

Os 21 municípios do Território da Borborema formam um corredor que historicamente dividiu o estado entre o trabalho nos engenhos de cana de açúcar, localizados no brejo e na zona da mata paraibanos, e o trabalho com o gado bovino no sertão. Uma área de "transição" entre as duas culturas que se caracterizava pela produção de alimentos para as regiões vizinhas, e que eram vendidos em feiras, ainda hoje uma tradição local. A força de trabalho na região está diretamente associada a diversidade da produção familiar embora cada microrregião tenha suas peculiaridades. No Cariri Ocidental, região dos municípios de Queimadas e Campina Grande, vê-se o desenvolvimento da pecuária, mais especificamente da pecuária do leite. No brejo se encontra a maior diversidade de alimentos produzidos, incluindo verduras e frutas, pela agricultura familiar na região, impulsionada por condições climáticas e a tradição de comercialização herdada dos tropeiros e das feiras livres. No Curimataú, região bastante seca, encontramos áreas de mineração de granito além de grandes extensões dedicadas a pecuária. Já o agreste, área de transição entre brejo e curimataú, é onde pode-se observar mais difundido o trinômio pecuária + agricultura de subsistência + lavoura comercial, destacando-se entre as lavouras comerciais da agricultura familiar no agreste, a cultura do algodão e a produção de agave para fabricação de sisal.

Se quando começou em 2003 a Arribaça era apenas um grupo de amigos discutindo idéias, e os membros contribuíam com um valor mensalmente para que pudessem alugar uma sede, em 2008 quando se organiza o Território da Borborema a Arribaça já é uma

ONG que participa de eventos internacionais devido ao seu trabalho técnico e de mediação das relações comerciais na produção do algodão *sem veneno* ou agroecológico no assentamento Queimadas. Em 2005 quando a pesquisa da EMBRAPA Algodão, representada entre outros por Melchior junto a seu Zé Sinésio, conclui que o assentamento está pronto para produzir algodão *sem veneno* em escala para ser comercializado, a Arribaça assume a posição de mediadora da relação com as empresas compradoras do algodão que ainda contratam o serviços de membros associados a ONG para dar o apoio técnico necessário aos agricultores durante o cultivo do algodão. Com o reconhecimento do trabalho com o algodão agroecológico a Arribaça passa a atuar em outras áreas também, como na educação rural e principalmente em um programa do governo que se chama PAA, Programa de Aquisição de Alimentos onde as cooperativas ou associações cadastradas vendem os produtos agrícolas ou de criação de animais diretamente para as escolas e hospitais administrados pelo município dentro do território. As ONGs recebem recursos através de editais públicos para gerir e treinar em gestão estes agricultores.

Estes processos, desde uma escala mais abrangente, na suposta formação de um ethos ecológico que suporta uma nova segmentação do mercado mundial de produtos confeccionados com fibras têxteis como o algodão, até a formação de uma organização local voltada para orientar as comunidades rurais a trabalhar dentro dos princípios da agroecologia, permitem a formação de um contexto que vai ligar a mercadoria, da qual temos analisado a trajetória social, o algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, ao mercado consumidor nos centros urbanos. Este contexto específico é a formação do que vem sendo conhecido como Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, na forma em que ela se apresenta hoje .

2.4. A Rede Paraíba de Algodão Agroecológico e a Festa da Colheita

Os processos descritos nos dois primeiros capítulos levaram ao alinhamento de um grupo de atores em torno do objetivo de estimular a produção do algodão *sem veneno* na Paraíba a partir da adoção de práticas agroecológicas; do desenvolvimento de um novo “modelo de troca” na região, negociado pelas partes envolvidas; e da “abertura de mercados” que ligam a produção ao consumo com a busca por parceiros comerciais entre as empresas fabricantes de roupas de algodão orgânico. Este alinhamento, que passou a ser chamado de Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, não tem caráter permanente e está em constante transformação com a inclusão de novos agentes sociais e o afastamento temporário ou permanente de outros.

“_Rapaz, se a gente conseguir arrumar um mercado é uma mão na roda pra eles...” E foi aí que Isaías (Arribaça e EMBRAPA) conheceu Torrego, da YD, lá no Paraná, e trouxe o folder. João (João Macedo da AS-PTA) já tinha também conversado com alguém que tinha uma demanda também de algodão. Os dois eram a mesma empresa que queriam investir na região. E eu liguei para falar com as pessoas da YD, peguei o número no catalogozinho, disse que a gente tinha um grupo aqui na região, interessado... ficaram lá doidos interessados, e o presidente da YD, acho que é Jorge Yaminne um dos donos, ele bateu aqui, só prá... e aí, naquele dia, mesmo nesse canto aqui, sentado nesta varanda aí, a gente firmou contrato... eles ficaram de pagar um técnico, se comprometeram. A gente achava que existia uma demanda que envolvia mais ou menos 15 mil quilos, mas não haveria muitos agricultores atrás, ninguém tinha trabalhado com empresa... nem representante, né? (Melchior)

“_Algo mais te vem a cabeça? Sim, _Tem a questão de Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, uma articulação que está sendo construída, desde 2007, onde teve um seminário aqui em Lagoa Seca, um seminário de algodão agroecológico, onde começou a conhecer as dinâmicas de produção lá no Ceará, em Pernambuco, Rio Grande do Norte, que aí veio uma demanda de cima, que, a gente tinha chamado esta rede, Rede Semiárido de Algodão Agroecológico, dentro desta rede existia uma rede menor, que existe uma discussão dentro do

*estado, Rede Paraíba, que temos discutido a produção de algodão na Borborema, no cariri e no sertão, a gente até reuniu inda a pouco, Alexandre, é um dos representantes da rede, filho de seu Zé Sinésio, no assentamento Queimadas. **_E qual é a função dessa rede?** _Essa rede tem sentado para dialogar com os compradores, prá questão de preço, prá ver a questão de assessoria técnica e discutir a produção em si.” (Carliandro Daniel, Arribaçã)*

***_E a rede Paraíba, como é que ela se organiza, ela se reúne? Que tipo de discussão ela tá propondo?** _A gente se reúne a cada dois meses, a coordenação praticamente tá dentro da Arribaçã, a gente que articula reuniões, a gente que mobiliza os agricultores e os parceiros, os outros que constitui a rede, e o debate dentro da rede. Pronto, de início, agora, como a gente teve esse seminário agora, e a gente ia fazer um seminário paraibano, mas devido a questão de recurso, não tá tendo. Mas reuniões que começar a ter, agora a partir de janeiro, planejar plantio do próximo ano, safra do próximo ano, mobilização de agricultores, quantos agricultores vão plantar, questão de área, mobilizar sementes, que sementes os agricultores se interessam pra plantar, e isso a gente vai ter que correr atrás do governo do estado porque, nós só temos o banco de semente que os agricultores da Arribaçã acompanha, mas não dá conta as sementes que a gente tem, para o número de agricultores que a gente espera que o próximo ano vai ser bem maior. Então, de início, é isso que a gente vai discutindo, a questão de plantio né, mas também começar a discussão sobre a comercialização, que um dos grandes problemas é a questão da comercialização. Que quando a gente vem ver, comercialização vai tá sempre fechada.. Quando o agricultor já tá fechando o ciclo, já colheu, ela ainda fica, tá colhendo o algodão inseguro em dúvida sem saber o que tá sendo discutido, se tá garantida a compra de algodão deles ou não... (João Carlos, Arribaçã)*

Em janeiro de 2006 aconteceu no Assentamento Queimadas um encontro que foi o primeiro esboço do que posteriormente seria identificado como Rede Paraíba de Algodão Agroecológico. Na casa de Seu Zé Sinésio reuniram-se o anfitrião, Melchior e Jorge Yaminne, empresário, dono da YD Confecções, que viajou de São Paulo para o assentamento, com outro diretor da empresa, especialmente para negociar pela primeira vez a compra do algodão

sem veneno do assentamento Queimadas. A YD é uma indústria considerada “vertical” por sua capacidade de, a partir da matéria-prima, fiar, tecer, beneficiar o tecido e confeccionar o produto final que atende ao mercado de vestuário, com ramificações no Brasil e no exterior. Entre a gama de produtos que YD oferece se destaca uma marca chamada Éden⁷⁹, voltada para o mercado verde, os produtos comercializados pela marca utilizam matéria-prima produzida sem o uso de agrotóxicos e beneficiadas por tingimentos vegetais.

Para que o negócio se concretizasse os agricultores se comprometeram a plantar o algodão *sem veneno* e manter o restante de suas lavouras também livres de produtos tóxicos, para que não houvesse a contaminação do solo e da produção. Na contra partida, a YD, oferecia a garantia de comprar toda a safra de algodão por um preço diferenciado em relação ao mercado convencional, um preço pré-acordado que consideraria o valor agregado por ser fruto de um manejo considerado ambientalmente sustentável. Ao contrário dos antigos *patrões* que usavam quaisquer recursos para manter os moradores dependentes e disponíveis às suas necessidades, a YD se comprometia a devolver para os agricultores as sementes com as quais iniciariam a próxima safra, recurso necessário para manter a sustentabilidade da produção familiar. Para que a experiência fosse bem sucedida e a técnica desenvolvida por Seu Zé Sinésio disseminada entre um maior número de agricultores, a empresa paulista se comprometia ainda em contratar um técnico agrícola para dar assistência aos agricultores, no caso, um dos colaboradores da ONG Arribaça. E por último, com o produto final destinado ao mercado de produtos orgânicos, a YD se comprometia com os custos para a certificação do algodão como orgânico pelo IBD, Instituto Biodinâmico, “Inspeções e Certificações Agropecuárias e Alimentícia”, de aceitação internacional.

O encontro serviu para estabelecer os parâmetros para o cálculo do valor comercial do algodão a ser negociado. A YD já negociava com pequenos produtores de algodão orgânico associados no estado do Paraná e foi quem apresentou a fórmula inicial onde seria pago 30% acima do valor de mercado. O primeiro cálculo foi feito com base no preço pago pelo algodão na região, só que, segundo Seu Zé Sinésio, de volta a São Paulo, os empresários constataram que o preço de mercado era maior do que o inicialmente tomado como base, pois este dava margem a seqüência de lucro dos intermediários que faziam com que o algodão chegasse ao destino final e, por iniciativa da própria empresa, o valor

⁷⁹ Imagem nº 3. Página 175

anteriormente acordado foi reajustado. Esta atitude criou um sentimento de confiança entre o pequeno grupo de agricultores sob a liderança de Seu Zé e o empresário da YD. Em 2007 o número de agricultores interessados em produzir algodão *sem veneno* para YD cresceu de 5 para 18 famílias dentro do assentamento. Embora tenha havido modificações no alinhamento da rede e a YD não esteja mais vinculada ao algodão sem veneno do assentamento Queimadas, o número de agricultores produzindo continua crescendo e o algodão agroecológico está presente, hoje, em todos os Territórios da Paraíba com apoio de instituições locais.

“A viabilidade destes grupos, no entanto, depende não só de soluções técnicas para a produção orgânica de algodão, mas também de sua organização e inserção em redes de produção, processamento, distribuição e consumo que visem fortalecer as interações econômicas e sociais que se traduzam em compromissos de longo prazo, compondo um sistema de governança estritamente coordenado.” (SOUZA, 2000).⁸⁰

A experiência de 2006 de produção e comercialização de algodão *sem veneno* no assentamento Queimadas para uma empresa em São Paulo repercutiu na imprensa especializada e serviu para a entrada da ONG Arribaça, e a própria EMBRAPA Algodão, no circuito de debates nacionais e internacionais sobre desenvolvimento sustentável, agricultura orgânica e agroecologia. Outros estados do nordeste também estavam produzindo algodão *sem veneno*, no Ceará a ONG ESPLAR vinha acompanhado a produção de algodão agroecológico pela agricultura familiar desde 1994, e no Rio Grande do Norte e Pernambuco a Diaconia, organização vinculada a igreja católica, apoiava a produção familiar do algodão. Há controvérsias quanto a data, mas acredito que em novembro de 2006, quando estava sendo entregue a primeira safra de algodão sem veneno do assentamento Queimadas, estes grupos de agricultores e técnicos do semiárido nordestino marcaram um encontro em Lagoa Seca, município entre Campina Grande e Remígio, onde fica a sede da AS-PTA e do Polo Sindical da Borborema. O encontro serviu para trocar experiências sobre a produção e comercialização do algodão produzido sem veneno. Se algodão do assentamento era certificado como orgânico pela YD, o algodão produzido sob a supervisão da ESPLAR era comercializado para a

⁸⁰ “Produção Brasileira de Algodão Orgânico e Agroecológico em 2006”. Artigo de co-autoria Pedro Jorge, pesquisador da ESPLAR

empresa francesa Veja Fair Trade que não exigia certificação, sendo a relação direta entre produtores e agentes da empresa suficiente para validar a produção sem veneno, já o algodão de Pernambuco e do Rio Grande do Norte ainda eram vendidos no mercado convencional. Esta proposta de fazer um intercâmbio de experiências acabou se repetindo anualmente, organizadas por núcleos em localidades diferentes, e a articulação acabou sendo reconhecida pelo nome de Rede Semiárido de Algodão Agroecológico e assume a função de “governança coordenada” da produção ao consumo, como proposto por Pedro Jorge, pesquisador da ESPLAR, no trecho do artigo publicado no sítio da ONG e reproduzido acima.

Foi no evento em Lagoa Seca que Seu Zé conheceu Maysa Gadelha e a Coopnatural, a empresa que fazia roupas com o algodão naturalmente colorido, o mesmo que Seu Zé tinha plantado para reprodução das sementes em 2004, e ao qual se referiu como “*a coisa mais linda do mundo*”. Até então os produtores no assentamento plantavam somente o algodão branco para a YD, e o algodão colorido da Coopnatural produzido no sertão não era *sem veneno*. A partir daí a Coopnatural passa a dividir com o projeto da YD a compra do algodão do assentamento transformando as recém-formadas relações entre produtores e empresários, e causando uma aproximação desta relação. Trazendo um forte capital político decorrente da sua posição social na Paraíba, Maysa vai promover a articulação da Rede Paraíba, apesar de vinculada à Rede Semiárido, incluindo no alinhamento local instituições como o SEBRAE, que de acordo com a minha observação participa das atividades da rede com eventuais financiamentos e cedendo espaço para reuniões em Campina Grande, trabalhando para fortalecer a associação do algodão naturalmente colorido à “identidade” do Estado da Paraíba.

Para os agricultores esta nova forma de comercialização onde a venda é feita diretamente do produtor a empresa, do assentamento para a empresa em São Paulo sem intermediários, paradoxalmente, aponta para um afastamento entre as partes envolvidas no negócio, e com consequências econômicas que não a vantagem de um maior lucro. Os agricultores estavam acostumados a receber o pagamento no ato da entrega do produto, ou seja, negociando com o *patrão*, na feira ou com intermediários, o ato da troca acontecia “fisicamente” na presença de produtor e comprador. Este modelo permitia a criação de elos pessoais entre vendedor e comprador e, dependendo do grau de proximidade, eram possíveis também outras qualidades de trocas como auxílios em casos de doença e investimentos na

safrá, as relações pessoais podendo chegar ao nível de compadrio.

Na base da cadeia produtiva, a produção de matéria-prima a qual se agrega valor ao ser transformada, o agricultor tem o menor percentual de rendimento, mas conta em *lucrar* com o algodão para saldar dívidas, adquirir bens industrializados necessários ao cotidiano da família e temporariamente colocar no prato a *mistura*, algum tipo de proteína animal, para reforçar as refeições da família. No novo modelo o comprador está distante, não existe o momento da troca. O algodão é pesado e recolhido por técnicos sem que haja um retorno financeiro imediato. Depois de todos os agricultores terem entregue o algodão, podendo haver uma distância grande entre os primeiros e os últimos a colher, é necessário providenciar a nota fiscal de venda, encaminhada para o departamento de contas a pagar da indústria, chegando a demorar trinta dias, após o recebimento da nota, para que o cheque seja emitido, e meses para o agricultor ser recompensado por sua produção.

O processo é o mesmo, seja a venda feita para a YD ou para a Coopnatural, mas a proximidade física da sede da cooperativa em Campina Grande pode permitir que relações pessoais se estabelecem através de uma troca de interesses para além dos econômicos. Além disso o histórico de Maysa como nora de político e usineiro no sertão, faz com que ela tenha alguma experiência pessoal na interação com trabalhadores rurais, recuperando de certa forma as antigas relações de patronato. As relações se expandem do círculo de representantes nas reuniões da rede para englobar familiares dos agricultores e funcionários da cooperativa que passam a interagir com frequência em atividades e festas promovidas pela rede no assentamento, em Remígio, ou mesmo Campina Grande. A instalação de uma escola para alfabetização de adultos na garagem da casa de Vânia e Alexandre é um exemplo onde há uma mobilização de forças políticas, por iniciativa de Maysa, para atender a uma demanda dos agricultores.

“_ Como foi a experiência de ensinar para os mais velhos? _ Ah, foi bom demais, foi pelo Brasil alfabetizado, teve o apoio de Maysa Gadelha, ela quem doou os material, que essa garagem aí era uma garagem de colocar os cangoré dentro, ela deu material para cobrir, veio os material de Campina, os menino que veio ajeitar a garagem veio de lá mesmo, deixô tudo prontinho, e a Arribaça também deu uma força, e o SESI de Campina Grande foi quem deu a

capacitação, treinamento prá mim, e os material também, veio pelo SESI, pros aluno estuda, Maysa também deu consulta de vista prá todo os aluno que estudou, deu os óculos. **__Mas foi idéia de quem montar a escola? __**Foi da gente mesmo, os agricultor, quando a gente se reuni nas reunião, que sempre tinha todos mês. **__Da associação? __**Não, daqui mesmo, que a gente se reunia todos mês, todos os agricultor que plantavam o algodão, aí eles falava muito que queria muito entender, eles não sabia, vendia tantos quilo de algodão, não sabia, via uma numeração assim, não sabia nem o que significava, não sabia assinar o nome, aí que veio essa necessidade de aprender a ler, escrever, entender mais aquilo que eles produzia, a quantidade. Aprendendo a assinar um papel, não tá pedindo a outro né. Sei que eles se interessaram e pediram que tivesse uma escolinha pra estudar. Foi 6 mês em 2006 e foi mais 6 em 2007, em 2006 foi 20 aluno e 2007⁸¹ foi só 12 aluno,. Porque o Brasil alfabetizado é prá quem não sabe ler nem escrever, aí quem já sabe, não pode mais se matricular, é só prá analfabeto ... seu Peixoto ali ele não consegue enxergar direito ele já sabia um pouquinho, mas ele é tão interessado, todos ele é interessado demais, Antonio de Pedro. Agora acho que pode até ter esquecido, que faz tanto tempo que ele parou de estuda, que ele não sabia fazer nem o nome e aprendeu... e pelo Brasil alfabetizado não tem mais como, que eles já estudaram né. Já aprenderam a escrever alguma coisa, já foram matriculado duas vezes aí não pode mais. **__Fora o material vc recebia alguma coisa? __**Eu recebia uma bolsa, de cento e cinco por mês, só aquele seis mês, aí também, dependendo da quantidade de alunos, 5 reais a mais de cada um, a bolsa pagava a mais.” (Vânia)

A idéia de montar uma escola para alfabetizar os adultos teria surgido a partir de um episódio iniciado pela YD que ofereceu aos produtores alguns pares de calças jeans para serem distribuídos entre eles, mas a oferta teria sido rejeitada por Seu Zé Sinésio, e conseqüentemente pelo restante dos produtores participantes na rede, com a justificativa de que "não precisavam de roupas e sim de educação". Com um grande número de analfabetos entre os adultos, muitos dos agricultores, chefes de família e suas esposas no assentamento Queimadas, não sabem assinar os seus nomes. A participação dos agricultores nas

⁸¹ Apesar do depoimento dado, é mais provável que a “escola” tenha funcionado no segundo semestre de 2007 e primeiro de 2008, antes da minha primeira vista.

negociações para a comercialização dos produtos cultivados, e na administração dos recursos de uma vida “moderna” teriam despertado em alguns o desejo de investir no desenvolvimento pessoal. Maysa, mais experiente no trato com as necessidades de agricultores, aproveitou a oportunidade de estreitar os vínculos comerciais e conseguiu com sua articulação política montar a escola para alfabetização de adultos na garagem da casa de Vânia e Alexandre. Vânia, que não tinha terminado ainda o ensino médio, foi treinada como professora e recebia recursos financeiros pelo trabalho. O curso fazia parte do programa Brasil Alfabetizado do MEC e, segundo Vânia, depois de aprender a assinar o nome e ler basicamente, os alunos não podem refazer a matrícula. Talvez por isso a partir de 2008 o programa não foi renovado. Completando a experiência da escola, muitos alunos, em idade mais avançada, mostraram dificuldades para aprender por dificuldades de visão. Maysa então arranhou que todos fizessem exame de vista gratuitamente e ganharam pares de óculos.

Mas se os agricultores usufruem de vantagens devido ao capital político de Maysa, na contra partida eles abrem as portas de suas casas e expõem as histórias de suas vidas, sua cultura, para visitantes de outros países levados tanto pela Coopnatural como pela Arribaça, e mesmo a EMBRAPA, que "capitalizam" em cima desta oportunidade de apresentar com autoridade o projeto do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas. A viagem de carro da sede da Coopnatural em Campina Grande até a casa de Seu Zé Sinésio no assentamento dura cerca de uma hora e clientes estrangeiros e brasileiros da cooperativa assim como parceiros comerciais, são constantemente levados para visitar o assentamento. Na minha primeira visita, levada por Maysa, ela combinava um almoço para um grupo de franceses que estavam a caminho e pediram para conhecer o local onde era plantado o algodão. Para ajudar a consolidar uma idéia romântica do estilo de vida no agreste daqueles que produzem o algodão orgânico e proporcionar aos visitantes vindos dos centros urbanos a “experiência” da vida no assentamento, a idéia seria preparar um almoço local, frango de capoeira (caipira), mandioca, cuscuz de milho, que seria servido ali mesmo, na garagem/escola/depósito de Vânia e Alexandre. Me parece que esta visita não aconteceu mas uma outra vez encontrei com Maysa em Remígio quando ela voltava do assentamento com um grupo de Italianos, um representante dos produtos Natural Fashion em seu país, acompanhado da mãe e do irmão numa viagem de férias e trabalho que incluiu uma visita a Coopnatural e, como extensão, ao assentamento, uma forma de fortalecer os vínculos

comerciais na identificação de ideais compatíveis com o ethos ecológico. A visita ao assentamento funciona assim como uma vitrine do projeto “verde” da Coopnatural, a visita do representante de vendas da Itália re-validando o certificado de produto orgânico para seus clientes, diminuindo a distância entre o consumidor urbano europeu e o produtor familiar no semiárido paraibano.

Na prática comercial, a entrada da Coopnatural na rede como compradora do algodão vai modificar a forma de “contrato” entre agricultores e empresários. O contrato, firmado ou verbal, vai especificar os detalhes da transação como datas, quantidades de hectares destinados por família ao cultivo, distribuição de sementes, a expectativa de produção, o preço a ser pago, e até a extensão da participação da Arribaça na assistência técnica rural e na logística. Uma vez por ano, antes do início do ciclo produtivo, depois da avaliação e comparação de experiências feita anualmente nos encontros da Rede Semiárido, a Rede Paraíba vai se reunir para debater e deliberar sobre o contrato. Os primeiros anos foram de ganhos significativos para os agricultores, depois de ver o preço algodão em rama passar dos cerca de oitenta centavos pago nas feiras da vizinhança para cerca de dois reais, os agricultores passaram a vender o algodão já beneficiado, em pluma, sem sementes, prensado e amarrado nos chamados fardos, que variam de peso ficando em torno de 100 quilos de algodão por fardo. O rendimento da pluma de algodão é de cerca de 40% do peso do algodão em rama, mas os agricultores avaliam que o valor pago compensa tendo chegado a cinco reais o quilo de pluma de algodão branco na safra de 2009, ao contrário dos dois reais pago pelo algodão em rama, além de manter a propriedade das sementes antes devolvidas pela YD. Depois do ajuste inicial houve uma estabilização do preço e as dificuldades que a crise econômica internacional, a partir de 2008, cria para o mercado que distribui internacionalmente os produtos da Coopnatural, fazem com que a empresa diminua o ritmo de crescimento e congele o preço pago pelo algodão. Para completar, o preço do algodão convencional em janeiro de 2010 havia subido muito e o preço pré acordado estava defasado, no Ceará a safra de 2009 foi comprada a seis reais o quilo, deixando os agricultores descontentes achando que o preço pago na Paraíba deveria ser o mesmo, no entanto dificilmente eles reclamariam se a diferença fosse no sentido inverso, quando o preço do algodão convencional por alguma razão despensa no mercado e a remuneração pré acordada é muito superior ao mercado Este foi o único momento em que me foi negado acesso a uma

reunião durante a pesquisa, em janeiro de 2010, por dois dias a Rede Paraíba ia se reunir em Campina Grande para negociar o contrato para a safra de 2010, segundo me disseram o SEBRAE não permitia a presença de pessoas de fora da rede.

A Rede Paraíba também vai organizar as formas que as empresas encontram para pagar individualmente aos agricultores por sua produção de algodão, e esta também tem variado a cada ano. se inicialmente houve um movimento de centralização de funções pela Coopnatural, há uma tendência organizada na articulação entre agricultores e técnicos para colocar cada vez mais o controle da produção nas mãos dos produtores. No primeiro ano cada chefe da família tirou uma nota fiscal de venda do seu algodão para a YD Confeções e a empresa absorveu o custo dos impostos e pagou individualmente, apenas 18 produtores faziam parte do grupo. Havia interesse em trabalhar com os agricultores organizados em cooperativa ou associação mas a Associação dos Moradores do Assentamento Queimadas não foi considerada uma opção válida, segundo colaboradores da Arribaça, por não ter uma estrutura financeira organizada que inspirasse confiança para administrar a transação, além de que o presidente da associação, João Batista, apesar de ser cunhado de Seu Zé Sinésio, não participava da rede e criticava a atuação restrita apenas a alguns moradores do assentamento. A Coopnatural, por ser uma cooperativa, podia comprar o algodão dos agricultores e repassar à YD em São Paulo com vantagens fiscais, e desta forma passou a ser organizada a venda do algodão do assentamento. A cooperativa, apesar das boas intenções aceitas pela Arribaça que via na medida a possibilidade de facilitar a sua própria atuação, se transformou em um intermediário entre o algodão e a empresa paulista, que acaba saindo da rede a partir da safra de 2010, ficando a Coopnatural como única compradora do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas.

A chance de vender a pluma de algodão no lugar do algodão em rama surgiu quando os técnicos da Arribaça negociaram o acesso a uma mini usina de beneficiamento, capaz de descaroçar e prensar o algodão, que estava desativada no assentamento Margarida Maria, no município de Juarez Távora, já que não se plantava mais algodão na região. Apesar de não se localizar no território da Borborema o Margarida Maria foi totalmente incorporado a área de atuação da Arribaça e as relações entre eles até geraram dois casamentos entre técnicos e jovens do assentamento, Carliandro e Nilson, irmão mais novo de Melchior foram os noivos. O assentamento Margarida Maria foi criado em 1998, organizado inicialmente para

acolher 50 famílias que eram moradores da fazenda desapropriada ficaram 34. Eu visitei o assentamento em 2010, uma agrovila, uma simpática rua calçada com paralelepípedos com casas dos dois lados e um canteiro no meio. O assentamento, localizado fora dos limites do Território da Borborema, recebeu de um programa do COEP a mini usina de beneficiamento e um tear que ainda não foi havia sido usado. No ano seguinte os agricultores do Margarida Maria já estavam plantado algodão *sem veneno* e ainda beneficiando toda a produção da Paraíba, inclusive a que Maysa trazia do sertão. O movimento inflacionou o custo do beneficiamento que passou de 70 reais para 150 reais a tonelada de algodão em rama beneficiada, causando uma despesa surpresa para os agricultores na hora de finalizar o ciclo e concretizar a venda.

Os laços criados entre a Arribaça e o assentamento Margarida Maria fez com que este acabasse ocupando um papel central na transação financeira entre a Coopnatural e os agricultores do assentamento Queimadas. Com uma associação bem organizada e empreendimentos lucrativos como a posse de um trator alugado por hora para serviços dentro e fora do assentamento, e no caso do algodão, por exemplo, um percentual do lucro sendo reservado para a associação, o algodão do grupo de Seu Zé Sinésio passou a ser vendido para Coopnatural como produto do Margarida Maria, que então repassaria o dinheiro para os agricultores. Embora sem vantagens ou prejuízos aparentes, mais uma vez os moradores do assentamento Queimadas se vem na necessidade de um intermediário para finalizar seus negócios. A falta de uma organização comunitária faz com que a Coopnatural assumira também o custo da certificação orgânica do algodão plantado no assentamento, tornando-se proprietária deste certificado, o que significa que para comercializar outros produtos como orgânico seja ele o feijão ou o milho ou mesmo o algodão para uma outra empresa, os agricultores precisariam iniciar um outro processo de certificação, ou pedir autorização a Coopnatural.

Os conflitos internos da rede revelam as diferenças de dois projetos políticos para o desenvolvimento do algodão sem veneno da Paraíba, um de centralização em nome de um controle de qualidade, produtividade e regularidade, projeto que reforça a identificação da Coopnatural e sua marca Natural Fashion com a identidade cultural do estado da Paraíba, e outro, um projeto político de inclusão mais abrangente, aumentando os canais de acesso a mercados consumidores e buscando a autonomia na gestão dos projetos das famílias pelos

agricultores. Um projeto representado pela Coopnatural e o outro pela Arribaça, que ainda sim trabalham bem, juntos, na negociação com os agricultores. A certificação da safra de 2011 ter sido feita em nome dos agricultores pela primeira vez foi uma vitória do segundo projeto político.

2.4.1. V Seminário da Rede Semiárido de Algodão Agroecológico⁸².

Certificação foi um dos assuntos mais debatidos durante a V Seminário da Rede Semiárido de Algodão Agroecológico que antecedeu a III Festa da Colheita nos dias 24 e 25 de novembro de 2011, em Remígio, junto com mercados para o algodão orgânico e consórcios de culturas. A Rede Semiárido de Algodão Agroecológico é articulada por um representante eleito pelos participantes, com a ajuda de um secretário e com apoio financeiro de uma organização não governamental holandesa, a ICCO⁸³, com base de formação na igreja protestante, que apóia projetos para o desenvolvimento em diversas situações de pobreza no mundo. A articuladora da rede em 2011 era Teté, agricultora do Rio Grande do Norte e foi ela quem comandou o microfone junto com Amália e Eliane, ambas da Arribaça, durante o evento. Além de agricultores e técnicos da Paraíba e estudantes das universidades da região, representantes de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí, dois representantes das empresas francesas Tudo Bom e Veja, Romain e Violette, compradores do algodão do Ceará, participaram do encontro, assim como Maysa, pela Coopnatural, Carolinie pela ICCO e Alfonso Lizárraga, Diretor Regional da Textile Exchange⁸⁴ para America Latina. Alfonso também esteve presente ao encontro em 2007 e já conhecia a região e uma parte dos participantes, para ele o projeto do algodão *sem veneno* da Rede Semiárido, entre os que já visitou no mundo, é o que tem a maior capacidade para um crescimento exponencial, devido a quantidade de terras adaptáveis a cultura em mãos da agricultura familiar. Ele ressalta ainda a qualidade inédita da experiência dos seminários como rodada de negociação entre produtores e compradores, onde todos tem a palavra.

⁸² Pranchas de nº 17 à nº 19. Páginas 162 à 164

⁸³ <http://www.icco-international.com/int/about-us/>

⁸⁴ A Textile Exchange anteriormente chamada, Organic Exchange faz o acompanhamento em todo o mundo da produção, familiar ou em formatos mais especializados do algodão produzido sem veneno, uma iniciativa das grandes empresas de vestuário norte americanas, cujos executivos fazem parte do “conselho de diretores”, que a partir do Texas, em 2002, organizaram a estrutura para acompanhar e incentivar uma cadeia têxtil com menor impacto ambiental e de impacto social positivo. A mudança de nome serviu para representar uma nova filosofia, mais abrangente, trabalhando também com a cadeia têxtil a partir de materiais reciclados.

Quando cheguei ao local do encontro, às 8 horas da manhã do primeiro dia do evento, a porta do salão paroquial ainda se encontrava fechada. Na rua já se encontravam algumas vans paradas e grupos de pessoas conversando. Quando foi permitido entrar no salão houve todo um processo de cadastrar os participantes, fazer crachá, e entregar a pasta do evento contendo um bloco de papel, caneta, impressos da ICCO e da Coopnatural, a programação do evento e um chapéu de algodão com abas para proteger o pescoço do sol, e que foi muito usado no dia seguinte durante o dia de campo onde se visitaria o roçado de Zé Amaral. Do assentamento Queimadas vieram Alexandre, Careca e "Naldo Pelado", outro morador do Gabinete. Foram distribuídas 100 pastas e ainda não foram suficientes para todos os que lotaram o salão com fileiras de cadeiras de plástico e um palco ao fundo decorado com cestas e fardos de algodão colorido. Depois de todos acomodados iniciou-se a apresentação individual de todos os presentes, cada um se levantando para dizer o nome, estado de origem, profissão, e a expectativa pessoal em relação ao encontro, que de uma forma geral se resumia na troca de conhecimentos e experiências. Em seguida aconteceu uma apresentação folclórica feita por um grupo da cidade de Areia, com uma banda e 5 pares de dançarinos mostrando danças folclóricas da região. Antes do almoço ainda tivemos duas discussões, depois de uma rápida apresentação da Rede feita por Pedro Jorge (da ONG ESPLAR/ Ceará), Melchior e Teté, a primeira atividade foi a criação de uma planilha, administrada por Amália com projeção no telão, para constar a produção de algodão orgânico no Brasil, planilha que Alfonso vai incluir no relatório mundial anual produzido pela Textile Exchange. Os dados da planilha incluem a associação responsável pela assistência técnica, a área plantada, a projeção de produtividade inicial, o rendimento final, o estágio em que se encontra na data (colhido, beneficiado, comercializado), tipo de certificação, e com quem o produto estava sendo comercializado.

O algodão *sem veneno* da Rede Semiárido pode ser certificado como orgânico ou como "fairtrade", em português, "comércio justo", que em síntese significa: "*Na sua proposta original o comércio justo é entendido como um sistema de mercado alternativo que se constrói entre grupos de produtores em desvantagem econômica de países do hemisfério sul e consumidores do hemisfério norte.*" (ASTI, 2007:17) O comércio justo poderia favorecer a Coopnatural como fornecedora de produtos têxteis e artesanais para a Europa, mas inviabilizaria o mercado interno. Na Rede Semiárido os fornecedores da Veja e Tudo Bom são

certificadas como “comércio justo”, mas são proibidos de vender os produtos no Brasil. Os mesmos fornecedores, assim como os demais participantes da rede, são certificados como orgânicos pelo IBD.

Depois de terminada a planilha, ainda antes do almoço, tivemos duas apresentações sobre certificação mostrando alternativas ao IBD. Primeiro foi a vez de um agricultor associado a ONG Ecoborborema, vinculada ao Polo Sindical da Borborema e a AS-PTA, relatar como sua produção é certificada pelo governo para participar em feiras agroecológicas e vender diretamente para as instituições públicas da sua região através do Programa de Aquisição de Alimentos, PAA, já mencionado aqui, com 30% de acréscimo ao valor do produto convencional. Segundo o relato do agricultor, para certificar os produtos dos agricultores associados a ONG, a Ecoborborema foi inscrita na lei federal de orgânicos e os técnicos responsáveis pela assistência técnica rural estão capacitados a emitir os certificados, na contra partida os agricultores devem estar associados a um sindicato local ou ao Polo Sindical. O certificado emitido pela Ecoborborema, no entanto, é de produto agroecológico e não atende as necessidades do algodão comercializado internacionalmente como orgânico. O segundo agricultor a falar sobre certificação, representante da AMUABAS (Associação dos Moradores e Usuários de Águas da Bacia do Açude Sumé) falou da experiência em um assentamento na auto gestão do processo de acompanhamento da produção do produto orgânico e a empresa certificadora, que ele não deixou claro se era o IBD, só precisa testar as terras uma vez durante o ciclo produtivo, reduzindo o custo, segundo ele, de 150 Reais por agricultor para cerca de 50 Reais. As duas propostas de certificação tem em comum uma característica muito prezada pelos agricultores e até apontadas por alguns como motivo para limitar a participação de um número maior de famílias na Rede Paraíba, a interferência externa de técnicos de empresas certificadoras, sem vínculos com os assentados, no cotidiano de trabalho no *roçado*. Fiscalizado por técnicos envolvidos no cotidiano dos agricultores, com um convívio muito próxima como os técnicos que acompanham a produção agroecológica das famílias ligadas a Ecoborborema ou pelos próprios agricultores comprovado pela certificadora em apenas uma visita, além das vantagens financeiras, interferência externa é reduzida deixando os agricultores mais “confortáveis” para caminhar em direção a uma produção agroecológica ou orgânica.

A parte da tarde, depois de almoço oferecido no simples, porém espaçoso salão

alugado para festas com vista para a área de lazer da cidade, a Lagoa Parque Senhor dos Passos, de volta ao salão paroquial o debate ficou por conta das relações entre produção e mercado. Primeiro Maysa, Violette e Romain, juntos colocaram o que consideram a maior dificuldade na relação entre produtor e empresário que é a discrepância entre a estimativa da safra e a produção final. Segundo os empresários, ao receberem a estimativa dos agricultores, assumem compromissos com um determinado volume de produção e a redução drástica da matéria-prima compromete o cumprimento desses compromissos. A fala de Pedro Jorge veio em seguida justamente com uma visão do lado da produção onde os fatores climáticos podem de uma hora pra outra mudar completamente a perspectiva de *lucro* da safra. As falas foram acompanhadas de calorosos debates com participação de muitos dos agricultores presentes mostrando, ao menos aparentemente, um maior engajamento e força na união dos agricultores apoiados por técnicos para negociar do que eu estava acostumada a ver entre os membros da Rede Paraíba, pelo menos os do assentamento Queimadas, aos quais posso me referir com mais propriedade.

No segundo dia os debates se concentraram nas questões técnicas da produção do algodão sem veneno e da conservação do solo, e o antagonismo se concentrou no conceito de consórcios agroecológicos. A programação começou com o “dia de campo” uma visita guiada ao lote e plantação de algodão colorido de Zé Amaral. O consórcio de culturas no assentamento é feito de forma diferente ao que os técnicos, agricultores e compradores consideram um consórcio agroecológico eficiente, que implica o cultivo de três ou mais culturas no roçado, a utilização de curvas de nível e outras formas de se proteger o solo. Ao chegarmos ao assentamento um mesa com café, bolos e frutas nos esperava em baixo de uma árvore e nos dividimos em três grupos para visitar o roçado onde haviam sido montadas duas tendas, eu fiquei no mesmo grupo que os franceses Romain e Violette. Na primeira tenda quem nos recebeu foi um técnico da EMATER que ressaltou a ousadia do grupo de agricultores do assentamento Queimadas que, em 2005, começaram a trabalhar com o algodão sem a área ser “zoneada” para esta cultura, ou seja, não havia incentivo dos técnicos institucionalmente ligados ao assentamento para que esta cultura fosse adotada. Apesar de ressaltar o pouco tempo que os agricultores tiveram, de 2005 a 2011, para aperfeiçoar suas técnicas de trabalho e introduzir métodos novos como as curvas de nível que evitam o escoamento, o roçado de Amaral recebeu muitas críticas de agricultores quanto a conservação

do solo, já que o cultivo havia sido feito em um plano inclinado permitindo que os nutrientes escoassem para a parte mais baixa, onde o algodão cresceu mais e produziu melhor.

Mas foi na segunda tenda, onde se encontrava Amaral com outro técnico que as críticas se intensificaram. Na tenda encontrava-se um quadro das despesas e ganhos do consórcio agroecológico que no caso reunia o feijão e o algodão, embora na época da visita, o feijão já houvesse sido colhido justamente em razão do que explicou o técnico da EMATER, por ter sido plantado antes do algodão, no começo do inverno. Mesmo assim Violette expressou uma opinião bastante forte, para ela aquele campo parecia uma monocultura de algodão, deixando Amaral sem palavras para responder. De volta ao salão de reuniões o assunto dos consórcios agroecológicos foi recorrente, mas como os agricultores do assentamento não voltaram para o encerramento do seminário e os técnicos da Arribaça estavam ocupados preparando a Festa da Colheita, coube a João Macedo da AS-PTA, ONG que não acompanha o trabalho com o algodão mas conhece bem as especificidades da Borborema, sair em defesa dos agricultores do assentamento Queimadas, relativizando as diferenças, relatando a história de degradação ambiental na região e ressaltando as recentes conquistas deste grupo.

Após o almoço, os ônibus e vans já estavam prontos para partir enquanto uma última reunião discutia os pontos fortes e fracos do seminário. Fiquei surpresa em saber que os agricultores não ficariam para a III Festa da Colheita do Algodão Agroecológico que compreendia uma vasta programação de atividades e apresentações musicais. Para mim a experiência foi proveitosa já que me deu elementos para comparar a experiência que acompanhava com outras de produção de algodão *sem veneno*, reforçando as idéias que formulei a respeito das especificidades daquele grupo agrestino.

2.4.2. A III Festa da Colheita do Algodão Agroecológico⁸⁵

Se a Coopnatural chega com o capital político acumulado a partir do poder do Deputado Gadelha, sogro de Maysa, e consolidado pela própria por sua atuação em Campina Grande, o algodão sem veneno do assentamento Queimadas vai alavancar o processo de acumulação de capital político por parte dos agentes ligados a Arribaça. Apesar de moradores

⁸⁵ Pranchas de nº 20 à nº 27. Páginas de nº 165 à 172

da área urbana, a esfera de atuação e de mobilização política da ONG se dá no campo, nos assentamentos e comunidade rurais com quem os irmãos Batista vem se relacionando desde as primeiras *lutas* por terras na região. Desde o início do projeto do algodão *sem veneno*, em 2005, Marenilson passou de funcionário da EMBRAPA a Secretário de Agricultura do Estado, e Melchior acaba de se eleger prefeito de Remígio pelo PSB, partido do governador da Paraíba, tirando do comando do município um grupo político que não apoiava o projeto do algodão agroecológico ou outros projetos federais focados na agroecologia. Já o centro urbano de Remígio, apesar de refletir as recentes conquistas sociais no campo com o desenvolvimento do comércio local, (no período em que frequentei a cidade vi o comércio existente ficar mais eficiente, os supermercados informatizados com sistemas de leitores de barra, as prateleiras com maior variedade de marcas e produtos, mais lojas de roupas, calçados, importados, lanchonetes e restaurantes caseiros), a população urbana tem muito pouco contato com a Rede Paraíba de Algodão Agroecológico e a Arribaça e muitos ficaram sabendo das experiências vizinhas da mesma forma que moradores de localidades mais distantes, pela televisão, no programa Globo Rural sobre o algodão orgânico e naturalmente colorido produzido no assentamento Queimadas.

Apesar de dedicada aos agricultores do algodão agroecológico a ausência deles durante a festa me causou estranheza. A I Festa da Colheita que aconteceu em dezembro de 2008 se assemelhava mais a dinâmica do seminário da rede Semiárido, com debates e participação de empresários, técnicos e agricultores, aconteceu também uma festa a noite na cidade, mas como estava hospedada no assentamento não pude ir pelo mesmo motivo que os agricultores não compareceram a III edição da festa, a dificuldade de transporte. Sair a noite de moto é considerado muito perigoso não previram uma *bandinha* para buscar o pessoal. Mesmo Susana, que ia desfilar e Vânia que trabalhou no quiosque da Coopnatural tiveram dificuldades para conseguir quem os levasse em casa à noite. Fora as duas, que eu conhecesse, apenas Ze Amaral e a mulher Tita compareceram a festa representando os agricultores do algodão.

Sendo assim a organização da Festa da Colheita parece se transformar em veículo para comunicar aos moradores da *rua* a importância “global” da agroecologia e do algodão *sem veneno* produzido nos *sítios* do semiárido paraibano, reforçando qualquer esboço de um “ethos ecológico” que esta população possa já ter desenvolvido, e referendando o trabalho da

Arribaça e o projeto político que ela abraça, na figura dos irmãos Marenilson e Melchior Batista. Neste sentido uma série de discursos das autoridades presentes a abertura da III festa da Colheita do Algodão Agroecológico, apresentados pela dupla de comediantes Jerimum e Xique-Xique, reforçam o apoio das instituições que apresentam o projeto do algodão e a agroecologia como forma de desenvolvimento rural sustentável, e a relevância dos dois irmãos para o contexto local. O primeiro a falar foi Dr. Giovani da EMATER, seguida de Patrícia Neves do Banco do Nordeste, Dr. Napoleão da EMBRAPA, Antônio Alves como Delegado do MDA, o prefeito de lagoa de Roça, Toni como Diretor Presidente da Arribaça, Melchior, representando a Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, que pediu permissão para passar a palavra a Seu Zé Amaral, o único produtor de algodão a falar para o público. Seu Zé devolveu a palavra para a seqüência de convidados, Tadeu Vinícius da ONG Empreender, com sede em Areia, Professor Rosivaldo representando a UFPB e por último o Secretário de Agricultura e da Pesca, a figura mais importante da noite, Marenilson Batista. A esta altura os cerca de trinta jovens e crianças que compõem a “Fanfarra Simples Farol Remigense” e se apresentaram antes e depois dos discursos, estavam dispersas e as conversas a minha volta abafavam as vozes nos microfones. Marenilson mostrou muita habilidade ao chamar as crianças para perto de si e cercado por elas e dirigindo-se a elas, afirmou com a atenção da platéia o que seria o tom de toda a festa: *“... e aí as pessoas abnegadas, os produtores agricultores, resolveram acreditar e construir uma dinâmica, o Seu Melchior, uma dinâmica de garantir, escuta só, que produzíssemos o algodão sem veneno. E isso é importante por que? Porque veneno mata gente! Veneno mata! Por isso que é importante esse momento que Remígio tá vivendo.”* (Marenilson)

A festa aconteceu paralelamente ao II Salão Territorial da Borborema com uma estrutura de evento de grande porte que ocupou a área de lazer da cidade, a Lagoa Parque Senhor dos Passos, onde os mais esportivos costumam praticar pequenas caminhadas ou corridas em voltas na lagoa. Em uma área plana e gramada se montou os stands para a exposição do salão onde podia se comprar produtos agroecológicos, artesanato e roupas de ponta de estoque da Coopnatural. Havia também stands para distribuição de informação sobre assuntos como programas universitários da UFPB e de produção de Biodiesel pela EMBRAPA, e uma pequena exposição de animais de criação selecionados. As experiências agroecológicas estavam representadas por maquetes, como a que mostrava como colher

água da chuva a partir de uma calha no telhado.

A festa foi aberta na sexta feira a noite e durante o dia, no sábado, foram oferecidos minicursos divididos entre a parte da manhã e da tarde, e oferecidos gratuitamente nas salas de aula do Colégio Estadual José Bronzeado Sobrinho. Eu havia sido convidada para falar sobre “Moda Sustentável” e deixei claro que falaria de processos criativos com uma aplicação prática, deixando conceitos de sustentabilidade para uma outra oportunidade, e o pequeno laboratório com cerca de 20 meninas resultou em colagens que expusemos depois não stand da Arribaça. Maysa e a então estilista da Coopnatural falaram sobre o mercado de algodão orgânico e artesanato com algodão colorido, respectivamente, e uma pessoa da secretaria de Comunicação veio falar sobre redes sociais e webdesign. Mas uma das grandes atrações da festa estava marcada para aquela noite de sábado com um desfile de modas no palco principal montado com a passarela especial para apresentação de modelos profissionais de João Pessoa e também de alguns jovens filhos de agricultores como Susana. Os modelos vestiram peças do algodão naturalmente colorido da Coopnatural e algumas poucas da Tudo Bom e a produção contou com maquiadores e estilistas profissionais, toda feita com o maior cuidado e lotou o gramado da Lagoa Parque. As meninas da Fanfarra Remigense gritavam cada vez que um modelo masculino desfilava na passarela, misturadas aos mais alcolizados que costumam aparecer em grandes eventos públicos. As alunas do minicurso, a diretora da escola, a senhorinha da lan-house, o pessoal da pousada montes Carlos, todos passaram pela Lagoa durante a festa que, conforme os alto falantes anunciavam, era transmitida de Remígio para o mundo por uma rede de internet sem fio, com sinal aberto para todos e que alcançava até o meu quarto na pousada, vizinha a lagoa. No stand da Arribaça, três computadores também podiam ser usados pela população e eram disputados pelas crianças para jogos online e de onde o jornalista contratado para cobrir o evento atualizava o blog com as notícias da festa.

O domingo foi quando o que me pareceu a principal função política da festa, reforçar o nome de Melchior e preparar os moradores para uma eventual candidatura a prefeitura, ainda negada por ele, ficou mais evidente. O dia começou com um “Rebuliço na Feira”, espaço típico de socialização de políticos com eleitores. Acompanhado de Melchior, Marenilson, Jerimum e Xique-Xique, e mais um monte de gente, Baixinho do Pandeiro, “ilustre cidadão Remigense”, embora tenha saído em direção a Campina Grande e São Paulo

ainda criança, fez a alegria do cotidiano da feira anunciando a programação da noite onde iria se apresentar acompanhado de uma banda da região, “Balaê Music”, e antes do número de Forró Pé de Serra, “Os Três do Nordeste”. O dia foi todo de homenagem a produção cultural local, e foi bastante bonito. No fim da tarde, no pequeno palco lateral, as margens da lagoa se apresentaram os violeiros e repentistas, com suas improvisações no violão e pandeiro, o humor picante arrancando gargalhadas nervosas dos mais idosos que se juntaram a mim, Amália, as 6 irmãs, dois sobrinhos e uma cunhada, que vieram especialmente passar o fim de semana da festa com ela, ocupávamos as cadeiras de plástico sob a tenda. Mas aos poucos o número de idosos foi crescendo e ao final todas nós deixamos nossos assentos. Jovens também se aproximaram e assistiam a apresentação em cima de suas motos formando um círculo em volta da tenda, no final, já noite, os violeiros tinham conquistado uma boa parte da cidade.

Depois de uma pausa, segundo me informaram devido ao horário da missa, a festa recomeçou no palco principal com um momento de emoção ao se homenagear outro cidadão Remigense, o poeta Severino Cavalcanti de Albuquerque, que cedeu seu nome a primeira edição do concurso de cordel sobre o algodão agroecológico e naturalmente colorido da Paraíba, cuja premiação foi feita nesta mesma noite. O homenageado apesar da idade avançada compareceu ao evento e leu um dos seus poemas falando de Remígio e as falas que o sucederam referiam-se a história e personalidades da política local. A platéia era pequena mas bastante atenta e se diferenciava do que parecia uma audiência mais popular nas noites anteriores, eu diria que representantes da “alta sociedade Remigense” estavam presentes, prestigiando um programação cultural mais “clássica” em comparação com o forró eletrônico da primeira noite. Os organizadores do evento, mais relaxados, aproveitaram a festa que se transformou em um grande baile, as meninas enfileiradas, como nos velhos tempos das minhas festas de adolescente, eram convidadas por rapazes para dançar. A cachaça animava os dançarinos, e os artistas satisfeitos com a audiência elogiavam e agradeciam a Melchior pela organização da festa reforçando a cada intervenção a importância de Melchior no processo de desenvolvimento da cidade. No dia seguinte ainda passei na sede da Arribaçã mas esta estava vazia e eu voltei para Natal encerrando meu trabalho de campo.

3. A argumentação sobre a necessidade de se produzir *sem veneno* no assentamento Queimadas.

A complexidade dos processos sociais descritos nos capítulos anteriores no que diz respeito a heterogeneidade dos agentes envolvidos nas relações resultantes da participação na Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, me remete à afirmação de Maria José Carneiro sobre intensificação de processos de formação de “ruralidades no Brasil contemporâneo” que a autora vê como resultado do estreitamento da distância entre o rural e o urbano⁸⁶.

“As novas experiências engendradas por esse processo nutrem-se de uma diversidade social e cultural que, por sua vez, alimenta as trocas enriquecendo os bens (culturais e simbólicos) e ampliando a rede de relações sociais. Portanto, a heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, é também responsável pelo enriquecimento do tecido social, sem que isso resulte, necessariamente, em uma descaracterização das identidades culturais territorializadas. Ao contrário, a diversidade pode atuar no sentido de consolidar essas identidades ao possibilitar uma consciência de si na relação com o outro” (CARNEIRO, 2005:10)

Para os produtores do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas as trocas que vão resultar do alinhamento dos agentes sociais em torno da produção e comercialização desta mercadoria são enriquecidas pela tentativa de alcançar um equilíbrio produtivo entre formas de vida tradicionais, preservadas pelas famílias de agricultores, e as técnicas de comercialização dos “modernos” mercados internacionais. Neste processo, os agricultores estão constantemente expostos ao discurso ambientalista através da interação com os técnicos da Arribaça e da AS-PTA, e, com um atraso histórico de acesso a energia elétrica, o que só acontece depois que esses atores são assentados e suas casa construídas, a informação obtida na enorme quantidade de programas de televisão que hoje são veiculados e que abordam as questões, em última análise, do “fim da vida no planeta”. Nos diálogos informais e observação resultante de uma convivência cotidiana e longas conversas gravadas onde meus interlocutores discorrem sobre suas experiências pessoais, pude observar aspectos de como esta influência vai se manifestar na construção local da visão de mundo e mais

⁸⁶ Em introdução para o livro organizado por Roberto José Moreira, “Identidades Sociais : Ruralidades no Brasil Contemporâneo,(2005)

especificamente na “conscientização” da necessidade de se praticar uma agricultura sem veneno. Neste sentido, as vantagens econômicas para os agricultores assentados, recentemente saídos de uma situação de marginalidade à economia formal, não é a única justificativa apontada por eles para adotar, com limitações, as práticas agroecológicas idealizadas pela rede. Para efeito de análise vou dividir estas justificativas em três categorias que representam a visão dos agricultores sobre a necessidade de se produzir *sem veneno*.

3.1. É *sem veneno* porque “meu pai” plantava assim.

“*_Eu era menino, e já o meu pai dizia: _Vai dar um bicudo no roçado.*” (Seu Careca)

“*_E o senhor começou a trabalhar com o que aqui? Qual a **plantação**? _Milho, feijão, o algodão eu sempre plantei, mas no tempo de Severino. Nós paremos de planta o algodão que Antônio Diniz, ele não queria por causa do gado, porque o algodão demora, aí ele soltava o gado logo, ele não queria planta algodão, mas faz muito tempo que eu planto o algodão, desde o meu pai, meu bisavô já plantava, meu avô morava na terra do finado Padinho, todo ano botava um campo de algodão, todo ano ele fazia questão.*” (Seu Peixoto)

“***_Me explica como é isso de semente da paixão.** _Eu continuo até hoje plantado uma semente que já era meus avô que plantava, meu pai plantava, já falecido, e eu continuo plantando essas mesma semente. Pronto, quando a pessoa chega na casa de um agricultor, é muito difícil o agricultor ter uma semente dessa aqui, que eu tô dizendo é o Faveta Branco, é difícil, mas eu digo, que isso aqui era meu pai que plantava. **_O senhor vai selecionando, seu pai já selecionava, e o que colhe guarda um pouco?** _É, guardo uma parte para o consumo, vendo outra, mas todo ano seleciono prá plantar no ano seguinte, aí eu planto aqui as variedades, esse Faveta Branco, o Carioquinha de Rama, porque, ele é um feijão que é mais produtivo, e também planto Mulatinho de Cacho, que era um feijão que meu pai plantava há muitos anos atrás, que muitos agricultor também deixou de cultivar ele hoje, porque é difícil de um agricultor de ter esse*”

feijão. ***“Mas é porque não tem a semente ou é mais difícil de plantar?”*** Não, ele é um feijão melhor, agora é porque eles perderam, muitos agricultor perderam a variedade dele, aí é difícil de encontrar, agora, quando eu colho, eu sempre a gente tem trocado muito, eu mais meus vizinho, tenho trocado, as vezes tenho doado também, e também tenho vendido. *As vezes tem agricultor que já conhece, eu queria arranjar uma semente de feijão Mulatinho de Cacho, eu digo: eu tenho, aí já tenho vendido.* ***“Aí vende na feira.”*** *“É, guardo o de comer o de plantar, sobra um pouco eu vendo.”* ***“E o algodão, o Senhor começou a plantar aqui?”*** *“Aí o algodão orgânico eu comecei a planta, foi 2003, **“Em 2003, vendendo na rua?”*** *“Antes eu plantava e vendia na feira, livre, lá em Arara, aí depois que o pessoal da Arribaça começou marcar reunião sobre o algodão orgânico, aí eu participei da reunião, entendi como é que é, passei a plantar.”* ***“E planta o branco ou o colorido?”*** *“Eu planto algodão branco, o colorido produz bem aqui nessa na região mas é como se diz a história, eu gosto de cultivar as planta desde quando eu era criança, que meu pai já plantava algodão branco, aí eu até hoje continuo plantando algodão branco, não quero mudar, sabe? (Seu Paulo)*

“Esses 10 anos que vocês ficaram aqui, que plantou algodão pela primeira vez, usava veneno naquela época?” *“Não, naquela época não existia veneno, ninguém ouvia falar em veneno, naquela época. Foi o caso que depois eu comecei a pensar, como era que naquela época, quando nasci até ficar grande, quando fiquei adulto, mode dizer, via meu pai, meu avô, nunca saíram da agricultura, nunca viram o que foi veneno. E por que o povo mudaram ao ponto de só trabalhar se fosse com veneno? E uma coisa que eu tenho explicado pra muita gente, as vezes os meninos gostam de vir praqui, as turma da universidade, os professores de Areia, eles gosta muito de vir praqui porque diz que eu dou umas explicação pros alunos, ajunta o rebanho prá dentro do roçado, e eu boto pra conversar e faço uma coisa que eles fica: *“vocês estão pensando que hoje vocês estuda, trabalha vendo, movimentando com pesquisas de inseto, muitas praga, né, vocês acha que praga só existe hoje? Não, toda vida houve. As praga que tem hoje, eu só não garanto o Bicudo, porque o Bicudo podia naquele tempo, ele já existir, mas ninguém conhecia. Quem sabe se naquele tempo, há 50 ou 60**

*anos atrás, quem sabe se o Bicudo não já existia, mas ninguém conhecia ele, e ele podia, naquele tempo, existir e atacar outro tipo de cultura. Ai eu canso de dizer aos menino, é, eu digo: olhe, há 60 anos atrás existia as mesmas praga que tem hoje. Olha existia, prá o algodão a rosada, que hoje é uma grande praga. Há 60 anos atrás, era mais que atacava o algodão era a rosada, aquele que hoje eles chamam “o manchador”, há 60 anos atrás, existia ele no algodão, toda aquelas praga existia; aquela joaninha, que é quem combate muito as praga, era o mais que existia, que tudo aquilo eu conhecia, desde menino, dentro da agricultura, eu conhecia . Quer dizer que pode acontecer hoje, através do estudo, existir um professor que até dê uma explicação que aquilo não existia, vem há uns pouco de ano, tantos ano prá cá, começou, quando não, há sessenta anos, já existia. **_Claro, vocês já lutavam aí pra evitar.** _Já, já, agora a gente não, não existia veneno, ninguém conhecia veneno, a gente tinha os combate natural mesmo. (Seu Zé Sinésio)*

A solidariedade familiar continua sendo uma das forças que organizam o cotidiano de agricultores no assentamento Queimadas, geralmente comandado por um chefe de família, sendo que em sua ausência, a mulher pode vir a assumir o comando. Desta forma a autoridade dos pais não costuma ser contestada, a não ser em casos extremos como relacionamentos fora do casamento, e o respeito dedicado aos que, apesar da adversidade, criaram numerosos filhos com saúde, embora nem sempre com a educação que hoje já se pode almejar nestas regiões, mas com condições de sobrevivência para criar seu próprio núcleo familiar, é constantemente refletido nas narrativas que fazem sobre as formas de vida que levam, ou levaram no passado. Entre a herança cultural que prestigiam até hoje, encontram-se as técnicas que utilizam para trabalhar, práticas que se formaram a partir da ocupação do território do semiárido paraibano por nativos, colonizadores europeus e escravos africanos, e baseadas nas relações ecológicas locais onde se observam o respeito às condições climáticas, que embora cíclicas não seguem um calendário de datas marcadas, em sim as condições específicas da chegada do inverno, que varia a cada ano, e quanta chuva este inverno irá trazer.

Uma das questões associadas ao ambientalismo e que mais preocupam os governos hoje, está relacionada a miséria e a fome que os meios de produção capitalistas são responsabilizados por criar. No Brasil, embora considerada ainda muito deficitária, a reforma

agrária colocou no âmbito das relações institucionais de agentes voltados para o desenvolvimento rural uma classe de trabalhadores que esteve alijada das conquistas técnicas do século XX mantendo sua forma de trabalho tradicional. Este intercâmbio proporcionou uma troca de conhecimentos que, em algumas situações, como no caso em questão neste trabalho, podem privilegiar o conhecimento tradicional em detrimento do adquirido nas salas de aula. Além de incentivar filhos de agricultores a buscar o ensino técnico formal, não para introduzir novas técnicas de plantar mas sim para aumentar sua produtividade aperfeiçoando sistematicamente as técnicas tradicionais. Quando comecei a minha pesquisa em 2008, Alexandre, filho de Seu Zé Sinésio tinha voltado a estudar e cursava o primeiro ano do ensino médio. Assim como outros jovens do assentamento, Alexandre parou de estudar ao completar o ensino fundamental e se concentrou no trabalho com o pai. Em 2011, casado e pai do primeiro filho, impulsionado pela perspectiva de crescimento pessoal e econômico gerado pela participação na rede, e com o incentivo dos técnicos da Arribaça e da EMBRAPA com quem se relaciona proximamente, entrou para escola técnica agrícola em Areia.

"_E como começa o trabalho no roçado? _Fim de fevereiro prá março, começa primeiro cortando a terra com boi, ou com boi ou trator, depende né, aí você corta a terra prá deixar ela preparada, prá depois você riscá, ela corta todinho o mato, corta o lerão, chega fica pretinha mesmo a terra, aí o boi pega e faz o lerãozinho de você já plantar já, que é o riscá, um lerãozinho um montinho de terra, aí vai prantando. _Cavando as covas? _Agora o algodão, esse ano a gente plantou, quando é o algodão não precisa cavar cova não, que o boi quando já tá fazendo o lerão, aí você é ir só com pé, puxando a terra, um buraquinho colocando o algodão e cobrindo, você já tem um jeitinho de puxar a terra já coloca o algodão dentro e cobre. (Vânia)

"Certo como chuva em janeiro" é a chegada das primeiras chuvas na região, o primeiro inverno é aguardado com apreensão se ainda houver algodão nos campos para *apanhar*; já que a chuva traz impurezas para a pluma diminuindo a sua qualidade. Fora isso as primeiras chuvas vão dar início a programação de mais um ciclo produtivo no assentamento. Depois de um longo período de seca as primeiras chuvas costumam ser fracas e não chegam a acumular grandes quantidades de água nos reservatórios como os açudes ou *barreiros* da região. Ainda assim elas cumprem seu papel ao umedecer o solo que aos pouco vai

amolecendo para ser trabalhado pelos arados e enxadas. Essas primeiras chuvas servem também para lavar as calhas dos telhados que abastecem de água as cisternas dos moradores. Com o aumento da intensidade das chuvas, a água que escorre pelas telhas de cerâmica é canalizada para tubos de PVC conectados às cisterna, e vai abastecer o consumo de água da família durante o ano.

A grande maioria dos moradores não possuem uma bomba que retire a água das cisternas e o abastecimento é feito mergulhando o balde amarrado a uma corda. Na casa de Vânia e Alexandre, onde me hospedei quando estou no assentamento, eles construíram um banheiro dentro de casa, com vaso sanitário, pia e chuveiro ligados a duas caixas de água instaladas no vão do telhado. Para abastecê-las ajuda ter uma fila de pelo menos três pessoas o primeiro pegando a água na cisterna, o segundo que vai levar o balde até o terceiro, que se encontra no alto de uma escada de onde alcança a caixa d'água. Com toda essa preparação o banho de chuveiro é um luxo e eu tomava o maior cuidado para ligar a água o mínimo necessário. Para outras atividades, mesmo o uso do vaso sanitário, compensa mais buscar água na cisterna, e foi grande o sentimento de independência quando consegui içar pela primeira vez um balde cheio de água. Em 2011 o casal ganhou da prefeitura uma terceira cisterna, que não capta água de calhas de telhado mas sim de um terraço de cimento construído em frente a casa, com uma pequena inclinação que faz com que a água da chuva escoe diretamente na cisterna subterrânea. Esta cisterna tem capacidade de captar uma maior quantidade de água da chuva em menor tempo e por questões de higiene, já que animais e pessoas circulam pelo terraço, a água deve ser usada somente para irrigação. Mas com Alexandre trabalhando e estudando boa parte do tempo, e Vânia com menino ainda pequeno, a agricultura no lote está restrita aos tradicionais, feijão, milho e algodão, e os planos de botar um horta irrigada ainda não haviam se concretizado a última vez que estive no assentamento.

Além das cisternas, barreiros também são usados para armazenar água para consumo dos animais e até a criação de peixes. O pai de Vânia, morador do assentamento desde de 2006, criou seus 9 filhos com Dona Zete trabalhando em *roçados de meia* no inverno e no verão seguindo para o sertão onde trabalhava empregado na construção de *barreiros*. Com o direito adquirido ao lote, Seu Pequeno pode usar o conhecimento acumulado em benefício próprio. Em janeiro de 2009, eu o vi, com ajuda de dois burros, um filho, e picaretas, quebrando a terra seca e pedregosa, ao mesmo tempo cavando e construindo as

paredes que sustentam o que era um pequenino barreiro. Todo ano no verão ele aumentava mais um pouquinho. Com o progresso pessoal, em 2011 Seu Pequeno contou com um trator e um caminhão alugados por hora em Campina Grande e que passaram dias trabalhando na ampliação do barreiro, que já se confunde com um açude⁸⁷. Seu Pequeno construiu ainda, em outra área do lote, um barreiro subterrâneo revestido com uma lona impermeabilizada, um sistema de captar água para este reservatório que mantém a umidade das terras por baixo. O resultado é que Seu Pequeno é o único agricultor no assentamento que conheço que tem uma produção de verduras, alface, cebolinha, tomate, além de uma variedade de árvores frutíferas.

Além de lavar as calhas do telhado, *as primeiras chuvas* começam a amolecer a terra dura para ser trabalhada, ainda é cedo para pegar na enxada, mas com o fim do trabalho de reforma e construção a que se dedicam na época seca, o trabalho dos agricultores se volta para treinar os animais que poderão ser usados no arado. A partir do fim de fevereiro começa a expectativa que cheguem as chuvas que marcam o início do período de trabalho no roçado, e todas as energias se concentram em preparar a terra para plantar. A chuva deve ser suficiente para amolecer a terra sem alagar, já que o solo raso pode perder os escassos nutrientes com o escoamento da água da chuva. Depois de selecionada a área que vai ser limpa para se *botar o roçado*, o arado do boi começa a derrubar o mato que cresceu na terra descansada, depois de um rodízio, ou restos de plantas que foram cultivadas na última safra. Este material vai se misturando ao solo enriquecendo-o com nutrientes que serão aproveitados pelas novas plantas. Segundo Dona Nitinha, este é o melhor *estrumo* para a terra, se por um lado o uso do arado e principalmente do trator contribuem para potencializar o trabalho no roçado, as terras eram mas ricas quando se cortava a terra com a enxada.

“_O feijão geralmente o Sr. planta quantos hectares? _O feijão eu planto 2 ha, 3 ha, esse ano passado mesmo eu plantei uma faixa de 3ha de feijão. _E conseguiu salvar? _Tá perdido. Salvei um bocado aí mas tudo ruim, tudo podre, feijão esse ano passado foi muito complicado a safra dele, os primeiro que a gente plantemo foi complicado demais, quando foi tempo de colher, chueu demais, ... era prá ter dado boa, mas deixa que, tem um saco de feijão que eu arranquei ali, do outro lado ali, teve uma parte que passou oito dia lá no mato, sem eu poder trazer prá casa, aí quando eu trouxe prá casa o bichinho tava todo

⁸⁷ Prancha nº 28. Página nº 173

*grelando, era feijão grelado a vontade, não deu nem semente boa. **_E aí como faz?** _Eu vou comprar esse ano, porque o que eu tenho aí não dá prá plantar não, um monte de feijão feijão grelado por dentro, podre. **_E faz projeto pra comprar semente ou tem que tirar do bolso?** _Não, tem que tirar do bolso mesmo, mas esse ano eu vou plantar feijão bem pouquinho, não vou plantar muito não. **_O que deu melhor ano passado?** _O mio é melhor, porque o mio não dá trabaio, mio vc pranta, passa o boi dentro duas vez, nem precisa fica ajeitando o pé dele com enxada, com nada, e ele dá graças a deus sossegado, você pranto o mio, só vai ter trabalho com ele de outubro prá novembro, quando vai quebrar, aí quebrou pronto, quebrou o cabra faz uma ruma, não tem esse negócio de tá espaiando, bate dentro do roçado mesmo, querendo bater, é bom demais o mio, não tem trabaio não, mas o feijão não, o feijão é um trabaio medonho, que se o cabra deixa secar demais no roçado, perde, se arrancar verde demais, se chega uma época de chover muito, perde, sem futuro o feijão, e não tem preço né, os preços é desmantelado demais agora, ce vê, numa fase que a gente tamo hoje, um saco era prá tá pelo meno uns cem conto, né, tá oitenta conto, sessenta, cinquenta, só essa... do sul mesmo que é cem real, cem, noventa, cem é aquele bem limpinho mesmo, mas sendo meio variado é noventa, (Seu Zé Amaral)*

"O algodão aqui na região é uma cultura muito boa, porque somos agricultor, aí nesse período assim de maio até setembro estamos colhendo feijão, de outubro a novembro, colhendo o milho, aí o algodão chega numa época muito boa, numa época de dezembro a janeiro, aí já colheu o milho, o feijão, chega o algodão, o agricultor sempre tá tendo renda, o ano inteiro, tem muito resultado plantar algodão orgânico aqui na região" (Seu Paulo)

"É que o algodão é coisa que se trabalha no fim do ano, você não tá fazendo nada né, é que o povo diz que dá trabalho, mas não dá não, só dá no começo porque tem que limpa, aí tem a lagarta, tem o bicudo, mas você plantando na seca, e eu plantei uma parte aqui que deu uns 200 quilos, que eu só fiz planta e nem limpa eu limpei. (Seu Peixoto)

O milho e o feijão são os dois produtos mais populares na região, ambos servem à alimentação familiar como a dos animais. O feijão colhido é selecionado para servir de

semente no próximo ano, e a maior parte reservada para o consumo durante o ano. Se houver previsão de excedente, este pode ser comercializado na feira como produto convencional, já que esses agricultores não fazem parte de nenhuma rede de comercialização de produtos comestíveis *sem veneno*. Já o milho pode ser colhido verde ou seco, no assentamento, eles dão preferência a negociar o milho já seco, *batido* e ensacado, depois de reservada a cota para semente e para consumo dos animais. Para o consumo diário da família, eles hoje dão preferência aos flocos de milho industrializados usados para preparar diariamente o cus-cus, consumido com leite no café da manhã ou com temperos no almoço ou jantar. O milho verde, que não é negociado, também é consumido pela família durante as festas dos meses de São João e Santana, junho e julho, quando preparam a tradicional pamonha, uma pasta de milho enrolada na palha ainda verde. A relação da produção de milho e feijão e, novamente, a do algodão com a quantidade de terras disponíveis e a quantidade de familiares disponíveis para trabalhar no roçado vai determinar a maior parte da utilização do lote, e as experiências e preferências de cada família determinar que outras atividades irão fazer parte do ciclo produtivo daquela família. Tradicionalmente a relação do produtor com o negociante para quem vendia os seus produtos influenciavam as decisões na hora de planejar a safra, hoje agricultores como Seu Careca dizem estar atentos pela televisão a variação da produção no sudeste para avaliar o que vai faltar, apostando no que acredita terá melhor preço na época da colheita.

“_A mulhé vinha com a semente, os home cavava a terra, então produzia muito, mas era muito difícil, porque prá fazer quatro cinco cinquenta de roçado, olha, era aqueles batalhão, dez doze homem cavando terra, tudo a braço como se chamava, aí com a continuação do tempo, com mais de vinte anos dessa luta, aí surgiu os cultivador, aí começou a trabalhar cortando terra com boi, aí os bois, como é ainda hoje faz, cortava a terra e depois muito cavava. Agora os meninos tão fazendo com trator, fica mais fácil. Ficou melhor para a mulher também que tem aquela maquininha que chama plantadeira”(Dona Alice)

“_E você era criança ainda, você começou a trabalhar com quantos anos? _Com sete anos trabalhava, a gente começou primeiro aprendendo a xaxá, a limpar com a enxada, aí depois aprendia a plantar de matraca, e a gente plantava também de mão prá plantar a fava, o milho, a gente plantava

*manualmente mesmo, porque naquela época a gente não usava a matraca ainda prá plantar a fava, o milho não, a gente cavava, com a enxada as covinha, aí como era muito menino né, um ia cavando outro já ia plantando. **_E eram só as mulheres que plantavam, não?** _Não, na época da minha mãe era né, as mulhe quem plantava, os home cavava o lerão, que não tinha boi aquele tempo, não usava, aí as mulhe plantava, de dedo, agora não, agora a gente já usa a matraca, aí tanto planta homem como mulher. (Vânia)*

Depois de tomadas as decisões, preparados os campos, a próxima etapa é semear a terra. Se as mulheres do *sítio* tradicionalmente estão envolvidas em tarefas do âmbito doméstico, cuidar dos filhos, alimentar a família e os pequenos animais, como mães elas estão associadas a noção de fertilidade e eram chamadas para fazer o serviço de semear. Acompanhando o sentido dos *lerões*, carregando uma cuia, com os dedos elas iam abrindo as *covas*, pequenas cavidades na terra fofa, e depositando as sementes, em seguida cobrindo as *covas* com um movimento dos pés. Aos poucos este ritual foi sendo substituído por uma pequena máquina, a matraca, de funcionamento mecânico, a ferramenta mede a profundidade da cova e deposita um número certo de sementes com movimentos simples, e muitas vezes é usada também por crianças de ambos os sexos.

As crianças antigamente deixavam de estudar muito cedo por dificuldades de acesso as escolas e se dedicavam somente ao trabalho na agricultura e criação de animais, hoje a lei proíbe menores de 14 anos a trabalhar, mesmo como “aprendiz” dos pais, em propriedade da família, e a presença das crianças e adolescentes na escola é condição para receber benefícios do governo. Mas quem cresceu trabalhando na agricultura vê com desconfiança a medida do governo já que, trabalhando no *roçado* os pais estão dando aos filhos a educação que receberam dos seus próprios pais reforçando o valor do conhecimento tradicional e a organização do cotidiano em torno do trabalho. Para eles não trabalhar significa estar longe do pai, sobre outras influências, deixando uma lacuna na preparação para a vida.

"_O Sr comercializa pela Arribaçã, junto com todo mundo, certificado? _É, a gente não usa veneno não, porque se for usa veneno num dá bicho, e eu nunca usei veneno, mas nunca usei, que eu tinha essa casa ali, vai

fazer onze ano, por aí assim, que eu morava nessa casa aqui, que eu derrubei deixei só umas bandeira prá secar feijão, eu morava aí, aí teve uma época meio junto a um período de seca foi pegando nesse período, aí eu fiz dez saca de feijão, quando eu vim colher o mio, assim pegando no meio de setembro, aí o mio com feijão, aí eu fui bati fiz um empilhadinho de saca ali na casa, quando veio de novo, veio um formigueiro de lá, uma formiga, trabalhando, quando eu digo é só aquele negócio, tico, tico dentro de casa eu digo é nos saca, aí eu levantei, eu pensei até que era rato, quando eu cheguei lá formiga tinha estorado feijão com mio, com tudo. E esse ano nessa outra casa aí, encostadinha aí nesse serviço, aí a gente combatendo, a formiga eu combatia sem usar nada, sabe, num butemo nada ali, eu butei uns feixo de maniçoba ela chegou a cortar, mas ela não queria a maniçoba, só queria feijão, ou senão mio, mas ela não, tinha uma fava, ela não quis fava, aí eu peguei, o menino pegou de noite butou uns cinco quilo de mio aí nessa outra porta aí encostada, e as formiga num continuo vindo prá dentro de casa, num quis, aí eu digo, vai um feijão ali que sobrou, aí eu fui, coloquei lá na frente do caminho, aí essa noite ela num veio mais, aí pronto, ela tava vindo corta o mio, esse mi na paia, num tava mexendo com o feijão mais não, ai barrou, mas agora mesmo aí, com essas chuvadona nois barra porque tem uma fase que ela trabaia, a formiga ela vai jogando assim, ela trabaia três mês, uns dois mês ela fica parada também.” (Antonio de Marino)

“_O algodão eu plantei aí uma base de 3 hectares, mas na mesma hora eu deixo por duas né, porque uma faz de conta que a formiga comeu, aí fica duas hectares né, ai eu colhi em rama deu 1308, quer dizer não é muito bom mas vai dá pro gasto.” (Zé Amaral)

“(Seu Nivaldo):_ ... e o pior que a formiga chegou na terra primeiro que nós e a formiga não corta para comer, que ela não come, que a formiga vive do aroma, vê que ela trabalha num período, estiou, ela pode estar trabalhando naqueles buracos, mas a casa dela tá cheia, que elas são mais trabalhadeiras que nós, (irmão): _tem um provérbio que diz assim, vai ter com as formigas, preguiçoso. (Seu Chico): _Então Baixinho, um formigueiro, entre minha terra e a dele, ... plantei perto da minha cerca plantei maniçoba, tiro uns galhos boto lá e

pronto já parou, aí vai prá lá, as vezes é um galho de Nin, boto lá acabou-se. Agora a dele tá comendo com força.” (Conversa gravada na agrovila Lagoa de Jogo)

“_Eu peguei botar veneno no tempo de Antônio Diniz, que eu ia buta nas furmiga dele, mas no meu roçado, não. E ele cumia... o fazendeiro, eu plantava, ele pegava as batata. Isso era uma coisa linda, eu até, quando a gente planta numa broca, as batata é uma coisa assim...eleva. _O Careca, por que é que essas batata é tão bonita? _Porque eu não boto veneno. O senhor tem o costume de mandar matar furmigueiro, mas no canto do meu roçado eu num boto não... _E não bota? _Não. _E aí? _Aquela furmiga quando vem assim eu mato; a furmiga contém um cheiro que ela deixa já na onda, que a furmiga ninguém acaba não. Ela não é o ecossistema também?” (Seu Careca)

Uma vez semeada a terra é hora de *pastorar* o roçado, além dos riscos naturais devido a variações climáticas, contra o que não há muito a fazer com as tecnologias empregadas na região além de observar as manifestações naturais, as lavouras são altamente suscetíveis a ataques de insetos, formigas em toda parte e o Bicudo e a Lagarta Rosada no algodão. Na época de Severino Carmo não se falava ainda em Bicudo, que atacou as lavouras de algodão na década de 1980 praticamente inviabilizando esta prática sem o uso extensivo de *veneno*, porém a luta contra formigas e a lagarta era constante, além disso, o mato que nasce naturalmente na terra cultivável suga o pouco de nutrientes que o solo do semiárido tem a oferecer, prejudicando o desenvolvimento das culturas. Para manter o mato longe do *roçado*, dependendo da cultura, é necessário duas ou três *limpas* antes da *apanha*, tarefa relativamente simples que pode ser feita a mão por crianças que arrancam o mato em volta da planta de algodão ou feijão, fazendo desta a primeira tarefa executada pelos filhos no roçado. Os campos podem ser cultivados consorciados, quando as fileiras são intercaladas por culturas diferentes, ou solteiros quando só há uma cultura, de toda forma são planejados para que colheita seja feita em etapas, permitindo que a mão de obra familiar seja suficiente para o serviço. Poucos agricultores como Seu Antônio de Marino preferem plantar tudo de uma vez e contratar trabalhadores para ajudar na colheita. Ele também aparenta ser o que acumula um maior capital econômico, dono de um carro Fiat Uno e um trator para trabalhar a terra.

Entre os conhecimentos herdados dos mais antigos estão técnicas para combater

as pragas com o que se tem disponível entre os recursos naturais da própria região. A presença de insetos é inevitável e muitas vezes fundamental para um equilíbrio sem agentes químicos. Seu Zé Sinésio conta que em uma das primeiras visitas de um técnico da EMBRAPA ao campo que cultivou para a reprodução de sementes do algodão colorido *sem veneno*, o "veredicto" foi de que não seria necessário usar o combatente químico, a presença de joaninhas garantia que o bicudo não iria proliferar no campo pois este pequeno inseto se alimenta da larva do bicudo que é depositada no casulo do algodão, interrompendo o processo reprodutivo da praga. Se usassem o veneno para matar o bicudo, acabariam com as joaninhas e as larvas poderiam se desenvolver sem serem atingidas pelo veneno. Na minha primeira visita a um *roçado* no assentamento, Seu Zé Sinésio veio me mostrar orgulhoso uma pequena joaninha numa planta de algodão, segundo ele a maior garantia de que aquele campo era cultivado *sem veneno*.

Mas se para proteger o algodão do bicudo bastou criar um ambiente hostil e deixá-lo debaixo do sol forte do agreste, no caso das formigas cortadeiras, que atacam todas as lavouras, impedindo seu crescimento, ou depois atacando os estoques reservados de grãos, as técnicas empregadas são mais diversificadas e demandam maior atenção. Duas frentes são atacadas no combate as formigas, na primeira tenta-se exterminar os formigueiros, ou então, tenta-se manter as formigas longe das plantas do roçado. Dona Bernadete conta que as vacas fogem apavoradas de seu Zé Sinésio que vive atrás delas para coletar a urina que usa para derramar sobre os formigueiros na tentativa de exterminá-los, outros utilizam as fezes dos animais, muitas vezes com sucesso. A tarefa de exterminar os formigueiros não é fácil e manter as formigas longe do roçado é uma opção, podendo ser através de plantas que tenham efeito repelente ou, pelo contrário, que sejam atraentes para os insetos, assim afastando-os dos roçados de alimentos ou de algodão.

Para repelir os insetos as folhas de Nin⁸⁸, são consideradas eficientes pelos agricultores, e por isso podem ser espalhadas ao longo dos lerões. Uma das experiências fruto da cooperação entre agricultores e técnicos apontaram o coentro como uma boa cultura para se associar ao algodão, além de possuir qualidade repelente de insetos é amplamente usado na alimentação local e produção de sementes com boa aceitação no mercado local de feiras. Já

⁸⁸ O NIM, (*Azadirachta indica*) é uma planta originária da Índia, introduzida no Brasil em 1982 - <http://www.esplar.org.br/produtos/nim.htm>

para atrair as formigas cortadeiras, a maniçoba, ou mandioca brava, é uma técnica bastante difundida. Crescendo em áreas ao redor dos roçados ela pode atrair as formigas antes que cheguem ao roçado para se alimentar. O gergelim também aparece como uma boa cultura para ser plantada em consórcio com o algodão por ser, segundo Seu Zé Sinésio, *bem docinho*, e tem atraído uns poucos bicudos que ainda aparecem pelos campos. Eu que associava o gergelim a comida asiática fiquei encantada, na mesma primeira visita a um roçado de algodão vendo Seu Zé Sinésio bater um pé de gergelim e recolher aquele monte de sementes, imaginava que um gergelim orgânico produzido no semiárido brasileiro não teria dificuldades em encontrar um caminho mercantil, mas as conquistas comerciais, mesmo com a ajuda da Arribaça são lentas.

A ameaça dos insetos permanece depois que os grãos foram colhidos e se encontram armazenados, muitas vezes dentro de casa. Se o bicudo ataca o algodão nas lavouras, as formigas têm o agravante de interferirem na vida doméstica e requerem certos cuidados dentro de casa. Qualquer resíduo de comida atrai uma pequena legião de formigas de variados tamanhos. Uma noite, me encontrava hospedada na casa de Alexandre e Vânia, e quase fui atacada por uma enxurrada delas. Era janeiro e chegou um primeiro *inverno*, próximo ao litoral chuvas fortes interromperam o fornecimento de energia elétrica que chega ao assentamento por alguns dias. A noite, usando o celular como lanterna, peguei a bolsa com os meus produtos para higiene pessoal, um copo de água do jarro de cerâmica que fica ao lado da pia da cozinha, e fui escovar os dentes. Na volta deixei a bolsa em cima da cama, enquanto me sentei para uma última conversa com Alexandre e Vânia na sala. Imagino que deve ter ficado algum resto de comida, ou mesmo algum componente da pasta de dente na escova, eu sei que um tempo depois quando fui me deitar ainda no escuro percebi um formigamento, um ruído na cama, peguei o celular e pude ver aquela nuvem preta em volta da bolsa, por pouco não deitei em cima delas, tentei controlar o susto e eles vieram me ajudar. Foi só bater os lençóis e a deixar a bolsa do lado de fora da casa, da mesma forma que elas apareceram, desapareceram, e não tive maiores problemas para dormir. Uma outra vez, durante a noite ouvi um barulho constante que imaginei fosse uma chuvinha caindo, no dia seguinte encontrei Vânia revoltada ao perceber que as formigas tinham comido o plástico rendado da toalha de mesa, deixando enormes buracos.

Para apanhar o algodão reúne-se toda a mão de obra familiar disponível, e muitas

vezes um vizinho pode ser chamado a ajudar. O algodão colhido é depositado nos *seios*, grandes sacos de tecido que possuem uma alça que se usa pendurada no ombro, atravessada ao corpo. O grupo de “apanhadores” caminha entre as fileiras do *roçado* arrancando os capuchos de algodão e depositando no *seio*, quando este está completo o algodão é transferido para um outro saco, de maior tamanho, onde fica armazenado para ser pesado. A proximidade do lucro o clima é festivo e a tarefa realizada com bom humor, familiares e vizinhos estão em um momento de socialização. Os grandes sacos de algodão vão se acumulando nos alpendres expondo aos passantes os sucessos ou frustrações da safra. Ainda nos alpendres os sacos são pesados pelos técnicos da Arribaça que organizam a logística de transporte para a usina de beneficiamento, quando o algodão sem veneno encerra a passagem de sua vida social pelo assentamento Queimadas, e iniciando o longo processo de espera dos agricultores para receber pela venda realizada.

Encerra-se também aquele ciclo produtivo, iniciando um período de melhorias na casa e visitas. A época é propícia para casamentos, batizados e outras celebrações, quando parentes estão disponíveis para se ausentar dos próprios roçados, ou empregos em São Paulo, para comparecer as festividades que continuam até um novo ciclo de safra se iniciar. No assentamento, Alexandre vem nos últimos anos organizando nesta época do ano uma competição de *argolinha*. Aparentemente uma adaptação local das Cavalhadas⁸⁹ que tem tradição forte no estado de Goiás e origens na Europa em disputas religiosas da idade média, a *argolinha* é uma corrida de cavalos onde os competidores correm montados em linha reta, empunhando uma pequena lança de madeira, eu diria cerca de 25, 30 centímetros, para laçar as argolas penduradas no alto de uma trave de madeira. Toda a brincadeira está dividida entre os corredores de azul e de vermelho, a taxa de inscrição dá direito a uma corrida sendo que você pode se inscrever mais de uma vez. Para cada argola que o corredor laçar ele recebe uma faixa da mesma cor da Dama do seu grupo. Ao final o corredor que possuir um maior número

⁸⁹ As cavalhadas são representações teatrais com base na tradição européia da Idade Média, as mais importantes cavalhadas ocorrem na cidade de Pirenópolis, Goiás. No século VI, Carlos Magno, um guerreiro cristão, batalhou contra os sarracenos, de religião islâmica, pela defesa da região sul da França. A Batalha de Carlos Magno e os 12 pares da França é o grande centro das cavalhadas.

Instituídas pela rainha Isabel, de Portugal, motivada por novos conflitos religiosos, as cavalhadas representam a luta entre os cavaleiros vestidos de azul (cristãos) ou vermelho (mouros), armados de lanças e espadas. A nobreza é representada por reis, príncipes, embaixadores, etc., todos muito bem fantasiados com roupas de época. Os outros personagens mascarados representam o povo.

As encenações duram três dias, sendo que em cada um deles, há uma nova batalha. No final, os cristãos vencem os mouros, que se convertem ao cristianismo.

<http://www.brasilecola.com/folclore/cavalhadas.htm>

de faixas é o vencedor. Para Alexandre a *argolinha* é uma opção de lazer que substitui de alguma forma as vaquejadas e rodeios que viraram superproduções com taxas de inscrição caríssimas inviabilizando a participação de todos. Troféus e prêmios em dinheiro e pequenos animais doados pelos organizadores são distribuídos e a corrida tradicionalmente disputada na região, que estava praticamente esquecida, vem atraído os jovens do assentamento e regiões vizinhas⁹⁰.

“_E já plantava algodão? _Não, tinha gente que já plantava algodão né, cumpadre Peixoto que morava lá também, ele já plantava algodão, naquele tempo era muito pouca gente que plantava algodão, o negócio do algodão se plantar hoje, do jeito que tá, não tem futuro, prá plantar convencional não tem graça não, é barato demais, e o algodão dá muito trabalho né, se o cabra tiver muita gente prá trabalhar, tudo bem, mas se não tiver? Ai prá vender algodão de um real, 80 centavos não é perdido? Hoje melhorou mais por que tem essas compra direta assim né, tão comprando nesse preço melhor, dá pro cabra plantar. Só não tá muito essas coisa toda porque, do jeito que veio o primeiro ano, tivesse continuado, dando assistência direitinho, e vendo a compra cedo mesmo, pagamento... no primeiro era bom, mas agora atrasou demais, esses dois ano agora deu a peste, atrasou atrasando mesmo, que no ano passado a gente recebemo já no final de dezembro, foi já no finalzinho de dezembro pra entrada de janeiro, esse ano já tamo terminando janeiro ninguém sabe nem quando é que vai receber né. Tá lá pro lado de Juarez Távora, aqui ninguém sabe quando é que vai receber, aí fica meio complicado né. Muita gente que, plantar isso nada, planta prá receber com um monte de coisa que eu quero pagar, aí atrasa mais. Mas se eles continuar, ajeitasse e pagasse normal mesmo, ajeitasse pelo menos assim mode pagar no mês de dezembro né, final de dezembro todo mundo tá recebendo dinheiro do seu algodão, aí o povo ia plantar muito algodão por aí, mas do jeito que vem, vai desistir um bocado de gente de plantar algodão, assim mesmo, com o preço bonzinho que nem á, mas o povo desiste por causa do pagamento, que demora demais.” (Zé Amaral)

“_Mas agora o algodão demora um pouco mais prá entrar o

⁹⁰ Prancha nº 29. Página nº 174

***dinheiro.** (Chico) _É, tá demorando muito, mas é como diz o ditado, tem que ter paciência, mas agora tão com um dizer que vão liberar 50%, na hora que o algodão tiver todo plantinha, quem tiver 2000 quilos, vai soltar dinheiro aí prá mil, mas melhor esperar tudo, porque quando o povo vem entregar mil conto, já tô devendo três, então vou esperar logo ele todo junto, porque aí to te devendo 3 só posso te dar 2 né, aí eu tou com meu adiantado, (Irmão) _Alivia alguma coisa. (Seu Nivaldo) _Se eu vejo que eu não posso fazer esses contratos, eu não vou fazer, esse contrato, era prá gente já estar com o algodão todo plantado, mas eles passaram prá lá. Mas quem domina o mundo não é nós, tem muito que tem já algodão plantado e tem uma plantinha aqui assim, e tem muito que ainda tem a terra que ainda vai cortar para plantar, aí tá em riba desse contrato, só sai quando vende tudo. Só o negócio é que esse aqui, eu plantei primeiro, vai apanhar primeiro, mas só vende quando aquele último plantar, tudo prá ir descarregar de uma vez, por que se empresa fosse lá de Maysa, e nós hoje trabalha também com a Maysa, era prá planta algodão colorido, era prá campina, mas agora vai pros Estados Unidos, não sei prá onde não sei prá onde. (Chico) _Europa (Seu Nivaldo) _Aí só pode ir quando for tudo de uma vez, agora Maysa o algodão tá pronto, mande vir buscar que eu to precisando do dinheiro, pro estrangeiro não sei prá onde, o cabra não sabe nem onde é, ó.*

Um dos problemas que surgem na intercessão da produção tradicional com o mercado consumidor moderno está na diferença dos “tempos”. Todo o trabalho no *roçado* é guiado por um tempo “cíclico”⁹¹ e a manifestação de condições sazonais, mas os compromissos assumidos com o mercado tem datas pré estabelecidas por uma contagem do tempo “linear”, um calendário anual que distribui o ano em doze meses com datas determinadas inclusive para a mudança das estações, o que muitas vezes faz com que as lojas de roupas, por exemplo, tenham a disposição roupas de verão quando um inverno mais longo pede que as pessoas mantenham os casacos a mão. A indústria também funciona em sintonia com um calendário mensal, planejamento e prestação de contas, os produtos adquiridos são “faturados” e pagos no prazo de 30 dias corridos ou mesmo trinta dias após o termino do mês

⁹¹ GOODY, (2012:29)

corrente. Empresas de menor porte como a Coopnatural ainda podem tentar, como sugere Seu Nivaldo, lidar com a negociação de forma mais individualizada, mas na prática isto é inviável até porque o volume de negócios não deixa tanta margem para investimentos que consideram antecipados, já que na verdade o produto entregue pelo agricultor pode demorar mais de 30 dias para chegar a empresa que só então irá faturar o pagamento, no total demorando meses para chegar até as famílias.

3.2. É sem veneno porque veneno custa caro.

“_Botava veneno em tudo, feijão...? _Não, só no algodão. E muitos aguava o milho, Enrique aguava era tudo, mas a gente não podia comprar caro. Porque é caro né, aguar o roçado todinho. Tem que aguar num dia de sol, se aguar e chove em cima é perdido. Inda mais se aguar no correr do ano. A gente agoa quando é pequenininho, se não é perdido. Melhor ficar assim mesmo.”
(Dona Nitinha)

“_O primeiro que começou a planta algodão aqui foi eu, mas não era sem veneno, nois botava veneno. aí depois deram um algodão colorido pra gente planta, pela EMBRAPA, pela EMBRAPA não, pela EMBRAPA mesmo, chegou o algodão colorido prá planta eu disse rapaz, era monte de gente da muléstia, aí Ze Sinésio chegou, aí reunião depois ele disse: _Rapaz, se vocês vocês planta algodão sem veneno aqui, o preço é meio, e é meio prá vocês. _Mas tem o bicudo. Aí nos peguemo a plantá o algodão mais tarde, porque aqui, de primeiro nos plantava aqui era no mês de abril pra maio ” (Seu Peixoto)

“_...Você chegava assim num pé de algodão, joaninha novinha, que tinha reproduzido, o campo tava fervilhando. Ele disse: _Olha Zé, ninguém vai usar veneno, se colocar veneno essas joaninha que tão comendo alguma larva do Bicudo, elas se alimentam da larva do Bicudo, essas joaninhas vão-se embora todinhas. Aqui vai ficar só o Bicudo, livre, sozinho, sem ter mais combate nenhum, sem ter quem combate as larvas dele, e ele vai tomar conta do campo. E assim enfrentamos, eu tirei 1.600 kg por ha, sem usar veneno, todo coloridinho, a coisa mais bonita do mundo. Joãozinho ali, num ha tirou 500 kg, gastou mais

com veneno do que o dinheiro que ele apurou no algodão. Quer dizer, apanhou algodão – na lã é que tinha Bicudo.” (Seu Zé Sinésio)

Os recursos que movem a economia dos produtores de algodão no assentamento provêm da produção de alimentos para subsistência, da venda de um pequeno excedente, do cultivo da lavoura comercial do algodão, da compra e venda de animais de criação e de uma série de programas do governo para agricultores, como a aposentadoria dos mais velhos, e para a população carente em geral como o Bolsa Família. Neste processo o investimento considerado mais seguro e com maior liquidez quando surge uma necessidade inesperada é a compra de animais, ovelhas, bezerros, porcos, aves, que são vendidas para o abate quando é necessário batizar uma criança ou arcar com despesas médicas. Animais também são dados de presente para crianças e mulheres da família em aniversários ou outras datas marcantes como o nascimento de um filho, os chefes de família decidem sobre compra e venda desses animais, sempre repondo o bem da criança ou mulher com outro animal. Uma das características da condição de agricultor assentado é justamente a interação com técnicos dos órgãos competentes encarregados em fazer do programa de reforma agrária um empreendimento que gere riquezas para as famílias e a nação como um todo, a expectativa de produtividade dos assentamentos rurais tem crescido junto com a pressão para dar continuidade a distribuição de lotes para agricultores sem terras. Destas interações surgem experiências que abrem novas oportunidades para os chefes de família manterem a situação econômica em dia e muitas vezes poder ajudar os filhos mais novos a iniciarem seus núcleos familiares.

As técnicas tradicionais se caracterizavam por serem fundadas em recursos naturalmente disponíveis, acessíveis através da herança dos conhecimentos dos mais velhos e, quando ficou difícil eliminar o Bicudo dos campos de algodão mesmo com o uso de venenos potentes, a renda proveniente desta lavoura comercial foi negada ao agricultor, por algum tempo sendo substituída pelo agave usado na fabricação do sisal, mas que também perdeu a batalha para a tecnologia quando se passou a fabricar cordas de nylon, mais resistentes. Alexandre lembra que quando menino as condições podiam ser extremamente desfavoráveis e houve situações em que para beber água jogavam pó de cimento no vasilhame, que ao depositar no fundo levava junto as impurezas mais aparentes.

“eu espero que um dia apareça uma ONG que se interesse para adquirir um

certificado pra vender o milho, o feijão, batata doce, tudo que a gente produz como orgânico, preço melhor (Seu Paulo)

“_Agora, eu vejo muito o pessoal falando dessa questão de negociar o milho, o feijão. A Arribaça está com que tipo de idéia? _A gente tem pensado, mas é muito difícil. Porque o mercado, comparando, o feijão não é fashion. _Não é fashion, mas vende... Porque os mercados estão querendo, as pessoas estão querendo comprar o que for orgânico, principalmente alimentação. _Só que rico não come feijão. Come pasta de gergelim, doce, chocolate orgânico... milho e feijão parece que eles não come. É complicado. A gente já fez uma abordagem. Alexandre foi conversar com a São Braz. Eles estavam querendo aí criar uma linha, porque eles já têm uma linha de café orgânico. A gente estava querendo que eles criassem uma linha para milho orgânico. Por exemplo papa, canjiquinha, para criança. Qual é o pai que não quer comprar uma papinha da São Braz de milho orgânico? A gente tentou conversar com eles, mas eles vêem muito a questão do dinheiro. Eles preferem comprar o milho transgênico da Argentina ou daqui do Brasil, mesmo, que vá envenenar o povo aí, do que investir no orgânico. Mas eles vão terminar... essa onda, essa moda, vai absorvê-los. Mais dia menos dia vão vender milho, vão vender feijão, sem dúvida. A erva-doce orgânica já foi vendida este ano. A gente está pensando em fazer um projeto, com a Arribaça e a Embrapa, sobre a questão dos óleos. A idéia é de fazer esse projeto para colocar uma esmagadora aqui e trabalhar com óleos. Por exemplo, óleo para vender para a indústria de cosméticos, como a Natura. Imagine aí, um óleo para mulheres, orgânico. Estava pensando isso aí. É como vocês lançar uma coleção, né... qual a tendência? Procurando...

Negociando o algodão como orgânico, além de não gastar dinheiro com veneno, vende-se melhor o produto, capitalizando o lucro. Mas a rede de relações que está se construindo em torno da agricultura familiar na Borborema ainda não conseguiu articular uma relação com a iniciativa privada que absorva outros produtos além do algodão. Ainda sim, a Arribaça tem trabalhado na gestão de um projeto do governo federal para o abastecimento das instituições públicas locais com produtos da agricultura familiar da região, o PAA, Programa para Aquisição de Alimentos. Descentralizando a logística da distribuidora de alimentos

oficial do governo, a CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento, autoriza através de um trâmite burocrático que as associações de agricultores entreguem produtos diretamente a escolas, hospitais e asilos municipais, as vantagens incluem a alimentação dos beneficiados com produtos da cultura local e a diminuição da circulação de caminhões interestaduais para a distribuição de alimentos. Os agricultores do assentamento Queimadas ainda não aderiram ao programa mas os resultados tem sido positivos em outras comunidades, provavelmente em todo Brasil e recentemente o governo ampliou o programa e criou uma obrigação para prefeituras usarem pelo menos um percentual de suas compras em alimentos da agricultura familiar. O programa ainda valoriza a produção agroecológica pagando 30% a mais do valor do mercado convencional para os produtos sem veneno, que não precisam ser certificados, sendo a avaliação do técnico vinculado a instituição autorizada a supervisionar a produção, suficiente como certificado.

Com os novos benefícios e melhores condições de negócios, observa-se o início da acumulação de capital na forma de bens duráveis. As motocicletas e telefones celulares são os objetos mais visados, ambos servem a comunicação, um através do transporte físico de passageiros, e o outro como forma de se manter atualizado nas notícias de família e disponível para o trabalho de articulação dos processos produtivos e de distribuição.

3.3. É sem veneno porque veneno mata.

“_Mas antes do algodão o Sr. não estava botando veneno no roçado? _É, oia, antes de eu vir praqui, eu já participei de uns curso, com mode, é assim, o mal que o veneno faz, antes eu não tinha conhecimento, eu usava, depois que eu comecei a participar de umas reunião, o mal que o veneno faz, que traz prá família, que eu peguei o conhecimento, aí eu já parei de usar veneno, aí quando eu vim prá aqui em 99 eu já não usava mais, e até hoje continuo não usando.” (Seu Paulo)

(Seu Antônio de Pedro) _Eu tenho um amigo que gastava ali 10 litros de veneno por ano, prá aguar. (Dona Nitinha) _Prá aguar, só pra aguar, foi perdido. Quem vendeu o veneno mesmo disse: _Ó, o senhor se cuide, senão você vai morrer muito novo. Olha, no assentamento Queimada, aqui mesmo, nesse

tempo não era assentamento, que a minha mãe conhecia ali, tinha um senhor, que só aguava o roçado com veneno. Ele morreu com 40 anos. Chegou 40 anos ele morreu de veneno, deu toxicação. (Seu Antônio de Pedro) _É, com veneno é assim. (Dona Nitinha) -Ele morreu do ve-ne-no!

"Tudo que se faz com veneno se adoce.... eu lutava com veneno, eu trabalhava lá em Antônio Diniz e um dia fui inventar de ir matar umas furmiga lá no campo, fiz de carrada no capim, aí quando foi de tarde tava doente, me deu uma dor de cabeça, foi preciso ir no médico. Aí, de lá pra cá nunca mais usei veneno, é orgânico". (Seu Careca)

A categoria é sem veneno por que veneno mata é a mais trabalhada por ONGs e agentes públicos e privados vinculados ao desenvolvimento rural e possui duas abordagens distintas. Por um lado, na perspectiva da produção, com base em estatísticas diversas o discurso desses agentes associa a morte no campo ao uso indevido de agrotóxicos. Por outro lado, no campo do consumo, existe a difusão da idéia de que a ingestão de produtos produzidos com agrotóxicos podem causar danos à saúde dos familiares que consomem os alimentos. A saúde sempre foi uma preocupação para pais de família em condições precárias para nutrir e criar seus filhos e para os moradores em geral dos sítios no semiárido, distantes de médicos e hospitais, deixando espaço para medicina tradicional e tentativas de curas através da oração de rezadeiras, no Gabinete ainda realizadas por Dona Nenê. Os avanços sociais dos últimos dez anos facilitou o acesso a profissionais da saúde embora muito ainda dependa da vontade de políticos locais, alguns tomando decisões em benefício do seu eleitorado. O acompanhamento da gravidez de Vânia foi todo feito no por uma agente de saúde no posto médico de Cinco Lagoas, município de Casserengue, que atende a pequena população do vilarejo onde cresceu. Os exames de ultra sonografia, apesar de poderem ser feitos gratuitamente pelo SUS, foram feitos numa clínica particular para que pudessem receber os resultados em poucos dias, ao contrário de um mês que é o tempo que a rede municipal que atende a região demora para entregar os laudos.

Antes de se tornarem assentados, muitas vezes os trabalhadores eram obrigados a usar veneno nas lavouras dos *patrões*, quase sempre sem medidas de proteção estavam expostos aos riscos de saúde, mesmo sem usar *veneno* em seus próprios roçados. As novas

relações surgidas da vivência no assentamento e na rede do algodão fazem com que os agricultores passem a relacionar a questão dos riscos dos produtos tóxicos a problemas de saúde experimentados por parentes e vizinhos. Um exemplo é o caso do irmão gêmeo de Jacó, Isaú, que morreu depois de uma dedetização da SUCAM a sua casa quando ele ainda era recém-nascido. Apesar de Dona Bernadete insistir que a casa não estava infestada por “pulgões” e que os recém-nascidos poderiam sofrer com os efeitos do produto usado na ação, os agentes da SUCAM insistiram em dedetizar a casa e, coincidência ou não, em poucos dias o mais fraco não resistiu e morreu, sendo o único filho do casal que *não se criou*.

A saúde também sofre com novos padrões de consumo de alimentos. Apesar da produção do algodão e de cereais no assentamento ser orgânica, o novo poder aquisitivo permitiu o aumento do consumo de produtos industrializados, como o açúcar refinado que na casa de seu Pequeno, por exemplo, se consome um quilo por dia. Sucos em pó fabricados com açúcar e corantes, realçadores de sabor artificiais estão sempre presentes além da quantidade exagerada de óleo usada para cozinhar.

“_Mas antes do bicudo, vocês usavam veneno na agricultura? _Usava. _Mas era porque vocês tinham mais condições, não era todo mundo que podia... _Nós pulverizava, Isabel, teve um ano que deu tanto, que meu marido pulverizar, colocou um veneno tão forte que dessas aí foi bicudo? que não é que os passarinho, aquele bicho bicava, morreu foi muito. Mas fez muita safra boa, saia caminhão arrochado de algodão.” (Dona Alice)

A idéia de que o *veneno mata* se expande da saúde da família para a saúde do ambiente que a hospeda. Existe uma percepção da importância de um equilíbrio ecológico da biodiversidade local que garante culturalmente a subsistência do grupo. e a morte de passarinhos por causa do *veneno* no *roçado* se torna emblemática. De todos os agricultores que conheci no assentamento Seu Careca é o que tem os conceitos relacionados ao “ethos ecológico” mais desenvolvido na forma de um discurso articulado. Produtor de algodão, Seu Careca está muito próximo a AS-PTA que tem uma atuação forte no reflorestamento da região e com quem consegue muitas mudas para tornar o entorno de sua casa cada vez mais coberto de árvores frutíferas. Careca também foi o único a apontar para uma origem indígena que associa ao volume dos conhecimentos herdados sobre o ecossistema local. Em sua narrativa,

da qual selecionei apenas um trecho, ele discorre sobre o equilíbrio existente entre uma enorme quantidade de plantas e insetos tradicionais da região mostrando um profundo conhecimento da fauna e flora local. Apesar de hoje Careca ter desenvolvido práticas que tem como objetivo reduzir o dano ambiental, ele diz ter no passado caçado muitas aves e praticado queimadas nos roçados, hoje apontada por ele como a causa para o agravamento das condições climáticas no semiárido e no sertão.

Mas é justamente na manutenção do equilíbrio ambiental que o assentamento enfrenta uma de suas maiores críticas, o manejo dos resíduos sólidos. O lixo produzido no assentamento com aumento do consumo industrializado deixou de ser composto basicamente por material orgânico, 100% re-aproveitado, os restos de alimentos sendo usados para alimentar os animais e em último caso absorvido pela terra. Para um assentamento que pretende ser modelo na produção do algodão agroecológico as paisagens cobertas por embalagens e sacolas plásticas causam um certo embaraço. A primeira vez que vi Dona Bernadete acender a lenha do fogão queimando um pedaço de plástico, ali no nariz dela, fiquei chocada, a repostada de uma sobrinha veio rápida, *_Ué, mas como você quer que ela acenda o fogo?* Em 2011, um dos colaboradores da Arribaça, João Carlos, aprovou no HSBC um projeto trabalhar justamente as questões que tem se destacado como mais negativas na apreciação da Rede Paraíba do Algodão Agroecológico no que diz respeito a produção da agricultura familiar, o manejo do lixo e a preservação dos solos durante o ciclo produtivo da agricultura. Além disso o projeto que vai receber duzentos mil reais em recursos, visa trabalhar a arborização, reflorestamento e recuperação de mata ciliar. Nas próximas falas de Seu careca ele nos mostra um pouco da sua construção de mundo com visões de ecossistema e os prejuízos causadas pelas queimadas.

“_O ecossistema, tem que ter... primeiramente a gente tem que ter o elemento do espaço... quando a gente acaba um pé de goiaba ou um pé de umbu, ou um pé de xuí que dá fruta, aí aquele passarinho que vem, que vem migrando, eles num posa pra cumê, aí vai acabando, aí acaba aquele ecossistema... Quando a gente tem a floresta, quando a gente planta, nos temo a planta pra o... , chama a biodiversidade, né? Parece que é, aí quando a gente preserva, aí aquele passarinho que vem do meio do mundo, aí ele fica naquele canto, ele tem o ecossistema dele pra sobreviver. É um acordo de sobrevivência pros passarinho,

ai tem que ter. Quando a gente acaba.... muita gente destrói um pé de fruta, na caatinga tem o umbu, tem a acerola que a gente planta em casa, aquilo ali forma o ecossistema. No canto tem... o passarinho vem pra comer, e aquele passarinho, quando ele não acha o que comer, pode destruir uns e o outro ... ai vai acabando. Tem um exemplo, nós temo o tal do pardal, antigamente tinha o canário, o canário amarelo, a gente aqui tinha muito, hoje acabou, o pardal veio, e o canário amarelo, a comida que eles comia era uma planta que meu pai plantava, que eles comia. Acabaram a planta, não tou bem lembrado o que era a planta, mas acabaram... ai, tava em extinção, tudo em extinção. E o tejo-açu, ele come o ovo, o ovo de galinha, o tejo-açu ele só convive no canto que a gente planta e cria galinha. Lá em casa eu vejo, eles pega galinha, pega o ovo, o tejo-açu com o bico come o ovo. Ai quando as galinhas põem dentro do mato a mulher não acha bom não, mas eu deixo, eles beber o ovo pra se criar, pra nunca acabar o ecossistema. Porque é assim, a vida. (Seu Careca)

*“_Tá em ordem, eu to em casa. ... o dia todinho. Eu só tou mais trabalhando quando é tempo de serviço, esse tempo de seca eu tou mais em casa, é...nós tamos esperando o inverno. **_Tá chegando?** _Tá, ele tá chegando, se, pela experiência que tem, das ave e dos bicho, o inverno é tarde... se mal se ingano, mas, porque todo tempo tava nessa chuvada, aquela chuvada que deu de janeiro, ali foi um prêmio de consolação. Porque de janeiro, desde meus pais, quando eu era menino, a chuvada de janeiro tá dada (incompreensível). Ai o mês de fevereiro cisma só com esse sereno, esse sereno que dá não é bom sinal não, mas se já é um pouco mais tarde, mais é bom. Agora ele tá muito diferente porque ele esquentou o tempo, esse sol, a gente tá notando que o sol não tá como antigamente, esse sol tá fazendo raio violeta, e acaba com a pele da gente, e a gente tem que se prevenir. **_Não é? E o senhor se previne como?** _Pelo sol, que o sol normal bate no quengo da gente e não queima, não dói, e essa quentura pega na pele da gente, dói, nós sentimo, dói. Ai ninguém guenta. **_E o senhor acha que mudou assim por que?** _Devido às queimada, devido à poluição, devido essas baixa, o cabra vai e queima, o povo ranca, acaba os mato, corta as floresta, acaba as floresta. Aqui em Lagoa do Jogo, você teve ali meia mata, ai os cabra*

pegaram a queimar, aí junta aquela poluição, a queimada, a chuva, homê, prá ter uma ideia, onde você põe uma coivara, a nuvem tá naquele canto ela passa e não cobre. Já escutei isso pelo um cientista inclusive dizendo, tava um dia andando, meia noite, aí paramo, eu entendi que, até uma coisa que ele falou _Se tem uma coivara a chuva vem e quando ela pega aquela fumaça, aí forma aquele elinho, no ar, aí pronto, passa, vão embora e provoca a seca, e no sul, quando não provoca a seca, provoca essa cheia... essa cheia não é normal, não. O inverno do ano passado também aqui não foi normal não. Porque o ano passado chovia, e quando terminava de chover, você via dentro da nuvem, dentro daquela chuva, aquela fumaça branca... aquilo o que se planta adoecia, a doença da rua, só devido à queimada e o desmatamento. Naquele assentamento ali, se todo mundo plantasse, cortasse uma árvore e plantasse outra, era bom. Plante um pé de fruta, um pé de manga... Não plante, que não dá uva... a gente planta um caju, que não é obrigado a gente a só plantar num canto que só dá uma planta que tem água, não, plante uma planta rústica que nem o caju, a manga, coqueiro, um pé daquela... sabiá, as plantas que tem que não consomem muita água, aí pronto, floresta de novo... aí não tem seca.” (Seu Careca)

Seu Careca, Seu Zé Sinésio e outros chefes de família lutam para criar condições econômicas, sociais, ambientais, para que seus filhos e as sucessivas gerações possam dar continuidade a vida, respeitando o conhecimento das gerações que os fizeram chegar até aqui.

“_O que o senhor pensa aí, pro futuro? _É, hoje mesmo eu trabalho, eu trabalho prá família, prá vê se eu organizo eles, prá um dia, quando a gente sai de perto deles, vê se eles fica um povo organizado, e sem esquentar a cabeça que nem eu esquentei prá cria eles. A minha luta é essa, não é prá mim não, a minha luta é pra organizar eles, que eu acho eles ainda muito, muito fraco. É, a minha luta é prá isso.” (Seu Zé Sinésio)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alinhamento de agentes sociais em torno da produção e distribuição do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas vive um processo contínuo de mudanças no que diz respeito aos atores que fazem parte da Rede Paraíba de Algodão Agroecológico. Em 2011 o espírito inquieto de Seu Zé Sinésio o levou embora do assentamento Queimadas, indo trabalhar em uma fazenda em João Pessoa, e com ele, Dona Bernadete e o pequeno neto, Wesley. Em seu lote ficaram os filhos solteiros Elias e André. A saída de Seu Zé do assentamento pode ter enfraquecido a participação do restante dos moradores do Gabinete na Rede Paraíba, que sem sua liderança continua produzindo, mas com menor participação nas negociações dos contratos. Porém, a quantidade de atores que compareceram ao V seminário da Rede Semiárido de Algodão Agroecológico indica que a longevidade do algodão *sem veneno* que se iniciou com suas pesquisas não está ameaçada, já que o mercado parece estar cada vez mais disposto a "dialogar" com o "ethos ecológico" e absorver a produção de quantos agricultores se interessarem pelo projeto, embora os caminhos de distribuição ainda estejam truncados e as negociações complexas e sujeitas a pequenos fracassos.

Esse interesse do mercado por produtos originários do que vem sendo chamado de "economia verde", não só atraiu interesse de empresas para experiências locais como a do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, mas também o interesse de pesquisadores em estudar as complexidades que envolvem os processos particulares que determinam interações sociais antes improváveis. Eu considero um dos resultados mais positivos deste trabalho, a tentativa de resgatar a importância da cultura que surge em torno da produção de algodão no nordeste brasileiro. Assim como os desbravadores do território brasileiro nos séculos após o "descobrimento", as ciências sociais contornaram a Borborema para chegar ao sertão, deixando de lado a riqueza que é o encontro da cultura da cana de açúcar com a cultura do gado no alto agreste. Esta cultura, como espero ter demonstrado neste trabalho, é formadora das relações entre os homens e as terras no semiárido paraibano e de outros estados do nordeste, abrindo um rico campo de pesquisa para conhecermos a diversidade que se encontra em nossa sociedade.

Outros contextos podem revelar outras relações entre o ethos ecológico e o cotidiano de populações não urbanas, e ao final, se a análise das questões abordadas, na sua

diversidade, não atingiu a profundidade que faria dela uma etnografia das relações em torno do algodão *sem veneno* do assentamento Queimadas, espero ter alcançado ao menos um ponto de partida para que outros possam se interessar por elas e buscar respostas para suas próprias inquietações. Tenho certeza que novas pesquisas serão bem-vindas na região por esses atores ávidos pelo crescimento do capital social decorrente da trocas de experiências como a da pesquisa etnográfica, carregadas na heterogeneidade.

Se tivesse que arriscar uma previsão sobre o futuro da Rede Paraíba de Algodão Agroecológico, eu diria que a tendência é a rede crescer e ganhar espaço no mapa internacional da produção de algodão orgânico. O mercado já reservou espaço para o algodão *sem veneno* e eu acredito que este espaço tende a se expandir. No campo da produção a geração de filhos de agricultores que está aprofundando os estudos e adquirindo experiência de trabalho nas ONGs está contribuindo no trabalho de gestão dos projetos da agricultura familiar. A transformação observada até agora se baseia em menos de dez anos da experiência do algodão *sem veneno* no assentamento Queimadas. A EMBRAPA Algodão continua investindo na tradição agora buscando revitalizar a cultura do algodão arbóreo que foi tão importante para economia brasileira.

No que diz respeito ao campo, acredito ter atingido o meu objetivo de ser fiel e manter o respeito as particularidades das situações e objetivos individuais ou de grupos. As sutilezas das construções feitas de visão de mundo por aqueles que, apesar de terem a mesma nacionalidade, muitas vezes a mesma idade que eu, e expostos pelos meios de comunicação, em menor escala, as mesmas informações sobre os perigos ambientais da sociedade contemporânea, partem de experiências de vida que, por mais que eu me aproxime delas, não acredito possa vir a ter uma abrangente compreensão dos seu significados, e sim “insights” destes que estão em constante resignificação. Quanto a este trabalho, acredito que tenho em mãos uma “coisa” da qual não se sabe ainda qual será sua trajetória. Como tem sido em minha vida, agarrei a oportunidade de desenvolvê-lo e agora o tempo irá dizer com ele vai se integrar a minhas experiências anteriores e modelar as futuras.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste* 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Manuel Correia de. *AS TENTATIVAS DE ORGANIZAÇÃO DAS MASSAS RURAIS – AS LIGAS CAMPONESAS E A SINDICALIZAÇÃO DOS TRABALHADORES DO CAMPO* (1963) Em: Camponeses brasileiros, vol. I. Leituras e interpretações clássicas. Clifford A. Welch, Edgard Malagodi, Josefa S. B. Cavalcanti, Maria de Nazareth B. Wanderley (Orgs.). 2009 Editora UNESP. São Paulo

APPADURAI, Arjun. *Introduction: commodities and the politics of value*. Em, *The Social Life of Things: Commodities in cultural perspective*. Edited by Arjun Appadurai - Cambridge University Press, 2007

APPADURAI, Arjun. *Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology* Em: *Recapturing anthropology: working in the present* Edited by Richard G. Fox - School of America Research Press, Santa Fé , New Mexico, 1991

APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural dimensions of globalization*. The University of Minnesota Press, Minneapolis, 1996

ARANHA, Gervásio Batista. *Campina Grande no espaço econômico regional: Estrada de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907-1957)* – Dissertação de mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Centro de Humanidades, Campina Grande PB, Dezembro 1991

ASSIS, Renato Linhares de. *Desenvolvimento Rural Sustentável no Brasil: Perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia* Revista Scielo

BARREIRA, César. *Parceria na Cultura do Algodão: Sertões de Quixeramobim*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Dezembro de 1977

BELTRÃO, Napoleão Esberard de Macedo, *Documentos 117, Breve História do Algodão no Nordeste*, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro Nacional de Pesquisa de Algodão, Campina Grande, PB, 2003

CÂMARA CASCUDO, Luis da. *Tradições Populares da Pecuária Nordestina*. Documentário da Vida Rural nº 9, 1956

CARNEIRO, Maria José *Apresentação Em: Identidades sociais: Ruralidades no Brasil contemporâneo*. Roberto José Moreira (org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2005

CAMPBELL, Collin. *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno* Rocco, 1987

CLAMMER, John. "*Approaches to ethnographic research*". Em: Roy Allen (ed.). *Ethnographic research: a guide to general conduct*. Londres: Academic Press. 1984.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 3ª edição. Ed Hucitec, São Paulo. 2001

GARCIA JUNIOR, Afonso Raul. *Terra de Trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores* - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA, Marie France. *Feira e trabalhadores Rurais: As feiras do brejo e do agreste paraibano*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu nacional - UFRJ - Rio de Janeiro, 1984

GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. Basic Books New York, 2000

HALSALL, Paul. 1997. *A Summary of Immanuel Wallerstein, The Modern World System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World*

Economy in the Sixteenth Century (New York: Academic Press, 1974). IN: Modern History Sourcebook

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil* - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979

GOODY, Jack. *O Roubo da História* – São Paulo: Editora Contexto, 2012

JULIÃO, Francisco *QUE SÃO AS LIGAS CAMPONESAS? (1962)* Em: *Camponeses brasileiros vol. I. Leituras e interpretações clássicas*, Clifford A. Welch, Edgard Malagodi, Josefa S. B. Cavalcanti, Maria de Nazareth B. Wanderley (Orgs.). 2009 Editora UNESP. São Paulo

KUKLICK, henrika. *"After Ishmael: the fieldwork tradition and its future"*. Em: Akhil Gupta e James Ferguson (eds.) *Anthropological Locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkely: University of California Press. 1997

LEIS, Héctor Ricardo & D'AMATO, José Luis. 2003. *"O Ambientalismo com Movimento Vital: Análise de suas Dimensões Histórica, Ética e Vivencial"*. Em: Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável/ Clóvis Cavalcanti (org). São Paulo: Cortez: Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco

MACEDO, Justo Cáceres. *Prehispanic Cultures of Peru*. Guide of Peruvian Archeology, Lima Peru, 2004

MARIZ, Celso. *Apanhados Históricos da Paraíba*. 2ª. ed. Editora Universitária UFPB João Pessoa 1980

MILTON, Kay. *Environmentalism and anthropology* (p: 1/17) Em: ASA Monographs, 32 Environmentalism: The view from anthropology Edited by Kay Milton, London: Routledge, 1993

MINTZ, Sidney Wilfred. *Sweetness and power: the place of sugar in modern history* - New York: Penguin Books, 1986

MITCHELL, J. Clyde. *Social Networks*. Em: Annual Review of Anthropology, Vol. 3, 1974, pp. 279-299

MOREIRA, Emília/TARGINO, Ivan. *Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997

REDCLIFT, Michael R. *Sustainable Development (1987 -2005) - An Oxymoron comes of Age*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n.25, p. 65-84, jan/jun 2006

SANTILLI, Juliana *Socioambientalismo e novos direitos*. São Paulo - Petrópolis, 2005

SILVA, Luciana Henrique da. *A história contada: surgimento do MST na Paraíba*. João Pessoa - Número Um - Abril de 2000

STEIN, Stanley J. *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950* - Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda., 1979

STOCKING Jr., George. *"The ethnographer's magic: fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski"*. Em: ___(ed.). *Observers Observed: essays on ethnographic fieldwork*. Madison: The University of Wisconsin Press.1983

VASCONCELLOS, Silvano A. *A Ascensão e Queda da Economia Algodoeira de Campina Grande (1907 - 1940) - Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado no curso de Engenharia de Produção da UFPB, João Pessoa, PB, 1980

VIDAL, Maria de Fátima, CARNEIRO, Wendell Márcio Araújo. *COTONICULTURA nos Cerrados Nordeste: Produção, Mercado e Estruturação da Cadeia Produtiva*. Documentos do ETENE (Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste) Nº 13. Fortaleza, 2006

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Edição de Antônio Flávio Pierucci, São Paulo, Editora Schwarcz, 2008



PRANCHA Nº 1: Seu Zé Sinésio e Dona Bernadete

*À esquerda:
Dona Bernadete com os filhos em frente a casa em que mora no assentamento*

Seu Zé Sinésio e Vânia

*Abaixo:
Mãe e irmã de Seu Zé Sinésio em casa no Casserengue*





PRANCHA Nº 2 : I Festa da Coheita do Algodão Agroecológico

Dezembro de 2008

Assentamento Queimadas

Casa de Vânia e Roçado de Seu Pequeno



À esquerda:

Fachada da casa de Vânia

Fabiana (de rosa) prepara mesa do café da manhã

Susana e Neidinha lavam a louça nos fundos da casa





PRANCHA Nº 3 : Casamento de Jacó e Graça no Pinhão



*À esquerda:
Enfeites*

*Seu Zé e Dona Bernadete com os noivos
Dona Alice com os noivos*



Vânia com Lenita, Ilda e a filha, cunhadas que moram em São Paulo

*Abaixo:
Wesley e Giovana, sobrinhos dos noivos*

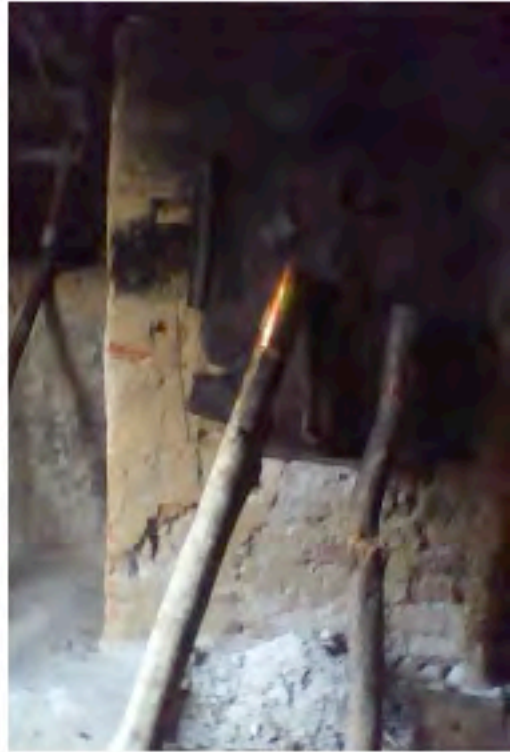




PRANCHA Nº 4: Dona Zete, Susana, Patricia e Pedrinho.

Apesar de possuir uma cozinha convencional com fogão a gás, Dona Zete construiu uma cozinha de barro onde prepara as refeições da família

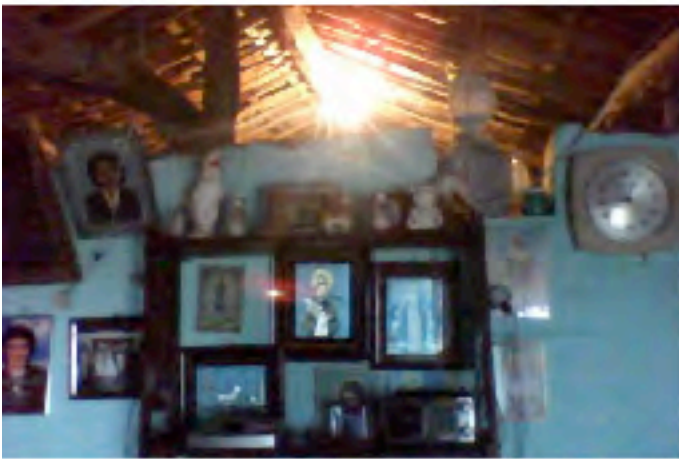




PRANCHA Nº 5 : Cinco Lagoas

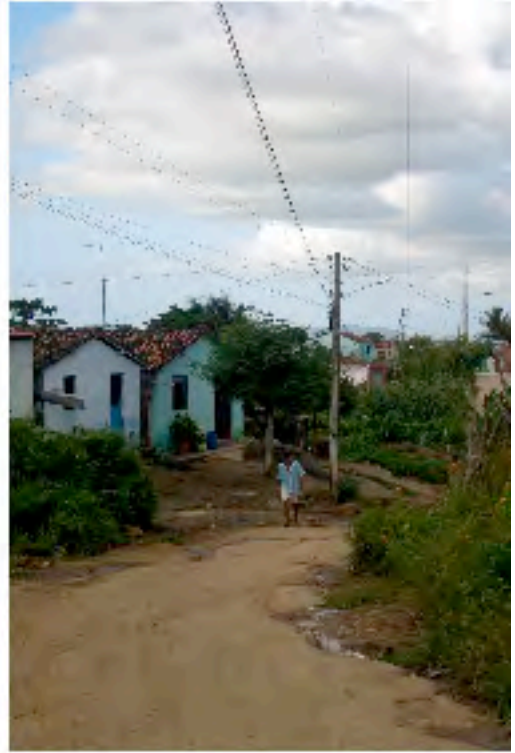
Susana e a tia, irmã de Pequeno, na padaria

O forno e a bancada usados para preparar a soda e a broa



Casa de taipa onde moram os pais de Pequeno chamados pelos netos de Padrinho e Madrinha



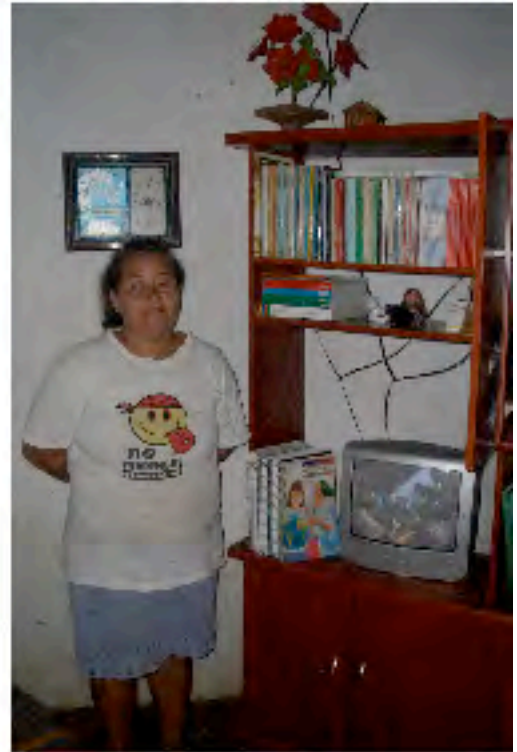


PRANCHA Nº 6 : Artesãs do labirinto na Serra Rajada

*À esquerda:
Dona Creuza bordando em casa e
3 gerações de artesãs*

*À direita:
Vilarejo onde moram as artesãs*





PRANCHA Nº 7: Agrovila Lagoa do Jogo
À esquerda:

Seu Chico, pais e irmão no alpendre de sua casa

Seu Chico e Maria José

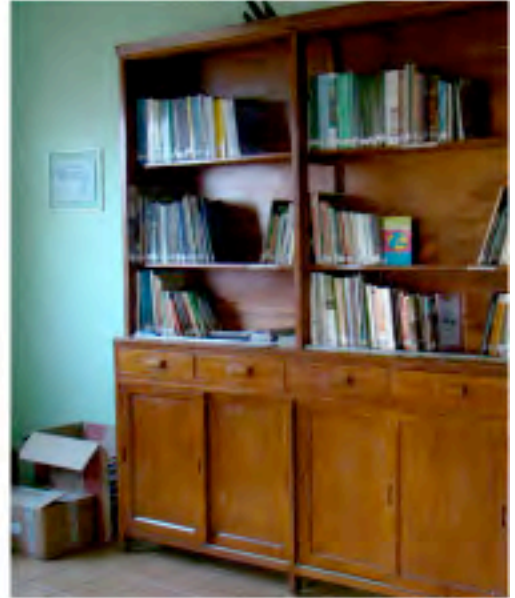
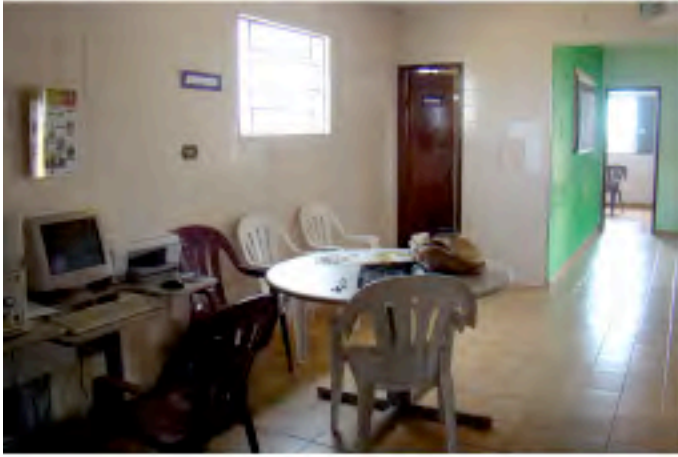
Seu Nivaldo

Família de Seu Paulo selecionando sementes

À direita: Dona Maria José com a biblioteca que montou em sua casa, aberta para consultas

Seu Paulo e suas "sementes da paixão"





PRANCHA Nº 8: Arribaçã

À esquerda:

Reunião da Articulação do Semiárido no Arribaçã. Em pé, Luciano da As_PTA e Diógenes do Polo Sindical

Ambiente interno da sede da Arribaçã

Reunião em Barra de Santa Rosa coordenada por Seu Heleno (de chapéu) da Arribaçã

Amália, Izabel e Toni na Arribaçã



Abaixo:

Izabel prepara o almoço na Arribaçã





PRANCHA Nº 9 : Assentamento Margarida Maria

À esquerda:

Agrovila do assentamento Margarida Maria

Algodão do Cariri chega para ser beneficiado na mini usina

Presidente da Cooperativa, Dona Preta nos recebe no alpendre de sua casa

Equipamento dentro da usina: descarçadeira e prensa (acima)





PRANCHA Nº 10 : Moradores do Gabinete

À esquerda:

A visita da cobra a casa de Vânia

Dona Nenê

Seu Peixoto

Zé Amaral e Tita

Acima: João Batista (de Nenê)

Abaixo: Antônio de Pedro e Nitinha





PRANCHA Nº II : Mario Pereira e Careca

*Acima:
A família e a casa de Seu Mario Pereira*



*Abaixo:
A família e a casa de Seu Careca*





PRANCHA Nº 12 : Reunião na Associação de Moradores do Assentamento Queimadas

*À esquerda:
Moradores na porta da sede da associação*

João Batista (em pé) fala para os associados sobre o projeto da COEP (técnico sentado)

Platéia atenta a João Batista

Moradores votam nos candidatos a ocupar 3 lotes vagos



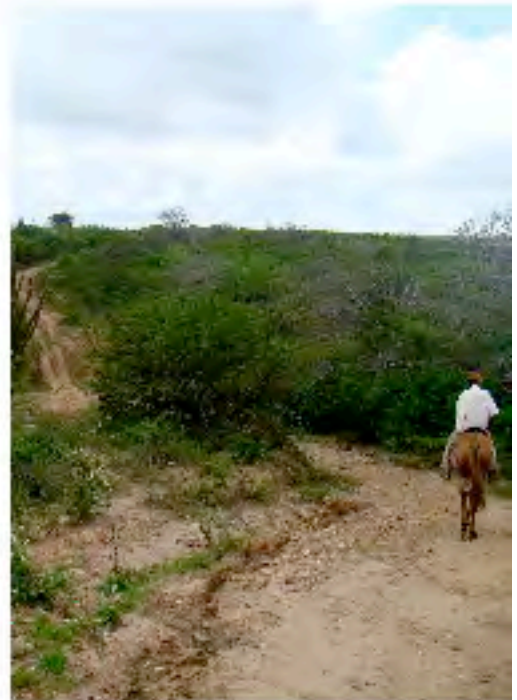


PRANCHA N° 13: Variação nas paisagens do assentamento Queimadas de acordo com a Estação

*Acima:
Verão*



*Abaixo:
Inverno*





PRANCHA Nº 14

A propriedade do Volume e os tanque de água





PRANCHA Nº 15

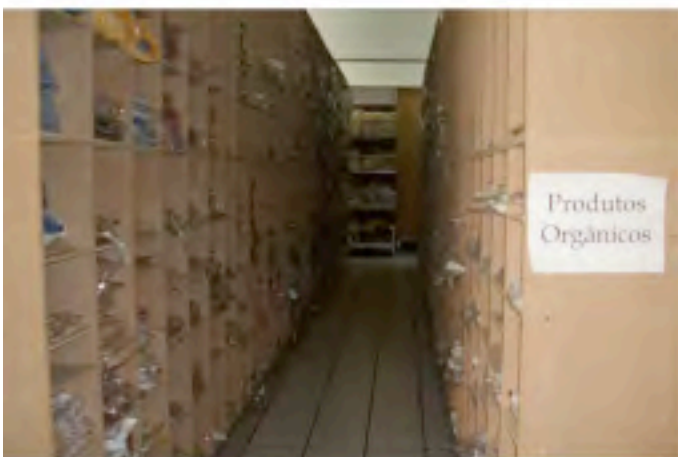
Agricultores vendem produtos da agricultura familiar e produtos manufaturados na feira de Arara



PRANCHA Nº 16: Coopnatural

*À esquerda:
Ambientes internos da cooperativa*

*À direita:
Imagens dos produtos expostos na loja do
Praia Shopping*





PRANCHA N° 17: V Seminário da Rede Semiárido de Algodão Agroecológico

Apresentação folclórica

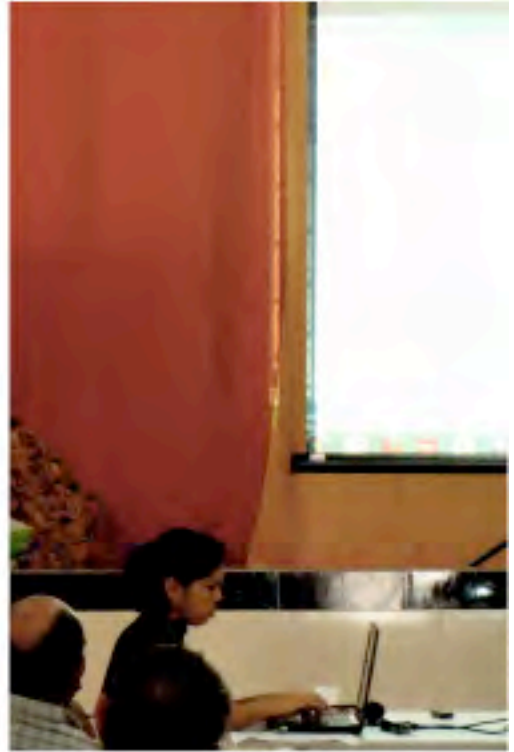


Maysa, Romain e Violette falam sobre mercado de produtos de algodão orgânico

Almoço no salão de festas Oásis



PI	Localidade	SA	DA	Área	Cooperativa	CI	Observações
PI	LABARINHA	54	08	4.750	Cooperativa MILMO	CI 001, 02 e 03	Assessoria técnica
PI	AFRÓPOLIS	30	06	15.200	VEJA (Paraná) Sítio (Itambé)	CI e 08	Assessoria técnica previdência de aposentadoria pública e sistema de irrigação
PI	CEPAGUÁ	15	14,2	1036	VEJA (Paraná)	08	Assessoria técnica
CI	AÉRC	196	109	5279	VEJA (Paraná) Trama	CI, 08 e 03 001 e 02	Assessoria técnica
CI	APUÁ	39	25,4	2700			



PRANCHA Nº 18: V Seminário da Rede Semiárido de Algodão Agroecológico



Amélia digita no computador os dados da safra que são lidos por representantes dos grupos e exibidos no telão



Careca e Naldo representam o assentamento no seminário

Na primeira fila, Carolinie, Romain e Violette (de costas)

Alfonso e Pedro Jorge da ESPLAR





PRANCHA N° 19: Dia de Campo

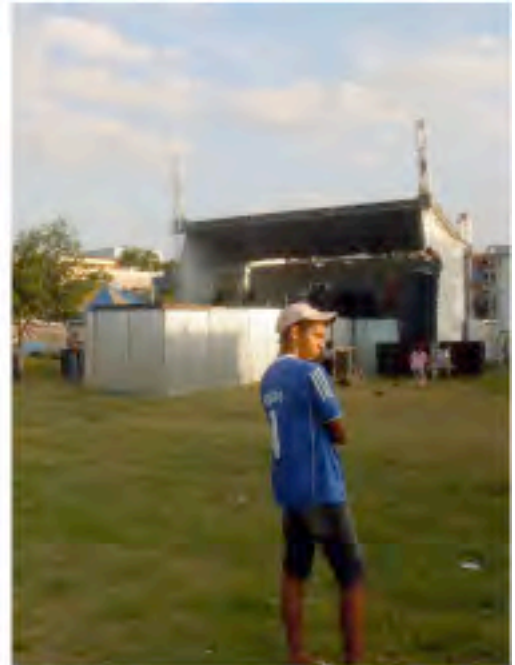
Visita ao roçado de algodão colorido de Zé Amaral



PROJETOS Econômicos
 AGRIC- José Amaral - SEMA 2018-2019
 Algodão Colorido

SERVIÇOS	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
PASSEIRO 05 2020	3/4 16	30,00	480,00
PRANHA ELABORAÇÃO COMERCIAL	1/4 02	1000,00	200,00
CONSULTORIA (2)	0/4 02	2000,00	4000,00
DESENVOLVIMENTO (2)	0/4 04	3000,00	12000,00
PRELIMINAR ORÇAMENTO	0/4 02	3000,00	6000,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	800,00	1600,00
ELABORAÇÃO	0/4 02	200,00	400,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	160,00	320,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	160,00	320,00
DESENVOLVIMENTO (A)			23400,00
RECEITA	0/4 02	700,00	1400,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	160,00	320,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	160,00	320,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	160,00	320,00
DESENVOLVIMENTO	0/4 02	160,00	320,00
TOTAL			146800,00





PRANCHA Nº 20: Salão Territorial da Borborema

Imagens do palco e dos stands montados para o salão na Lagoa Parque Senhor dos Passos





PRANCHA Nº 21: Salão Territorial da Borborema

Exposição de animais

Vendas feitas por Vânia no stand da Coopnatural

Meninos jogam videogame no stand da Arribaçã

Exposição de Insetos, pedras e sementes, no stand da UFPB atrai as crianças, futuros estudantes.





PRANCHA N° 22: Abertura III Festa da Colheita

Apresentação da Fanfarra Simples Farol Remigense

Autoridades locais e estaduais e Zé Amaral discursam para a platéia

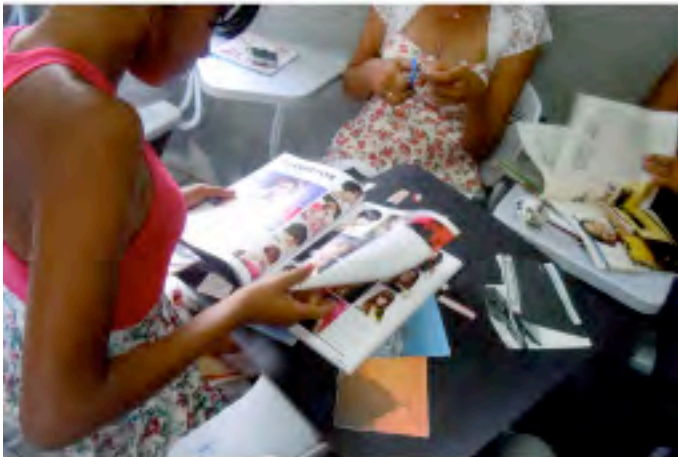
Marenilson discursa cercado por integrantes da fanfarra





PRANCHA Nº 23: Minicursos

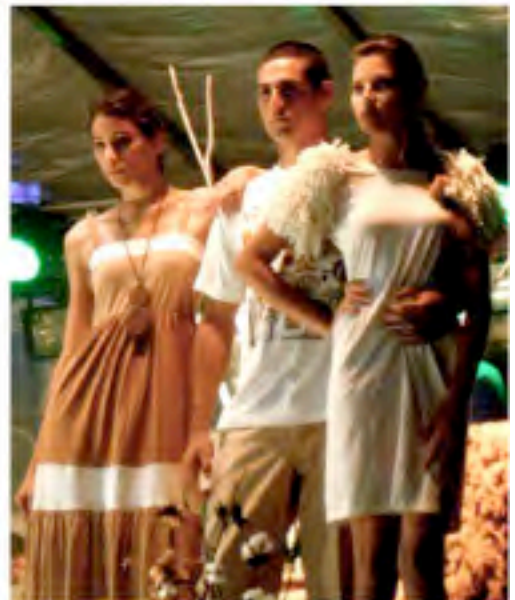
Oficina de processos criativos para desenho de coleções de moda





PRANCHA Nº 24: Desfile

Platéia e modelos na passarela na noite de sábado para o desfile do Algodão Agroecológico





PRANCHA Nº 25: Baixinho do Pandeiro

Entrevista para Jerimun e Xique-Xique em um dos stands do salão territorial

E no palco com a banda Balaê Music





*PRANCHA N° 26: Palco alternativo
A platéia e as apresentações de repentistas*





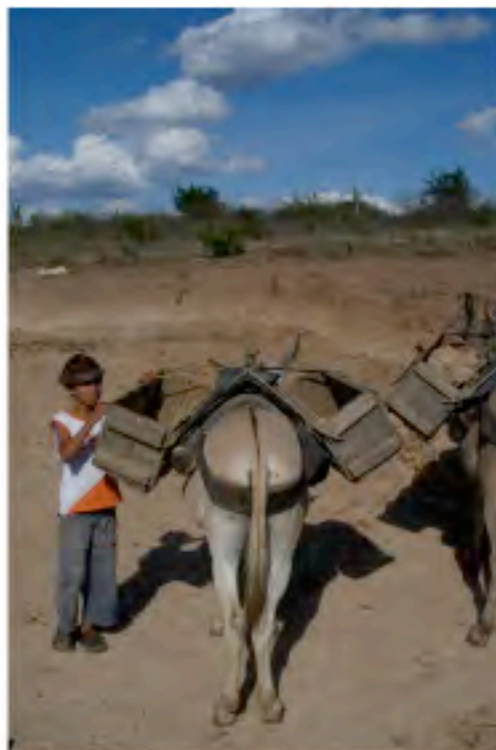
PRANCHA Nº 27: Festa, Noite de Domingo

Severino Cavalcanti, poeta homenageado da Noite

Amália e as irmãs com Melchior

O baile ao som do grupo “Três do Nordeste”





PRANCHA N° 28:

A evolução do barreiro no lote de Seu Pequeno





PRANCHA Nº 29: Argolinha

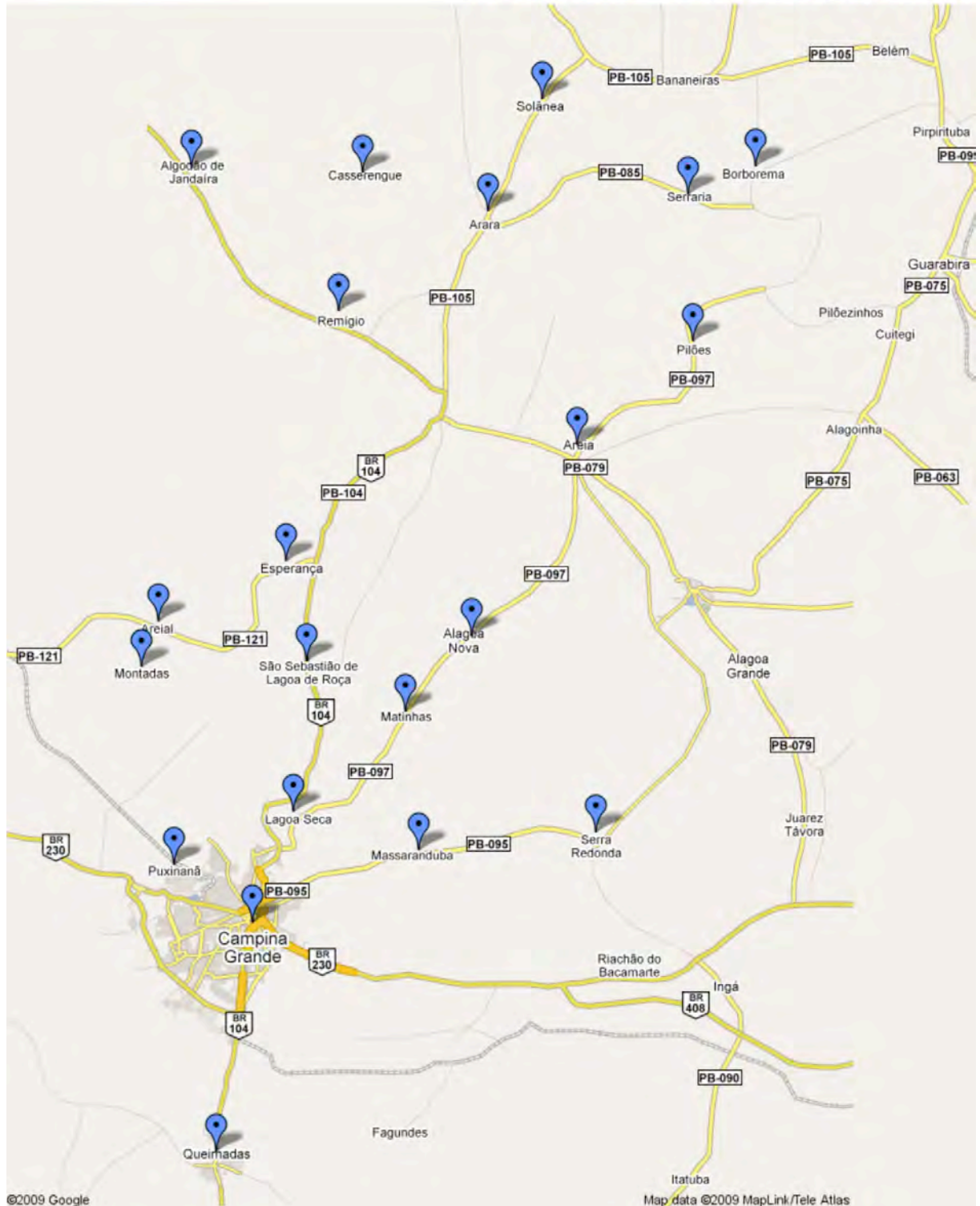
Alexandre e outro morador praticam para a corrida de Argolinha

A Arribaça ajuda a pensar nos preparativos, mas a iniciativa e produção é dos assentados

*Abaixo:
Alexandre montando a trave para a corrida*



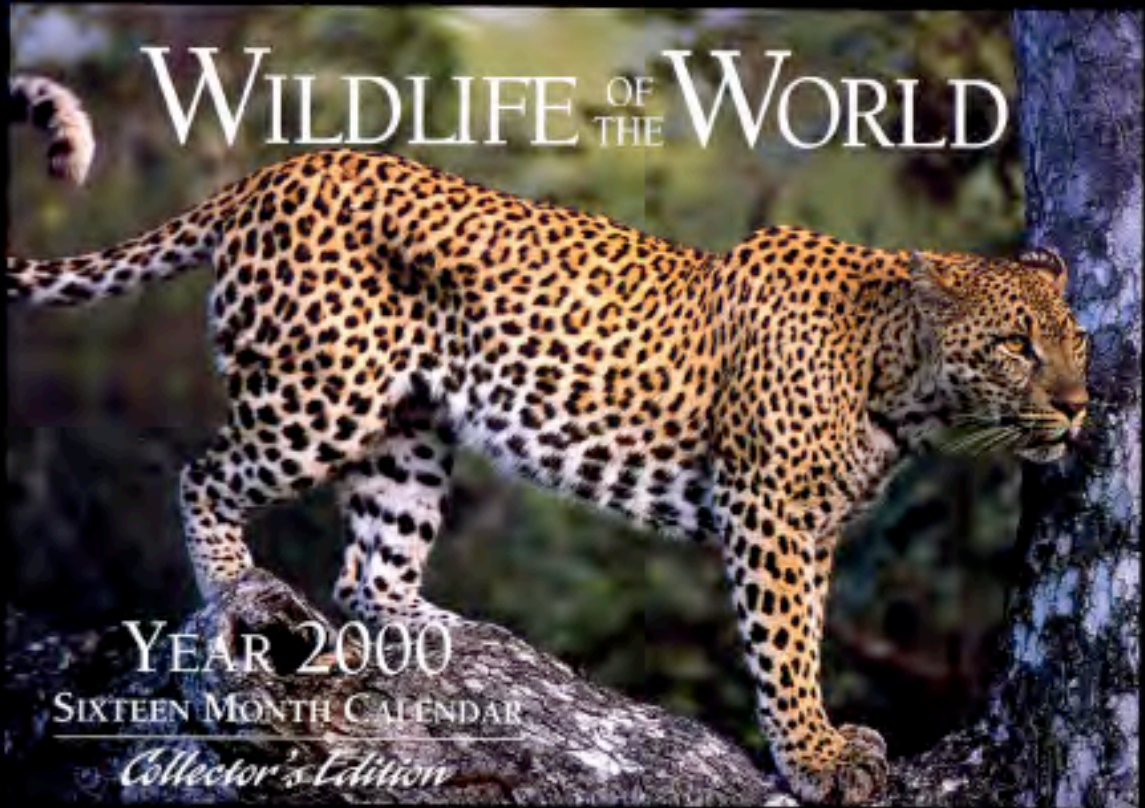
Território da Borborema





WORLD WILDLIFE FUND

WILDLIFE OF THE WORLD



YEAR 2000

SIXTEEN MONTH CALENDAR

Collector's Edition



A Note From
Ms. Isabel M. Moreira



*Calendário e bloco de notas
personalizado distribuídos pela
WWF para associados*

ECOLLECTION at MAGIC

AN ECO-FASHION EXPERIENCE MEN'S, WOMEN'S AND KIDS' FASHION, BEAUTY AND LIFESTYLE

A total eco experience — from a juried and progressive collection of eco-minded apparel and products, to seminars, fashion shows, luxe lounges and a resource gallery!

It's all about eco and it would be an honor to have you join us!



Premiering August 25-27, 2008
Las Vegas Convention Center Central Hall



Natural Fashion

O nosso algodão já nasce colorido

Visite nosso site:
www.naturalfashion.com.br

Entre em contato conosco:
naturalfashion@naturalfashion.com.br

Rua Vigário Calixto 210A, Catolé
Campina Grande, PB - Brasil
CEP: 58 104-480

Campina Grande - PB - Brasil

LITERATURA DE CORDEL

Autor: Silas Silva



SILAS

O NOSSO ALGODÃO JÁ NASCE COLORIDO